

Milton Carlos Mariotti



Atividades Expressivas, Criativas e Artísticas

Prática Clínica,
ensino-aprendizagem e
pesquisa em
Terapia Ocupacional



A Terapia Ocupacional como profissão de nível superior e regulamentada, existe, no Brasil há apenas cinquenta anos, porém como método de tratamento é milenar. Neste trabalho, será utilizado o termo Terapia Ocupacional, grafado em letras iniciais maiúsculas para referência à profissão e terapia ocupacional grafado em letras iniciais minúsculas para referência ao método de tratamento. O método de tratamento caracteriza-se por três elementos participantes: o paciente/cliente, o terapeuta ocupacional e a atividade ou ocupação. É preciso lembrar que este processo é sempre composto pela inter-relação destes três elementos. Porém neste trabalho, o enfoque principal será sobre um desses elementos, a atividade. Atividade é um termo genérico, utilizado para designar o terceiro elemento do processo de terapia ocupacional. Atividade humana é, sem dúvida, muito complexa e abrangente, sendo muitas vezes utilizada como sinônimo de ocupação humana.



Atividades Expressivas, Criativas e Artísticas

**Prática Clínica, ensino-aprendizagem e
pesquisa em Terapia Ocupacional**



Diálogos *Transdisciplinares* **em Educação**

Diretor da série:

Herlon Alves Bezerra

Comitê Científico e Editorial:

Caroline Farias Leal Mendonça; Leandro de Proença Lopes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção/CE, Brasil

Helder Manuel Guerra Henriques
Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Portalegre, Portugal

Bernadete de Lourdes Ramos Beserra; Léo Barbosa Nepomuceno; Mariana Tavares Cavalcanti Liberato
Universidade Federal do Ceará – Fortaleza/CE, Brasil

Carlos Alberto Batista Santos; Juracy Marques
Universidade do Estado da Bahia – Brasil

Aline Lima da Silveira Lage
Instituto Nacional de Educação de Surdos – Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Carlos César Leal Xavier; Pablo Dias Fortes
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz – Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Ana Carmen de Souza Santana; Dilsilene Maria Ayres de Santana; Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior
Universidade Federal do Tocantins – Palmas/TO, Brasil

Carlos Eduardo Panosso
Instituto Federal do Tocantins – Palmas/TO, Brasil

Edson Hely Silva
Universidade Federal de Pernambuco – Recife/PE, Brasil

Alexandre Franca Barreto, Eliana de Barros Monteiro, Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Universidade Federal do Vale do São Francisco – Petrolina/PE, Brasil

Ana Patrícia Frederico Silveira, Ana Patrícia Vargas Borges, André Ricardo Dias Santos, Antônio Marcos da Conceição Uchôa, Bartolomeu Lins de Barros Júnior, Clécia Simone Gonçalves Rosa Pacheco, Cristiano Dias da Silva, Edivânia Granja da Silva Oliveira, Eduardo Barbosa Vergolino, Francisco Kelsen de Oliveira, Gabriel Kafure da Rocha, Juliano Varela de Oliveira, Márcia Farias de Oliveira Sá, Maria Alcione Gonçalves da Costa, Matheus Henrique da Fonseca Barros, Rodolfo Rodrigo Santos Feitosa, Sebastião Francisco de Almeida Filho, Tito Eugênio Santos Souza, Valter Cezar Andrade Júnior
Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Petrolina/PE, Brasil

Atividades Expressivas, Criativas e Artísticas

**Prática Clínica, ensino-aprendizagem e
pesquisa em Terapia Ocupacional**

Milton Carlos Mariotti



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

Fotografia de capa: Evie S. - <https://unsplash.com/@evieshaffer>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Diálogos Transdisciplinares em Educação — 31

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MARIOTTI, Milton Carlos

Atividades expressivas, criativas e artísticas: Prática Clínica, ensino-aprendizagem e pesquisa em Terapia Ocupacional [recurso eletrônico] / Milton Carlos Mariotti -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

180 p.

ISBN - 978-85-5696-800-5

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Medicina; 2. Psicologia; 3. Terapia Ocupacional; 4. Arte; 5. Clínica; I. Título.

CDD: 615

Índices para catálogo sistemático:

1. Matéria medica e terapêutica

615

Agradecimentos

À minha família: Simone, Gabrielle e Isabelle, por tentarem compreender as horas de recolhimento e ausência de nosso precioso convívio familiar, dedicadas à elaboração deste trabalho.

À Professora Doutora Natalice de Jesus Rodrigues Giovannoni, por seu espírito aberto e inovador, por sua dedicação, atenção, apoio e amizade.

Aos profissionais com quem partilhei o trabalho no atendimento aos pacientes, pela confiança e companheirismo.

Às instituições onde os trabalhos foram desenvolvidos, pela confiança e apoio

Aos pacientes/clientes/usuários.

À Universidade Federal do Paraná.

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE UFPR, pelo incentivo.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior - CAPES pelo apoio financeiro na publicação desse livro.

À Linha de pesquisa do PPGE-UFPR, Cognição, aprendizagem e Desenvolvimento Humano na pessoa de sua coordenadora Professora Doutora Tânia Stoltz pelo acolhimento, apoio e incentivo.

Apresentação do autor

Milton Carlos Mariotti, é Professor Associado do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná e Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade, na linha de pesquisa Cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano.

Nascido no interior de São Paulo. Graduado em Terapia Ocupacional pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 1981. Especializou-se em Magistério Superior pela Universidade Tuiuti do Paraná em 1986, concluiu o Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná em 1999 e o Doutorado em Ciências da Saúde em 2009, também pela Universidade Federal do Paraná.

Desenvolveu sua prática clínica durante toda sua trajetória profissional, direcionada para a área de saúde mental e atenção psicossocial, em conjunto com suas atividades de docente e pesquisador.

O interesse pela ocupação, atividade, seus potenciais terapêuticos e seus manejos sempre esteve presente em sua vida, tendo influenciado sua escolha e em especial sua trajetória profissional. É um entusiasta da impressionante potência das ocupações e ou atividades significativas para o desenvolvimento, o diagnóstico, tratamento e a cura das pessoas.

Exerceu também inúmeras atividades em Entidades representativas da categoria profissional, tendo sido Presidente Fundador da Associação Científica de Terapeutas Ocupacionais do Estado do Paraná e da Associação Pedagógica Antroposófica Turmalina. Participou também como Conselheiro do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 8ª região, CREFITO 8 e como Delegado da Associação Brasileira de Terapeutas Ocupacionais ABRATO junto a World Federation of Occupational Therapists WFOT.

Sumário

Prefácio.....	15
Introdução	18
Capítulo 1.....	31
As artes e o desenvolvimento humano	
1.1 A visão de Howard Gardner	33
1.1.1 O criador ou artista	33
1.1.2 O membro da audiência	34
1.1.3 O intérprete	35
1.1.4 O crítico.....	35
1.2 A visão de Viktor Lowenfeld e W.L. Brittain	37
1.3 Interfaces da arte em educação e saúde.....	41
Capítulo 2	45
Arte e doença mental: relações com a terapia ocupacional	
2.1 Utilização de atividades no tratamento da doença mental	45
2.2 Atividades artísticas no tratamento da doença mental	47
2.3 O que dizem os terapeutas ocupacionais sobre o assunto	51
2.4 Outras investigações	56
2.5 Em busca de um novo eixo metodológico.....	59
Capítulo 3	62
Correlações entre práticas no ensino da arte e as práticas em terapia ocupacional	
3.1 A influência do positivismo	63
3.2 A influência do humanismo.....	64
3.3 A influência do materialismo histórico	68
3.4 Comentários gerais acerca dos três modelos.....	71
3.5 Ampliando espaços.....	77
3.6 As atividades	79

Capítulo 4 87

Considerações metodológicas

4.1 Pressupostos na pesquisa qualitativa.....	87
4.2 Orientações filosóficas.....	88
4.3 Delimitação e formulação do problema	89
4.4 O pesquisador	90
4.5 Os participantes da pesquisa.....	92
4.6 Os dados	93
4.7 Técnicas de coleta de dados.....	94
4.8 Estudo de caso	96

Capítulo 5 100

Estudos de casos

5.1 Caso 1 atividade artística e mudança	100
5.1.1 Caracterização da Paciente.....	100
5.1.2 Metodologia e Projeto Terapêutico.....	101
5.1.3 O Processo terapêutico.....	102
5.1.4 Comentários e Teorização	116
5.1.5 Depoimento ou reavaliação	117
5.2 Caso 2 atividade artística e crescimento	118
5.2.1 Caracterização da Paciente/Cliente	118
5.2.2 Metodologia e Projeto Terapêutico	119
5.2.3 O Processo	120
5.2.4 Depoimentos e Reavaliações.....	126
5.3 Caso 3 grupo de pessoas com transtornos mentais.....	128
5.3.1 A instituição psiquiátrica e a pessoa com transtorno mental.....	128
5.3.2 O Projeto Terapêutico.....	129
5.3.3 Caracterização da clientela.....	130
5.3.4 Sobre a abordagem.....	130
5.3.5 Desenvolvimento Prático.....	133
5.3.6 Comentários e teorização.....	142
5.4 Caso 4 adolescentes dependentes de substâncias psicoativas	143
5.4.1 Considerações teóricas sobre a adolescência.....	144
5.4.2 O projeto terapêutico.....	146
5.4.3 A Clientela.....	149
5.4.4 Especificamente sobre a terapia ocupacional	150
5.5 Análise das categorias selecionadas a partir dos casos estudados.....	158
5.5.1 Exclusão.....	158
5.5.2 Ociosidade.....	159
5.5.3 O trabalho e a atividade significativa.....	160
5.5.4 Arte e Atividade Artística.....	162

Capítulo 6	165
Ensino-aprendizagem das atividades expressivas, criativas e artísticas na formação de terapeutas ocupacionais	
Considerações finais.....	170
A construção de novos conceitos sobre a utilização de atividades expressivas, criativas e artísticas em terapia ocupacional	
Referências.....	177

Prefácio

Este livro é parte do resultado do desenvolvimento de importantes ocupações significativas em minha vida: a de terapeuta ocupacional, a de pesquisador e a de professor universitário.

Descrevo algumas experiências decorrentes de minhas práticas profissionais, em forma de pesquisas, sistematizadas durante o mestrado em Educação, na linha de pesquisa Arte Educação e parte da experiência como docente no ensino-aprendizagem na formação de Terapeutas Ocupacionais.

O trabalho aborda questões relativas à arte, atividades artísticas, expressivas e criativas e sua utilização pela Terapia Ocupacional principalmente em Saúde e Doença Mental, assim como o ensino-aprendizagem desse tipo de atividade na formação no curso de graduação em Terapia Ocupacional.

Discute-se inicialmente o conceito de arte e opta-se, como referência teórica, pelos conceitos de Howard Gardner e Viktor Lowenfeld que consideram a arte e as atividades artísticas como parte integrante do desenvolvimento global do ser humano. De acordo com Gardner, a participação do homem no processo artístico, pode envolver até quatro papéis: o criador ou artista, o intérprete, o membro da audiência e o crítico. De acordo com Lowenfeld, as atividades artísticas e criadoras são parte fundamental do desenvolvimento da criança e do adolescente. Faz-se a seguir uma relação entre arte, atividades artísticas, educação e saúde.

Num segundo momento, aborda-se a importância do desenvolvimento de atividades artísticas para a manutenção da saúde e sua utilização para a recuperação de pessoas portadoras de doenças ou transtornos mentais. Faz-se referências aos principais trabalhos neste âmbito,

a princípio desenvolvidos por psiquiatras e depois pelos terapeutas ocupacionais, que iniciaram a construção de um corpo teórico de conhecimentos a respeito do assunto, em Terapia Ocupacional.

O passo seguinte é o estabelecimento de correlações entre o ensino de arte em educação e o ensino de atividades artísticas, ou método de instrução de atividades artísticas, na prática de Terapia Ocupacional. São feitas considerações a respeito de questões encontradas para o desenvolvimento do trabalho terapêutico com a utilização deste tipo de atividade.

A seguir, expõe-se a metodologia utilizada para sistematização, a qual se dá por meio da pesquisa qualitativa, de abordagem fenomenológica e dialética, com a utilização de estudos de casos para ilustrar.

São apresentados quatro estudos de casos; dois deles com atendimentos individuais e dois outros institucionais / grupais, onde contextualiza-se os casos, descrevendo-se, a seguir, os procedimentos terapêuticos adotados, incluindo na metodologia aspectos relativos ao ensino/aprendizagem, ou o método de instrução; fazendo-se considerações sobre os resultados. É feita breve análise das categorias de fenômenos, selecionadas no decorrer dos estudos de casos, tais como a exclusão, a ociosidade, o trabalho como atividade significativa como instrumento de libertação para, finalmente, analisar-se a categoria fundamental que é a arte e atividade artística ou criadora.

O último capítulo, descreve parte da experiência docente do autor na formação de Terapeutas Ocupacionais, em especial em um dos módulos de uma das disciplinas que se dedica ao estudo do principal instrumento de trabalho do Terapeuta Ocupacional: a ocupação significativa, especificamente a um de seus subtipos, a atividade artística, expressiva, criativa.

Utilizarei neste trabalho as palavras artística(s), expressiva(s), criativa(s), como sinônimos, mas entendendo que elas têm significados complementares e que as três expressam um todo, que no entanto, está contido em cada uma delas, portanto eventualmente será utilizada ape-

nas uma, duas ou as três e a ordem de colocação das mesmas também sofrerá variações ao longo do texto.

Os fundadores da Terapia Ocupacional já afirmavam nos primórdios da criação da profissão Terapia Ocupacional que a ocupação é vital para o homem e os profissionais têm conhecimento disso.

No entanto, parece que é preciso mais que isso para que a afirmação faça de fato sentido. É importante para os terapeutas ocupacionais que a convicção de que essa afirmação é verdadeira não seja apenas racional, teórica, mas vivencial.

É preciso que essa afirmação seja vivenciada, para além da cognição, também pela emoção, pelas sensações. Os estudiosos do assunto têm denominado esse processo de “pensar vivenciado” na formação.

Acredito também ser muito importante o estudo, a sistematização, a pesquisa e a divulgação dos trabalhos clínicos e relacionados ao tema pelos terapeutas ocupacionais que desenvolvem a prática clínica diariamente.

Desejo boa leitura e espero contribuir para sua prática clínica e/ou docente e/ou como pesquisador.

Introdução

A Terapia Ocupacional como profissão de nível superior e regulamentada, existe há apenas cinquenta anos, porém, alguns de seus princípios são bem mais antigos.

Neste trabalho, será utilizado o termo Terapia Ocupacional, grafado em letras iniciais maiúsculas para referência à profissão e terapia ocupacional grafado em letras iniciais minúsculas para referência ao método de tratamento.

O método de tratamento caracteriza-se por três elementos participantes: o paciente/cliente, o terapeuta ocupacional e a atividade ou ocupação.

É preciso lembrar que este processo é sempre composto pela inter-relação destes três elementos. Porém neste trabalho, o enfoque principal será sobre um desses elementos, a atividade.

Atividade é um termo genérico, utilizado para designar o terceiro elemento do processo de terapia ocupacional.

Atividade humana é, sem dúvida, muito complexa e abrangente, sendo muitas vezes utilizada como sinônimo de ocupação humana.

Com o objetivo de delinear o sentido específico do termo para a Terapia Ocupacional, utiliza-se a seguir a definição do profissional terapeuta ocupacional:

Terapeuta ocupacional é o profissional da equipe da saúde que faz uso específico de atividades expressivas, lúdicas, artísticas, vocacionais, artesanais e de auto manutenção. Avalia, previne e trata indivíduos que por disfunções de origem física e/ou mental e/ou social e/ou de desenvolvimento, apresentam alterações de suas funções com o objetivo de promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. Avalia as alterações apresentadas pelo paciente nas relações interpessoais, de trabalho e de lazer, decorrentes de sua disfunção específica. Cria, desenvolve e acompanha o programa terapêutico, selecio-

nando métodos, técnicas se recursos apropriados (Parecer 622/82 do Conselho Federal de Educação).

O terapeuta ocupacional desenvolve seu trabalho, utilizando-se de uma variedade de atividades, conforme descrito no texto anterior. Isto tem aspectos positivos e também negativos. Positivo o fato de ser abrangente o campo de atuação profissional e negativo o fato de ser um universo muito vasto, o que dificulta o domínio de tantas e variadas técnicas de todas estas áreas da atividade humana.

As atividades expressivas e artísticas, dentre todas, sempre foram motivo de especial atração pessoal para o autor, o que o levou a desenvolver algumas delas, tais como pintura em óleo sobre tela, pintura em aquarela e escultura em argila, de maneira informal. Esta vivência pessoal possibilitou a observação dos efeitos destas atividades em si mesmo e despertou a curiosidade para a pesquisa sobre os seus efeitos com os pacientes/clientes.

Faz-se necessário aqui uma reflexão a respeito da formação do terapeuta ocupacional, especificamente no que diz respeito a estas atividades na graduação. Tem sido similar nos cursos de Graduação em Terapia Ocupacional nas diversas instituições de ensino superior no Brasil, pois há um currículo guiado pelas diretrizes curriculares nacionais. No entanto, o aprofundamento no estudo dessas atividades enquanto recurso para diagnóstico e tratamento, parece ser insuficiente.

A graduação do autor em Terapia Ocupacional, foi no curso da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978 a 1981). O nome da disciplina responsável pelo ensino desse conteúdo era Técnicas e Recursos Terapêuticos, que depois passou a chamar-se Atividades e Recursos Terapêuticos ART. Essa disciplina era dividida em módulos e dentre eles, havia o módulo de atividades expressivas e artísticas. Os professores, eram dois artistas plásticos, que eram acompanhados por duas outras professoras, terapeutas ocupacionais, mas no entanto os pontos de conexão continuavam obscuros.

Tanto o ensino das atividades artísticas, quanto o ensino da Terapia Ocupacional do final da década de setenta sofriam as influências da Escola Nova, cujos princípios eram os da livre expressão, com o mínimo de interferência do professor.

A pedagogia renovada, também conhecida como pedagogia da Escola Nova desenvolveu-se no Brasil, a partir da década de 30, apresentando uma série de críticas à educação tradicional e buscando construir um modelo alternativo. Um dos mais importantes princípios pedagógicos defendidos pelo movimento Escola Nova era o respeito à personalidade do educando, às suas características individuais (COTRIM, 1987, p.51)

No ensino formal da arte, coexistiam duas posturas pedagógicas. Enquanto adeptos da Escola Nova, os professores deslocaram o foco da atenção para os interesses e necessidades dos educandos, privilegiando o método ativo de ensino.

Deram excessiva prioridade à criatividade de forma a compensar a falta de preocupação com os conteúdos específicos da arte. A arte deveria emergir dos educandos, portanto não havia necessidade de ensino. Cabia ao professor apenas propiciar condições físicas e clima psicológico adequado para que a arte saísse do indivíduo. Havia excessivo respeito pelo trabalho do educando, não cabendo ao professor nenhuma crítica ou observação. E quando havia ensino era apenas da técnica sem nenhuma referência, quer à história da arte ou à leitura da imagem. Havia apenas o fazer artístico, sem nenhuma preocupação, a não ser o respeito pela individualidade do sujeito. Dessa forma muitas vezes coexistia o discurso da Escola Nova com a prática do Tecnicismo.

A lei 5692/71 incluiu no currículo escolar brasileiro o termo Educação Artística para indicar a disciplina no sistema formal de ensino, indicando sua obrigatoriedade. No entanto os professores da época não eram arte educadores, haviam vivenciado uma educação tradicional e estavam agora sob as influências das metodologias da Escola Nova.

O desconhecimento das teorias pedagógicas acrescido do pouco referencial teórico adquirido sobre as questões específicas da arte, bem como do desconhecimento de que o processo de aprendizagem e desenvolvimento do educando envolve múltiplos aspectos propiciou uma prática (embasada no senso comum) incompleta, quando não incorreta. As atividades propostas eram muitas vezes, desvinculadas de um saber artístico. A disciplina foi convertida, na maioria das vezes em uma pulverização de tópicos, técnicas, produtos artísticos, o que empobreceu o verdadeiro sentido do ensino da arte. (GIOVANNONI, 1997, p.1)

A vivência do pesquisador na referida disciplina ART, teve muitos pontos em comum com a descrição acima. Durante os quatro anos de graduação nunca se pintou nenhuma tela, nem se fez nenhuma escultura, também não se visitou nenhuma exposição de arte com a orientação dos professores. Quem o fez foi por conta própria e por interesse específico pelo tipo de atividade, mas não que isso fosse valorizado na formação. Houve sim a vivência de um avolumado número de técnicas artesanais e artísticas, com pouca reflexão a respeito de seu significado e de sua utilização como recurso de diagnóstico, avaliação e tratamento.

No último ano de graduação o autor foi monitor desta disciplina, apesar, das inúmeras dúvidas que tinha a respeito da estruturação e do conteúdo da mesma.

O interesse por saúde mental e psiquiatria, levou-o à busca de apoio teórico nos autores fundamentados na psicanálise, tendo ingressado no Curso de Especialização do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional – CETO, fundado e coordenado pela professora Doutora Maria José Benetton, na cidade de São Paulo. Infelizmente esse curso não foi concluído devido à mudança de Estado.

O autor especializou-se em Magistério Superior, desenvolveu suas atividades de docência inicialmente no Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Tuiuti do Paraná e posteriormente na Universidade Federal do Paraná. As atividades de docência incluíram, desde o início, o ensino na disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos, o que

motivou posteriormente a realização do mestrado na linha de pesquisa de Arte-Educação.

Paralelamente à docência, sempre desenvolveu a prática clínica na área de saúde mental e psiquiatria, tendo tido experiências em diversas instituições e em diversos programas: hospital asilar, hospital dinâmico, hospital dia, núcleo de atenção psicossocial, centro de atenção psicossocial e ambulatórios, compreendendo o atendimento de pacientes/clientes moradores, em crise ou em processo de reabilitação psicossocial com diversos diagnósticos.

Para os autores fundamentados na Psicanálise, a terapia ocupacional é compreendida basicamente como expressão, num processo de comunicação, onde o papel central é atribuído à relação terapeuta/paciente, tendo a atividade o papel de intermediar esta relação.

Teorias de relacionamento interpessoal tiveram um impacto na prática da psiquiatria e influenciaram consideravelmente o papel do terapeuta ocupacional no tratamento de pacientes psiquiátricos. O pêndulo começou a balançar em outra direção e muitos terapeutas ocupacionais começaram a perceber a relação terapeuta ocupacional paciente consideravelmente mais importante que a atividade, portanto, a atividade começou a receber menos e menos atenção em favor do desenvolvimento de uma significativa relação com o paciente. Em alguns casos, isto se desenvolveu tanto que a seleção de atividades é deixada inteiramente a critério do paciente e a relação paciente-terapeuta ocupacional é considerada mais significativa que qualquer outro fato, mesmo a atividade (FIEDLER & FIEDLER, citado por BENETTON, 1994, p.72).

Neste modelo pode-se perceber que o paciente era deixado muito só no seu processo de ação, pois o terapeuta não deveria interferir, ainda que afetivamente estivesse muito próximo do paciente do ponto de vista relacional.

Num paralelo entre a pedagogia nova na educação e a tendência psicanalítica na terapia ocupacional, encontra-se um ponto em comum: a valorização da relação pessoal do ser humano, sendo deixado num segundo plano o desenvolvimento ou o ensino da atividade. Naturalmente,

deve-se considerar os extremismos ocorridos na prática, que acabam muitas vezes, por distorcer uma teoria.

Como a maior parte da prática do pesquisador diz respeito a pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, o resultado das atividades artísticas desenvolvidas no processo de terapia ocupacional mostrava formas e imagens bastante desestruturadas e tristes.

Em algumas situações, os próprios pacientes diziam que não sabiam desenhar, pintar ou esculpir e que seu trabalho havia ficado feio ou infantil, mostrando claramente sua insatisfação.

Como processo de comunicação, expressão e auxílio diagnóstico, a abordagem pode ser interessante, porém como processo de tratamento e reintegração, ela não satisfazia às expectativas do autor como terapeuta ocupacional, docente e pesquisador.

Aconteceram muitas situações em que os pacientes perguntavam se o terapeuta poderia ensiná-los a desenhar, a pintar ou a esculpir, de forma a deixar seu trabalho mais belo e harmônico. Havia a compreensão de que também estavam perguntando se poderia ajuda-los a melhorar, a colorir e dar forma a suas vidas, deixando-as mais organizadas e felizes, porém ficava a dúvida: como fazer isto? Especialmente como fazer isto por meio da atividade?

Para que o paciente pudesse expressar-se de forma satisfatória para ele próprio, muitas vezes faltava-lhe recursos da técnica do desenho, da pintura, ou da escultura. Nas exceções em que os pacientes/clientes já possuíam essas habilidades, elas eram inatas ou haviam sido aprendidas em outros momentos de suas vidas.

Para que pudessem mudar suas vidas, seria necessário mudar seu funcionamento, sua maneira de agir e de reagir diante dos fatos.

Como fazer isto? Por meio do relacionamento ou da atividade? Ou ainda por meio de uma associação dos dois procedimentos? Essa era uma questão importante a ser respondida, especialmente o manejo das atividades.

A hipótese era a de que, na medida em que ele, o paciente, conseguisse avançar esteticamente, também avançaria na compreensão de seu estado de saúde e poderia influenciar o seu desenvolvimento.

Mas, como seria isto? Deveria o terapeuta ocupacional ensinar ao seu paciente técnicas de desenho, pintura, escultura?

Tanto na graduação, quanto na especialização, não ficava claro se o papel do terapeuta ocupacional, incluiria também o de professor, ou de instrutor (aquele que ensina a técnica da atividade) apesar de se falar muito em métodos de instrução.

Tanto na graduação, com os professores como no relacionamento com colegas, a ideia corrente é a de que o profissional não precisa dominar a técnica da atividade, bastando apenas entender sobre processos de realização de atividades e a técnica em si bastava consultar algum manual e aprender junto com o paciente.

Na prática, em se tratando de atividades expressivas, muito utilizadas em saúde mental e psiquiatria, restava apenas deixar o paciente fazer o que ele soubesse e quisesse, estimulando-o a expressar-se livremente?

As interferências, não seriam os procedimentos terapêuticos, procedimentos técnicos? No entanto, estes não estavam sistematizados, ficando por conta da criatividade de cada terapeuta ocupacional. Na verdade, havia um certo jargão: não existe receita pronta.

No entanto, quando se estuda um pouco mais sobre arte terapia e terapia artística, é possível perceber que existem procedimentos indicados e contra indicados para situações específicas e que isso depende de um profundo conhecimento do terapeuta sobre o processo e as características da atividade.

Neste trabalho, a busca foi na direção de uma sistematização da prática, da utilização das atividades artísticas, criativas e expressivas, pois acredita-se que a ação do paciente/cliente deva ser uma via de mão dupla; que ele expresse sim seus sentimentos, pensamentos, emoções, etc., mas que também possa ser influenciado pelo que vem de fora, que possa ser ensinado, auxiliado tecnicamente inclusive, a como expressar aquilo

que está desejando e que neste processo possa perceber-se e mudar sua forma de funcionamento.

Dessa maneira, a eficácia da terapia ocupacional poderia concretizar-se de forma não verbal, o que é apregoado, como sendo a característica fundamental deste tipo de terapia.

Um feliz encontro do autor/pesquisador com a Pedagogia Waldorf e a Terapia artística, ambas de inspiração na Antroposofia, muito contribuiu para a resposta a esta busca profissional.

Nesta corrente pedagógica, a arte é valorizada e praticada nas escolas desta orientação de forma intensa, integrativa e com fins de desenvolvimento, higiene mental e preventivos. Em se tratando de crianças normais, a observação dos trabalhos artísticos mostrava resultados harmoniosos e integrados.

Era intrigante como crianças tão pequenas, de dois, três anos de idade podiam produzir trabalhos tão harmoniosos? O interesse cresceu e culminou com a busca do conhecimento por meio do curso de formação em pedagogia Waldorf.

Aplicada no Brasil desde 1956, tal pedagogia baseia-se no conhecimento do ser humano a partir da Antroposofia, ciência espiritual configurada por Rudolf Steiner no início do século XX. Sua principal meta é proporcionar à criança e ao jovem o desabrochar harmonioso de todas as suas capacidades interligando as esferas física, emocional e espiritual em sua concepção de integralidade do homem.

Este sistema pedagógico há mais de setenta anos vem modificando substancialmente os conceitos de educação escolar em todo o mundo, propiciando à sociedade humana a formação de jovens dotados de grande criatividade, discernimento e autoconsciência, capazes de melhor contribuir para os destinos do mundo, à medida que compreendem o seu próprio sentido existencial.

A Terapia Artística e a Medicina Antroposófica, ambas com a mesma fundamentação filosófica que a Pedagogia Waldorf, consideram que a arte aplicada como terapia é uma forma do indivíduo retomar sua saúde

por meio da busca de uma harmonização de seu ser com o cosmo e da busca do desenvolvimento do próprio eu, ou seja do próprio espírito,

Nesse processo, o ensino e a aprendizagem ganham papel importante na terapia, pois o terapeuta deverá indicar e ensinar ao paciente, que deverá aprender determinados procedimentos, e a repetição e persistência em certos exercícios de atividades podem levar à melhora e em alguns casos à cura.

Seriam esses resultados de melhora e cura determinados pela possibilidade de aprender uma forma de expressão e de refletir sobre o seu funcionamento?

Essas afirmações relacionam-se com as de BENETTON (1994) que deixa muito claro em sua tese de doutorado intitulada: *Ações em Saúde Mental*, sobre os aspectos psicoeducacionais e de ensino em terapia ocupacional. “Tenho como pressuposto que as atividades, todas aquelas que possam ser usadas; limitadas apenas pela situação externa à própria Terapia Ocupacional, devem ser, além de conhecidas, ensinadas para o paciente”.

Além destes aspectos, o tema arte terapia, por estar relacionado ao assunto tratado neste trabalho, mereceu também atenção e fez parte da revisão de literatura.

O psiquiatra brasileiro ELSO ARRUDA (1962) em sua obra *Terapêutica Ocupacional Psiquiátrica*, diz que são formas de arte terapia (pintura, escultura, modelagem, desenho e outros) em que o benefício é procurado a partir dos pressupostos de que os pensamentos e sentimentos do homem se exprimem mais facilmente em imagens do que em palavras e de que o inconsciente é aliviado por meio da projeção das imagens espontâneas em expressão gráfica e plástica. Não é de primeira importância se a produção do paciente é ou não bela ou o que ela representa à primeira vista.

Tomou-se contato também com as chamadas terapias expressivas, que segundo ANDRADE (1993) em sua tese de doutorado denominada *Terapias expressivas*, uma pesquisa de referenciais teórico-práticos, é

uma denominação utilizada por alguns autores para o conjunto de todas as terapias que trabalham com atividades artísticas.

Os métodos de ensino bem como os de terapia, em todas as áreas sofrem mudanças; quer por interferência de estudos teóricos, quer pela prática. A teoria fundamenta a prática que por sua vez vai referendar, ou não, determinada teoria. Há uma constante renovação da práxis. Cabe a todos os envolvidos na problemática, acompanhar este repensar evoluindo sistematicamente para alcançar os objetivos propostos.

Assim como ocorre no ensino de modo geral, também no ensino da arte há um caminhar embasado na práxis dos arte-educadores que possibilitam mudanças pedagógicas. Os estudos teóricos sobre as tendências pedagógicas modernas permitem que sejam traçadas novas perspectivas para o ensino-aprendizagem da arte e conseqüentemente para a avaliação. (GIOVANNONI, 1997).

Neste sentido os acontecimentos, fazem com que algumas questões sejam colocadas.

Foi possível, no decorrer destes anos de experiência profissional, observar que a atividade artística, tem sido subutilizada pelos terapeutas ocupacionais. Isto deve-se a vários motivos. Um deles é o de que apenas um número pequeno destes profissionais se interessa de fato por este tipo de atividade, outro é que o ensino aprendizagem da atividade artística nos cursos de graduação é pouco valorizado, talvez pelo fato de não se atribuir importância ao aprendizado das técnicas por parte dos profissionais e por último a falta de sistematização dos procedimentos terapêuticos que utilizam a arte como recurso, razão pela qual os professores argumentavam que não haviam receitas.

Será a arte, ou a atividade artística tão complexa e específica, a ponto de exigir que a sua utilização como recurso de diagnóstico, tratamento e reinserção social se constitua em uma profissão específica.

Atualmente, existe a especialização em arte terapia (pós graduação *latu sensu*) aberta a diversas profissões da graduação e um curso de Graduação.

Por outro lado, o conceito de arte educação ajuda a ter uma compreensão dos aspectos relacionados ao ensino da arte, bem como aos métodos de instrução de atividades artísticas que poderiam ser utilizados em terapia ocupacional.

Arte-Educação - surge no Brasil, no final da década de setenta. Este movimento parte da postura metodológica da Escola Nova que propõe experiências cognitivas que devem ocorrer de maneira progressiva, ativa, levando em consideração interesses, motivações, iniciativas e as necessidades individuais dos educandos. As concepções teóricas são embasadas na perspectiva da Educação através da Arte. Ao arte educador cabe desempenhar o papel de agente transformador na escola e na sociedade. Inicialmente organizou-se fora da educação formal, entretanto hoje já faz parte do ensino formal e está em busca de novas metodologias de ensino e aprendizagem de arte na escola. A metodologia triangular é uma proposição de ensino aprendizagem que indica uma aproximação de ideias com a Pedagogia crítico social dos conteúdos (Libâneo, 1985) e procura propiciar aos educandos o acesso e contato com os conhecimentos culturais básicos e necessários para uma prática social viva e transformadora (GIOVANNONI, 1997, p.2)

A partir do ingresso no curso de Mestrado em Educação, linha de pesquisa Arte Educação, o autor passou a estudar as artes, sua importância para o desenvolvimento humano, seu ensino e as formas de diagnosticar, avaliar, tratar e reabilitar por meio de sua utilização procurando estabelecer as pontes e correlações com a terapia ocupacional.

Arte terapia, terapia artística, terapias expressivas, poderiam ser métodos e/ou técnicas a serem utilizados pela Terapia Ocupacional, como formas de diagnosticar, avaliar e tratar o indivíduo por meio da atividade artística, quando o desenvolvimento e o equilíbrio encontram-se prejudicados ou ameaçados pela patologia mental ou outros tipos de patologias ou situações relacionadas ao desenvolvimento que levam a dificuldades relacionadas a vida ocupacional.

O rápido desenvolvimento da ciência e a superespecialização parecem ter caminhado a passos largos. ANDRADE (1993) diz o seguinte “É necessário diferenciar os diversos usos conceituais que determinam téc-

nicas e teorias das técnicas nas terapias que usam recursos artísticos com fins terapêuticos, desde a terapia ocupacional, onde a maioria delas originou-se até as mais sofisticadas aplicações em diagnósticos, arte terapias, terapias expressivas e arte educação.

A partir dessa afirmação, é possível compreender que essas técnicas originárias da terapia ocupacional, desenvolveram-se rapidamente, e de certa forma, saíram do domínio profissional. Numa fase em que os terapeutas ocupacionais se preocupavam com o estudo da patologia, outros profissionais estavam preocupados com o estudo e sistematização das atividades artísticas como recurso de diagnóstico e tratamento.

A questão central então, organiza-se da seguinte forma: como, no processo terapêutico ocupacional, a atividade artística deve ser apresentada, conduzida, explorada e utilizada, de forma que o paciente/cliente possa tirar dela o maior proveito para o seu tratamento, seu desenvolvimento, eventualmente sua cura e sua integração e/ou reintegração psicossocial e ocupacional?

Essa questão engloba aspectos terapêuticos e pedagógicos, pois ao mesmo tempo em que pode orientar a prática, pode também direcionar a formação dos futuros terapeutas ocupacionais.

O presente trabalho está estruturado de forma a estudar inicialmente, a importância das artes no desenvolvimento humano. Num segundo momento, procurou-se estabelecer a relação das artes e da atividade criadora com a saúde e a doença mental. A seguir, procurou-se estabelecer correlações entre as práticas pedagógicas no ensino da arte e as práticas clínicas em Terapia Ocupacional, onde percebe-se claramente a influência das primeiras sobre as últimas. Depois, apresenta-se a metodologia utilizada, baseada na pesquisa qualitativa, minuciosamente, sendo os aspectos práticos da pesquisa de campo ilustrados por meio de Estudos de caso, dois individuais e dois grupais, onde o ensino-aprendizagem da atividade artística é aplicado como parte do processo de terapia ocupacional, sendo feita a seguir a análise das principais categorias observadas. No último capítulo encontra-se o relato da experiência do

autor no ensino da utilização dessas atividades para a prática clínica no curso de graduação para terapeutas ocupacionais da Universidade Federal do Paraná, seja como avaliação, ou como tratamento. Por fim as considerações finais procuram apontar alguns caminhos e responder às principais questões levantadas, bem como apontar possibilidades para pesquisas futuras.

Capítulo 1

As artes e o desenvolvimento humano

O interesse pelas artes faz parte da vida do autor desde sua infância, especialmente o interesse pelas cores. Sua importância no desenvolvimento das pessoas, bem como sua necessidade na vida destas, e em especial das pessoas com problemas ou dificuldades em seu desenvolvimento, e a necessidade de receberem ajuda foi aos poucos se constituindo em seu interesse vocacional.

A utilização das artes ou das atividades artísticas, para tratar ou ajudar essas pessoas, passou a compor seu universo de estudos a partir da escolha profissional: Terapia Ocupacional.

Este capítulo é um esforço no sentido de uma melhor compreensão do papel e da importância das artes e de seus mecanismos de ação no desenvolvimento humano. Trata-se de um estudo inicial, pois, sendo a bibliografia a respeito do assunto extensa, optou-se pelos autores com os quais os objetivos do presente trabalho mais se identificaram.

O estudo sistemático do desenvolvimento humano começou há aproximadamente dois séculos, quando alguns cientistas dirigiram sua atenção para a criança, procurando informações acerca do primitivo, do doente e do normal.

A personalidade humana varia acentuadamente porque a cultura e o pensamento científico diferem em status e sofisticação em várias regiões. Entretanto as artes aparecem em formas aproximadamente comparáveis em todas as civilizações conhecidas e, portanto, são pertinentes para o desenvolvimento humano no mundo todo.

A arte é a parte natural e integral do crescimento humano e um entendimento deste processo proporcionará diretrizes importantes para muitas perguntas essenciais sobre o desenvolvimento do homem. Está tão estreitamente ligada a este processo, de forma que qualquer prejuízo no mesmo refletirá nas atividades artísticas da pessoa. Da mesma forma, as manifestações artísticas podem levar a inferências a respeito das condições do desenvolvimento e do estado de saúde da pessoa.

A realização de atividades artísticas tem sido descrita como fator importante no desenvolvimento da criança e do adulto saudável. Salienta-se que a criança é o mais precioso bem da sociedade e suas atividades criadoras só adquirem significado quando se compreende a interdependência dinâmica entre crescimento, desenvolvimento e criação.

Na mesma linha de raciocínio, considera-se que as atividades criadoras são igualmente importantes para o desenvolvimento do adulto, ou seja, pessoa continua se desenvolvendo ao longo de toda a vida.

Para alguns autores, a saúde ou a doença estão dependentes do fato de a pessoa ocupar-se de uma atividade criadora ou não, não importando qual seja e em que terreno da vida se desenvolve. O importante é que a pessoa, por meio da arte, da atividade criadora, encontre dentro de si mesma, satisfação interior. Considerando ainda a dificuldade que as pessoas possuem atualmente para se ocuparem de atividades artísticas, as consequências traduzem-se em enfermidades características de nossa época e que bem poderiam ser evitadas.

Todas as formas de arte envolvem comunicação por meio de um objeto simbólico que uma pessoa cria e que a outra, de alguma maneira, é capaz de compreender, apreciar ou a ele reagir.

Faz-se necessário aqui esclarecer acerca da compreensão do conceito de arte, que para os estetas em geral, há muito perderam a esperança em conseguir oferecer uma definição satisfatória da arte, pois não existe apenas uma única definição, ao contrário, muitas formulações, com diferentes compreensões e diferentes ângulos de visão.

1.1 A visão de Howard Gardner

Autor da teoria das inteligências múltiplas, GARDNER em sua obra *As artes e o Desenvolvimento Humano* (1997), apresenta uma visão interessante sobre o assunto. Compreende que a dotação biológica do indivíduo é afetada por suas experiências no meio ambiente, sua aprendizagem, treinamento e meio cultural.

Sua concepção de processo artístico, muito ajudou nesta pesquisa, contribuindo para uma melhor compreensão deste e do conceito de arte.

O processo, que culmina na produção e compreensão artística, envolve até quatro papéis, ou modos de participação em um trabalho de arte.

1.1.1 O criador ou artista

É um indivíduo que obteve suficiente habilidade no uso de um meio para ser capaz de comunicar-se, por intermédio da criação de um objeto simbólico. Sua tarefa essencial é aproveitar seu arsenal de habilidades criativas e fazer um trabalho de arte.

Muitos artistas consideram seu trabalho de grande importância para si. Beethoven disse que só a sua arte o mantinha vivo. Há também aquele artista que, seja qual for a razão, tem uma necessidade compulsiva de trabalhar, podendo fazê-lo porque adora o que faz ou não consegue fazer outra coisa, porque precisa da fama e do reconhecimento público ou ainda por acreditar que tem uma mensagem a ser comunicada. Um pouco diferente e mais raro é o artista capaz de separar claramente seu trabalho artístico e sua vida particular.

A estreita identificação entre o artista e seu trabalho é um componente importante e, talvez, necessário no processo artístico. Se as artes envolvem a comunicação de afetos e verdades profundamente sentidas, por parte de um indivíduo capaz, é importante que o comunicador esteja

completamente envolvido nesta atividade e sinta como de importância crucial.

A identificação com uma tradição e seu domínio são aspectos importantes da relação do artista com seu trabalho. Rank, citado por GARDNER (1997), pensava que o grande artista precisa, pelo menos potencialmente, recapitular em si mesmo toda a evolução da arte, coletiva e individual; ele precisa assimilar conflitos típicos da humanidade, a fim de produzir trabalhos que sejam coletivos e, simultaneamente, individuais. A tendência de absorver a tradição é característica da maioria dos artistas mais renomados. Stravinsky e Picasso esgotaram o trabalho dos antigos mestres. Paradoxalmente, é o estudioso mais assíduo da história artística que acaba estabelecendo modas contemporâneas.

Para ser um artista é necessário muito trabalho de autoconhecimento e de conhecimento do outro, da humanidade, de autodesenvolvimento e de desenvolvimento com relação a técnica e aos conteúdos, aos temas etc.

1.1.2 O membro da audiência

Segundo GARDNER, (1997) é alguém cuja vida de sentimento é afetada quando ele encontra um trabalho de arte. Para se qualificar como membro da audiência, ele precisa passar por mudanças afetivas, mas diferentemente do artista, ele não precisa compartilhar seu afeto experienciado com os outros.

O membro da audiência vê um objeto de arte ou uma interpretação e se satisfaz em sentir prazer, tensão ou resolução. O cultivo dos próprios sentimentos e impressões permanece a principal preocupação do indivíduo que participa do processo estético, como um contemplador de objetos de arte.

O que o membro da audiência precisa apreciar é que o trabalho em questão foi criado por outro indivíduo e funciona como um símbolo comunicativo, diferindo por isso, de um evento ou objeto que ocorre

naturalmente. Concentrar-se no conteúdo e não nos aspectos formais do trabalho, desta forma, talvez mantenha um relacionamento um tanto primitivo com os trabalhos.

No entanto, um maior interesse pelas propriedades formais não é inconsciente com a qualidade de membro da audiência e caracteriza sua realização mais desenvolvida. Com o termo propriedades formais, quer-se dizer um maior conhecimento pela forma e estilo das obras. O conhecedor mais desenvolvido, que consegue ver muito e sentir profundamente acerca de um trabalho, provavelmente tem uma apreciação aguçada do meio.

1.1.3 O intérprete

Somente quando conseguem realizar e transmitir as sutilezas de uma composição literária, musical ou teatral, ou a concepção de um artista, é que estes indivíduos podem ser considerados intérpretes estabelecidos.

Esta capacidade requer do indivíduo um declínio do egocentrismo e um desenvolvimento das relações interpessoais suficientes para que deixe de interpretar de maneira espontânea e passe a ser sensível ao gosto da audiência.

As exigências das interpretações parecem ser compreendidas quando o indivíduo é capaz de distinguir o real do faz de conta.

O interprete lê as notações e segue as instruções do criador. Sua tarefa é realizar o trabalho de arte segundo as prescrições do criador, embora ele tenha uma certa liberdade de interpretação.

No domínio das artes plásticas, este papel atualmente pode ser compreendido em termos de releitura de obras de arte que, na verdade, é uma prática antiga; como citado anteriormente, Stravinsky e Picasso esgotaram o trabalho dos grandes mestres.

1.1.4 O crítico

O ato crítico vai muito além do simples perceber ou do entendimento de um objeto estético simbólico; ele envolve uma capacidade de operar numa caracterização verbal do objeto. O crítico que assiste a um espetáculo de arte precisa examinar cada trabalho cuidadosamente; monitorar suas próprias reações e avaliações; avaliar a capacidade técnica do pintor, sua convicção, autoridade, uso da cor, aspecto e forma, escolha e execução do tema; precisa relacionar os trabalhos aos dos predecessores e contemporâneos do artista, traçar o desenvolvimento do mesmo e avaliar a originalidade geral e importância da obra do pintor. Sua qualidade mais importante é a capacidade de discernir aspectos que poderiam passar despercebidos para os espectadores casuais e transmitir seus insights para as pessoas de uma forma lógica e não ambígua.

Somente ele, entre os participantes do processo artístico, precisa ser capaz de raciocinar de forma proposicional e expressar-se numa linguagem lógica a respeito do reino das artes.

[...] a crítica é a atividade de discriminar experiências e avaliá-las. O crítico é um indivíduo que vai além do membro da audiência: ele estuda trabalhos, compara uns com outros, descreve suas conclusões para outras pessoas. Este tipo de mente opera percebendo a proveniência e aparência superficial daquilo que está sendo examinado, pessoa, lugar ou coisa e depois, rapidamente, claramente, sem qualquer indulgência ou hesitação, ou qualificações, a estrutura subjacente é exposta e articulada, e seu significado estudado. Esta capacidade supõe uma familiaridade com o trabalho específico e com o meio e sua tradição; a habilidade demora para vir e parece depender da maturidade de utilizar as operações formais, de empenhar-se em pensamento hipotético e de raciocinar a respeito de proposições. [...] (GARDNER 1997, p.326).

A descrição destes quatro participantes do círculo estético, o criador ou artista, membro da audiência, o intérprete e o crítico é uma maneira didática de se apresentar o assunto. Os papéis, na realidade, frequentemente se unem ou se combinam, e algumas formas de arte destacam ou eliminam um ou mais deles.

Todos os indivíduos normais realizam de uma maneira fragmentária aspectos de cada um destes papéis, que diferem acentuadamente, na extensão em que um papel é destacado em relação aos outros e que a variedade de estados finais, envolvida no processo artístico representa um término para a qual o desenvolvimento tende.

A criança de cinco anos, geralmente já atingiu o status de membro da audiência, sendo capaz de experienciar sentimentos, quando contempla objetos simbólicos, e aprecia a linha entre a realidade e ilusão. Nos anos seguintes atingirá o nível de jovem artista e jovem executor.

Quando for capaz de expressar dentro de um meio simbólico aquelas idéias, sentimentos e experiências que a afetaram, ela estará realizando a função essencial do artista. Quando for capaz de contemplar um trabalho de outra pessoa e de perceber aspectos fundamentais desse e depois comunicá-lo a outras pessoas por meio de suas ações, ela terá atingido a essência do intérprete. Certamente, serão necessários muitos refinamentos e melhoras em sua prática artística, mas a criança média de sete anos ou oito anos de idade tem as qualidades essenciais de um criador, intérprete e membro da audiência. O desenvolvimento subsequente provavelmente a levará à realização mais completa de um ou mais destes estados finais.

É apenas na esfera da crítica que parece essencial uma maior mudança qualitativa, trazida pelo advento das operações lógico-formais.

1.2 A visão de Viktor Lowenfeld e W.L. Brittain

A obra de Lowenfeld e Brittain, *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*, trouxe à tona, com competência e ternura, a relevância da arte na estruturação da personalidade humana. Esse fato obteve o êxito de a educação artística ser incorporada ao currículo das escolas públicas americanas, como uma espécie de oásis na aridez das demais disciplinas.

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a

criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura: proporciona parte de si própria, como pensa, como sente e como vê. Para ela a arte é atividade dinâmica e unificadora. (LOWENFELD,1977, p.13)

Apesar de muito conhecida e insistentemente estudada, não se pode deixar de citar, e fazer uma breve recapitulação da importante teoria sobre as fases do desenvolvimento na arte, elaborada por Victor Lowenfeld & W. Brittain.

Estágio das Garatujas. Inicia-se por volta dos dois anos, estendendo-se até os quatro aproximadamente. Traços feitos ao acaso que vão se tornando cada vez mais organizados, mais controlados e nominados. Porém, só depois dos quatro anos a criança consegue transmitir, em seus desenhos, quaisquer objetos reconhecíveis. É uma atividade usualmente agradável em si mesma e a criança, em geral, parece sentir muita satisfação em fazê-la.

A etapa seguinte é geralmente denominada de Estágio Pré Esquemático, quando a criança faz suas primeiras tentativas de representação. Inicia-se, habitualmente, por volta dos quatro anos de idade e dura até os sete. A criança faz a representação típica de um homem apenas com cabeça e pés, e começa desenhando uma quantidade de outros objetos do seu meio, com os quais teve contato. Essas figuras ou esses objetos aparecem colocados de um modo tanto desordenado no papel e podem variar, consideravelmente, de tamanho.

A fase seguinte é o Estágio Esquemático que começa por volta dos sete anos e se estende até os nove. A criança desenvolve o conceito definido da forma. Seus desenhos simbolizam partes do seu meio, de um modo descritivo; habitualmente, ela repete uma e outra vez o esquema que criou para representar um homem. A criança dispõe os objetos que está retratando numa linha reta em toda a largura da margem inferior da folha de papel.

Quando a criança atinge a idade de nove anos, ingressa no Estágio do Realismo Nascente que dura até aos doze anos. Também conhecida como a idade da turma, pelo fato de os companheiros tornarem-se muito importantes.

Os desenhos, nesta época, ainda simbolizam mais do que representam os objetos. O jovem está mais cômico de si mesmo e essa consciência manifesta-se em seus trabalhos. Começa a desenhar em menores dimensões, deixando de estar ansioso para mostrar seus trabalhos, preferindo ocultá-los da observação dos adultos. O jovem está muito mais perceptivo quanto a seu papel como membro da sociedade.

No Estágio Pseudonaturalista o jovem, entre os onze e treze anos, adquire, cada vez mais, consciência do seu ambiente natural e começa a preocupar-se com coisas tais como as proporções e a profundidade nos desenhos. É o período do raciocínio. Existe grande dose de autocrítica e os desenhos são escondidos ou são tentativas de histórias em quadrinhos, quase sempre de natureza anedótica ou satírica. o desenho da figura humana revela um incremento na conscientização das características sexuais. Existe também maior conhecimento das diferenças e gradações da cor.

Para algumas crianças esta fase assinala o fim de seu relacionamento artístico e, com frequência, encontramos adultos que, quando solicitados para desenhar alguma coisa, fazem um desenho muito típico dos doze anos de idade.

No Período de Decisão, a partir dos quatorze até os dezessete anos de idade pode haver verdadeiro interesse pela arte visual. Desenvolvem um conhecimento consciente da arte e, com frequência, mostram-se ávidos para aperfeiçoarem suas aptidões artísticas. Este período torna-se muito importante, porque assinala o início da aprendizagem da arte intencional e deliberada.

A arte, para o adolescente, torna-se produto de um esforço consciente. É algo que ele pode fazer ou não, pois geralmente as escolas de

segundo grau, quando oferecem esta disciplina, o fazem de forma opcional.

A maioria dos adolescentes a partir dos dezessete anos deixa de considerar a arte como parte de suas vidas, relacionando-a com coisas que pertenciam à escola primária. Segundo LOWENFELD & BRITAIN (1970) um em cada sete estudantes, nesta fase, escolhe a arte como matéria optativa, quando o curso é ofertado, pois mais da metade das escolas americanas nem o oferecem, e quando o fazem os estudantes são, muitas vezes, desaconselhados a frequentá-lo.

De acordo com as idéias de Lowenfeld, um programa significativo de arte na escola de segundo grau, deverá referir-se às necessidades dos jovens que o frequentam. Oportunidade de expressão do pensamento, das emoções e reações do adolescente em face a seu meio, são importantes.

Geralmente os programas visam o aperfeiçoamento pessoal, ao passo que a juventude está mais interessada em causar impacto na sociedade. Para que a arte seja válida, deve se refletir o indivíduo que a produz. Isto é tão certo para este nível escolar, quanto para o artista profissional. A base de um programa de educação artística em nível secundário deve, portanto, ser a mesma para o indivíduo em sua sociedade, visando o envolvimento maior possível do indivíduo nesta.

Lowenfeld, faz uma diferenciação entre o significado da arte para a criança e para o adulto.

Para a criança, a arte não é a mesma coisa como o adulto. Embora seja difícil dizer, exatamente, o que a arte significa para qualquer adulto, em particular, o termo “arte” tem, geralmente, conotações bem definidas. Entre estas, estão as de museus, quadros pendurados nas paredes, pintores barbudos, reproduções em cores, coberturas com exposição para o norte, modelos posando nus, uma elite de cultura e, de modo geral, o sentimento de uma atividade um pouco afastada do mundo real, de ganhar a vida e criar uma família [...] Para a criança, a arte é algo muito diferente e constitui primordialmente, um meio de expressão. Não existem duas crianças iguais e, de fato, cada criança difere até do seu eu anterior, à medida que constantemente cresce, que per-

cebe, que compreende e interpreta o seu ambiente. A criança é um ser dinâmico; para ela, a arte é uma comunicação do pensamento. Vê o mundo de forma diferente daquela como o representa e, enquanto desenvolve, sua expressão muda. (LOWENFELD, 1970.p.18)

1.3 Interfaces da arte em educação e saúde

É importante esclarecer que este trabalho aborda aspectos da Arte em Educação e Saúde. Não apenas a educação formal, mas a educação como parte da formação do ser humano, que acontece não somente no espaço da instituição escolar, mas ao longo da vida, incluindo aqui os processos de autoeducação. Considera-se também que, a forma como o indivíduo conduz sua própria vida, em termos de qualidade da mesma, irá determinar os processos de manutenção da saúde ou de desenvolvimento de doenças. Acrescenta-se ainda que nos processos terapêuticos em geral, há sempre o aspecto educacional ou psicoeducacional.

Atualmente a educação, preocupando-se excessivamente com os aspectos intelectuais, tem negligenciado com frequência atributos do crescimento que são responsáveis pela evolução das sensibilidades do indivíduo, pelo seu bem estar espiritual, assim como pela sua capacidade para viver cooperativamente em sociedade.

O crescente número de doenças mentais e emocionais, na época atual, conjugado à nossa assustadora incapacidade para aceitar os indivíduos como eles são, demonstram isto.

A educação artística ou, atualmente arte-educação, como parte essencial do processo educativo, pode significar a diferença entre um indivíduo criador e flexível e outro que não tenha capacidade para aplicar o que aprendeu, carente de recursos íntimos e com dificuldades no estabelecimento de relações com seu meio.

Num sistema educacional bem equilibrado, em que o desenvolvimento do ser é realçado, o pensamento, o sentimento e a percepção do indivíduo devem ser igualmente desenvolvidos, a fim de que possa desabrochar toda a sua capacidade criadora em potencial.

Com base nestas idéias, pode-se concluir que sempre haverá uma participação do indivíduo no processo artístico, ainda que de formas diferentes. Para que o indivíduo participe do processo artístico, ele não precisa necessariamente ser um artista, ele pode ser um apreciador de arte, um intérprete.

LOWENFELD, demonstrando a importância do desenvolvimento das atividades criadoras na infância e adolescência, cita estudos realizados com jovens que tem problemas com a lei e são colocados em instituições com rótulo de delinquentes, mostrando que estes não foram capazes, aparentemente, de expressar-se de modo criador.

Num estudo efetuado por Burgart citado por LOWENFELD (1977), foi apurado que um grupo de rapazes delinquentes obteve classificações mais baixas num teste de criatividade, em comparação com outros grupos de escolares e com alguns grupos de crianças não escolares.

Outro estudo comparou o pensamento criador entre rapazes delinquentes e não delinquentes, apurando que os jovens de quinze e dezessete anos, com nível de instrução da quarta série, não apresentavam tendências delinquentes, quando obtinham alta classificação no teste de criatividade, em comparação com rapazes delinquentes que registravam baixas pontuações nas mesmas medidas. Aparentemente, a oportunidade de expressar-se de maneira criadora, proporciona ao jovem modos de reagir ao meio social de forma aceitável para a sociedade.

Possivelmente, os que descobrem que são incapazes de criar, que não tiveram satisfação alguma em construir ou produzir, são os que podem reagir de forma negativa. Incapazes de contribuir de maneira positiva destroem ou deturpam o que outros construíram. LOWENFELD (1970).

É claro que o problema não está limitado aos rapazes delinquentes. Todos os adolescentes, particularmente os que estão nas instituições escolares, precisam ter meios de autoexpressão; esta deve ser encorajada, principalmente nos jovens que parecem desinteressados e submissos.

A arte pode desempenhar muitos papéis, mas a canalização de energias para meios produtivos e a oportunidade de autoidentificação devem ser destacadas, sem dúvida, no nível da escola do primeiro grau.

A pouca valorização da educação artística como disciplina, bem como a sua gradativa exclusão, a partir da segunda etapa do primeiro grau, onde se considera que o tempo deva ser gasto com outras disciplinas e, a partir do segundo grau, com disciplinas preparatórias ao vestibular, faz com que o desenvolvimento artístico pare por aí.

De acordo com a bibliografia consultada e a experiência prática, pode-se afirmar que não é possível que o indivíduo adulto permaneça à parte do processo artístico. Quando isto acontece, ele corre grande risco de adoecer, ou isto acontece justamente pelo fato dele já estar doente e que a retomada de sua participação neste processo, poderá ajudá-lo a recuperar sua saúde.

“Na criação da obra de arte, a base de que decorre a forma, seja qual for, procede do eu. A atividade criadora sempre se origina numa pessoa, e, através da pessoa, o grupo de percepções cognitivas e sensoriais condiciona a forma. No processo de criação de um quadro, por exemplo, o artista pinta, a partir de seus conhecimentos conscientes e de suas motivações inconscientes ou pré conscientes” (LOWENFELD,1970, p.370).

Alguns autores dizem que a finalidade essencial da arte seria a de ser um instrumento de satisfação da necessidade humana de expressão, afirmação e interação do homem com a realidade humano-social.

Um homem com sentidos desenvolvidos possui um sentido também para tudo quanto é humano, ao passo que um homem com sentidos não desenvolvidos é fechado diante do mundo e o “percebe” não universal e totalmente, com sensibilidade e intensidade, mas de modo universal e superficial, apenas do ponto de vista do seu “próprio mundo”, considerando que um dos objetivos da arte, seria o desenvolvimento dos sentidos.

HAUSKA, (1987) em sua obra *Natureza e Tarefa da Pintura Terapêutica* nos alerta para a importância do desenvolvimento de atividades

criadoras para a manutenção da saúde de adultos, o que poderíamos considerar como aspectos preventivos, evitando o adoecimento das pessoas.

Esta consideração refere-se ao ritmo e estilo de vida das pessoas na atualidade, principalmente relacionadas aos problemas dos grandes centros urbanos.

“Refletir sobre a função da imaginação criadora na vida do homem é captar uma das funções centrais das produções da arte e da ciência. É também remeter-se a importantes questões dos processos mentais humanos provocadores e ações, produto da relação direta do homem com o mundo. É buscar compreender como os processos criativos transformam a humanidade” (BUORO,1996).

Vários autores, tais como OSTROWER (1986) e BUORO (1996), acreditam que todos têm condições de desenvolver a imaginação criadora e que o trabalho de educação em arte é fundamental para a formação de indivíduos críticos e criativos; acrescenta-se que a vivência de atividades artísticas é fundamental para a manutenção da saúde das pessoas. Considerando aqui, como atividades artísticas, os quatro papéis assinalados por Gardner.

É possível perceber nestas considerações, a partir desta abordagem, a interface existente entre educação e saúde, quando se trata da arte. Considerou-se importante um apanhado sobre os aspectos da educação por meio da arte, e a correlação disto com aspectos preventivos em saúde mental, o que sem dúvida, é uma possibilidade de abordagem da terapia ocupacional.

Capítulo 2

Arte e doença mental: relações com a terapia ocupacional

Dentre os estudos já realizados sobre a aplicação da arte com o doente mental, encontram-se vários trabalhos.

Geralmente é no serviço de Terapia Ocupacional, onde inclui-se a utilização de atividades expressivas ou artísticas com finalidades diagnósticas, terapêuticas e de reabilitação.

2.1 Utilização de atividades no tratamento da doença mental

Os serviços de Terapia Ocupacional, denominação atual, já tiveram outros nomes tais como: ocupação terapêutica, praxiterapia, laborterapia, ergoterapia etc.

Será feita a seguir, uma retrospectiva histórica do uso da ocupação terapêutica no tratamento da doença mental, baseada no relato de Dr. Luiz CERQUEIRA, (1973), em sua obra *Pela Reabilitação em Psiquiatria (da Praxiterapia a Comunidade Terapêutica)*.

Pinel, na época da revolução francesa, promoveu o “insano”, à categoria de doente. Pode-se considerar esta a primeira revolução psiquiátrica e conseqüentemente praxiterápica. Lançou as bases de uma nova assistência. ARRUDA, (1962), cita uma frase clássica dita por Pinel: “o trabalho constante modifica a cadeia de pensamentos mórbidos, fixa as faculdades do entendimento, dando-lhes exercício e por si só mantém a ordem num grupamento de alienados”.

Após a primeira guerra mundial, tomou-se conhecimento do trabalho de Simon, cuja obra permanece atual porque insere-se numa concepção de assistência em que a ocupação terapêutica é o princípio diretor. Demonstrou que a clinoterapia, método de tratamento pelo repouso absoluto, descansava o corpo mas não a mente, deixava o indivíduo vegetar, conduzia a um cemitério de espíritos, acarretando fatalmente a diminuição e, mais tarde, a abolição da atividade mental, a demência, impedindo a oportuna intervenção ativa, pois vida é atividade, princípio que rege tanto a vida corporal como a mental, dado que o homem nunca permanece sem fazer nada; se não faz algo útil, faz algo inútil.

Apregoava que o médico não deveria ver unicamente o patológico, mas também, e antes de tudo, a parte da personalidade ainda sadia, as forças positivas restantes em todos os setores da vida corporal e anímica, opondo-se ao desenvolvimento do patológico, valendo-se para isto, de todos os recursos de que dispunha, fomentando todas as manifestações vitais sãs.

Defendia uma terapia dirigida principalmente contra os sintomas psíquicos pela individualização do tratamento por meio de uma psicoterapia que definia como uma educação dos doentes com o objetivo de restituir-lhes a vontade e o poder de se auto conduzirem de um modo ordenado e útil.

Schneider, citado por CERQUEIRA (1973), enfatizou estas mesmas indicações em pacientes agudos.

Outro marco significativo é representado pelo fato de Paul Sivadon, em 1951, com seu conceito de níveis socioafetivos, haver introduzido como legítima ocupação terapêutica as atividades sociais e artísticas, ampliando a ação da praxiterapia como um tratamento sociopsicológico.

No Brasil, já em 1854, no Hospício Pedro II, existiam diversas oficinas apoiadas por seu diretor Manoel José Barbosa.

Em 1898, Franco da Rocha, fundou, com terapêutica ocupacional a Colônia de Juquery.

Em 1891, no Recife, teve início a praxiterapia no Nordeste, por Ulisses Pernambucano.

A partir de 1964, no Rio de Janeiro, a psiquiatra Nise da Silveira desenvolveu o serviço de terapêutica ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional e inspirada nas teorias de Carl Gustav Young, importante discípulo e depois dissidente de Freud, desenvolveu extenso trabalho de pesquisa com os doentes psicóticos, tendo fundado em 1952 o Museu de imagens do Inconsciente.

Baseou-se nas descobertas da psicologia moderna de que uma das funções mais poderosas da arte é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso nas pessoas normais como nas doentes. As imagens do inconsciente são para o psiquiatra e os terapeutas em geral uma linguagem simbólica que eles têm para decifrar. Mas ninguém impede que estas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim, constituindo em si, verdadeiras obras de arte.

Em São Paulo, nas décadas de 60 e 70, o psiquiatra Luiz Cerqueira, foi um grande entusiasta da terapêutica ocupacional, época em que passaram a ser incluídas como ocupação terapêutica as atividades auto-expressivas, a recreação e outras, especificamente de grupo.

Em 1962, o Dr. Elso Arruda, docente de clínica psiquiátrica das Universidades do Brasil e da Bahia, escreve o clássico *Terapêutica Ocupacional Psiquiátrica*.

Neste Trabalho de revisão bibliográfica, os três últimos autores, médicos, da fase em que a terapia ocupacional era técnica e método de tratamento, e não havia ainda se constituído como profissão, serão os mais citados, pelo fato de terem sido expoentes brasileiros na área.

2.2 Atividades artísticas no tratamento da doença mental

Existem várias maneiras de se abordar este tema. Neste trabalho, optou-se pelas formas que fazem alguma referência à terapia ocupacional.

A arte, contanto que não convencional, pela autoexpressão dela resultante, é o ovo de Colombo que leva à melhor espontaneidade da personalidade. Se considerar-se que o grande número de internos de um hospital psiquiátrico para lá foi exatamente porque está comprometido em sua espontaneidade, tem-se que considerar as técnicas auto-expressivas, plásticas ou não, como legítima terapêutica ocupacional e bem indicadas para desenvolver justamente o que lhes falta. Deve-se lembrar que toda criação artística é produto de fantasias e que não se deve interferir, portanto, na autoexpressão plástica do paciente. Por via direta das atividades predominantemente sociais ou auto-expressivas, não se deve esperar reabilitação, esta deve estar mais a serviço do diagnóstico e terapêutica (CERQUEIRA, 1973).

Com auxílio diagnóstico, a terapia ocupacional, por meio das atividades artísticas ou expressivas, tem sido valorizada, pois o ambiente de trabalho é mais descontraído e, portanto, tornam-se mais reais as informações e observações feitas neste ambiente, do que no consultório médico ou na sala do grupo terapêutico.

Nise da SILVEIRA (1981) em sua obra *Imagens do Inconsciente*, conta que o atelier de pintura era, inicialmente, apenas um setor de atividade entre vários outros setores da terapêutica ocupacional, mas aconteceu que desenho e pintura espontâneo revelaram-se de tão grande interesse científico e artístico, que esse atelier cedo adquiriu posição especial. Era surpreendente verificar a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo, mesmo quando a personalidade estava desagregada. Apesar de nunca haverem pintado antes da doença, muitos dos frequentadores do atelier, todos esquizofrênicos, manifestavam intensa exaltação da criatividade imaginária, que resultava na produção de pinturas em número incrivelmente abundante, num contraste com a atividade reduzida de seus autores fora do atelier, quando não tinham mais as mãos os pincéis.

Pintar, seria agir; um método de ação adequado para defesa contra a inundação pelos conteúdos do inconsciente. A principal função das

atividades na terapêutica ocupacional seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam as preocupações com a ressocialização.

A pintura permite que o “invisível se torne visível” (Paul Klee), ou seja, que conteúdos inconscientes se manifestem.

Nesta abordagem as imagens arquetípicas, baseadas no inconsciente coletivo, são de grande valor. Descobriu as mandalas, que são formas circulares na pintura, muito comuns nas pinturas dos esquizofrênicos, possuidoras de funções ordenadoras e curativas. De valor significativo, são também os temas míticos.

O professor Elso ARRUDA (1962, p.148), em seu clássico *Terapêutica Ocupacional Psiquiátrica*, escreve um longo capítulo sobre *Terapêutica pelas Artes Plásticas*. E já na definição ele diz o seguinte:

São formas de arte terapia (pintura, escultura, modelagem e desenho) em que o benefício é procurado a partir dos pressupostos de que os pensamentos e sentimentos do homem se exprimem mais facilmente em imagens do que em palavras e de que o inconsciente é aliviado por meio da projeção das imagens espontâneas em expressão gráfica e plástica. Não é de primeira importância se a produção do paciente é ou não bela ou o que ela representa à primeira vista. A ideia é a de que todo indivíduo, treinado ou não em pintura, tem uma capacidade latente de projetar seus conflitos internos sob a forma visual. Isso ocorre, mesmo em doentes que tem bloqueadas outras formas de expressão. Além da pintura, da escultura, da modelagem e do desenho, são formas de arte terapia a tecelagem artística (em que o uso da cor é essencial), a cerâmica, a gravação em metal e madeira, a fabricação de móveis artísticos, trabalhos artísticos em concreto (como foram apontados por Haas) e fabricação de joias artísticas.

A seguir, o professor faz um breve histórico sobre a utilização das artes pelos seres humanos desde a antiguidade, como meio de atenuar seus males e suas penas e também de distraí-los das preocupações, apontando sua evolução e os principais autores que contribuíram para o seu desenvolvimento.

No item seguinte, denominado Métodos e Técnicas, sugere as formas de encaminhamento, faz considerações sobre o trabalho individual ou coletivo, fala do método ativo ou passivo, psicanalítico ou da espontaneidade (orientado pela Dra. Nise da Silveira) e descrever propriamente as numerosas técnicas utilizadas.

Continua descrevendo os modos de abordar a arte terapia, seus fundamentos e objetivos e ainda fala das aplicações práticas, coloca a arte terapia como um auxiliar da psicoterapia. Este autor compreende, portanto, a arte terapia como uma técnica da terapia ocupacional.

São três médicos, da época em que a terapia ocupacional ainda não existia como profissão; entretanto, a técnica, o método, estavam sendo desenvolvidos, aplicados, estudados e registrados.

Inclui-se aqui algumas considerações sobre Terapia Artística, por ser uma abordagem com a qual o pesquisador tomou contato, identificou-se e empreendeu esforços no sentido de obter alguma formação.

O termo Terapia Artística, foi criado a partir de um trabalho iniciado na década de vinte no Instituto Clínico Terapêutico de Arlesheim, Suíça, no âmbito da Medicina Antroposófica, tendo o trabalho prático sido desenvolvido pela Dra. Margarethe Hauschka. Segundo os ensinamentos da Dra. Ita Wegman, fundadora daquele hospital abrange basicamente a pintura, o desenho e a modelagem, como atividades a serem utilizadas com fins terapêuticos, mas reconhece a necessidade de se desenvolverem fundamentos em todos os campos das artes. (HEIDE, 1987).

Dra. Ita Wegman, foi importante colaboradora de Rudolf Steiner, na área da Medicina Antroposófica, que visa a ampliação da Arte Médica tradicional no tratamento e prevenção de doenças. A metodologia do trabalho fundamenta-se na visão antropológica do homem como um ser bio-psico-sócio-espiritual. Compreende a doença como oportunidade de mudança, baseia-se nos temperamentos de acordo com a revisão feita por Rudolf Steiner e, ainda, nas fases da vida e na biografia humana,

desenvolvidas pelo psiquiatra holandês Dr. Bernard Lievegoed, de mesma abordagem metodológica.

De acordo com suas raízes linguísticas, a palavra antroposofia (do grego *antrophos*, homem; *Sophia*, sabedoria) significa: sabedoria a respeito do homem. O filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925) foi o criador dos princípios dessa corrente filosófica.

2.3 O que dizem os terapeutas ocupacionais sobre o assunto

Com a regulamentação da profissão Terapia Ocupacional, a 13 de outubro de 1969, uma nova fase é marcada pelo início de uma produção científica, a partir de uma prática desenvolvida pelos profissionais Terapeutas Ocupacionais.

Desta nova fase da terapia ocupacional, selecionou-se quatro autores brasileiros, que são importantes referências no assunto discutido neste trabalho.

MEDEIROS (1979), em seu trabalho *Métodos de Instrução para Atividades Expressivas*, diz que trabalhar com atividades expressivas é importante, numa prática de terapia ocupacional libertadora, na medida em que ela contribui para o desenvolvimento da criatividade humana. Criatividade, entendida como herança universal de todo ser humano, e que é manifesta por qualquer pessoa, inclusive nos assuntos corriqueiros. O desenvolvimento do potencial criativo colabora com a promoção do ser humano, enquanto alguém que se liberta, se integra e constrói.

Sua visão é de que as atividades expressivas, por permitirem ao indivíduo maior contato com o processo criativo, trazem em si um grande potencial terapêutico. Acredita que os efeitos terapêuticos da arte fazem-se sentir, uma vez que a expressão plástica, corporal ou musical traz implícita a passagem ao ato do ser interior sensível, em oposição ao exterior, muitas vezes inibido e bloqueado. As atitudes criativas levam os indivíduos não só a uma maior independência interna e autoconfiança,

estimulando-o a desenvolver suas aptidões, como a conhecer suas características individuais e os seus próprios limites.

Um terapeuta ocupacional que nunca tenha passado por um processo artístico de criação e expressão, com algum tipo de material específico não pode compreender o tipo particular de reflexão de que se necessita para trabalhar com argilas, pinturas ou qualquer outro elemento.

O paciente que recorre a terapia ocupacional, é geralmente indivíduo dependente, quer pela idade, incapacidade que possui, ou conflitos emocionais ou sociais que esteja vivendo e, portanto, não se basta a si mesmo, estando comprometido com as pessoas que o cercam e que, muitas vezes, o superprotegem, cerceando a sua iniciativa e espontaneidade.

Para a aplicação satisfatória das atividades expressivas na terapia ocupacional, é necessário lembrar que o ambiente terapêutico é um todo fazendo parte o paciente, familiar, terapeuta ocupacional, departamento de Terapia Ocupacional e a clínica ou instituição em que se efetua o tratamento. Desta forma, o primeiro passo para levar o paciente a criar, é proporcionar-lhe um ambiente favorável, que possibilite o desenvolvimento da iniciativa, da pesquisa, da experiência, onde a cada pergunta corresponde uma resposta, conquistada, adquirida. É o paciente quem vai encontrar a solução, apenas apoiado pelo terapeuta ocupacional. O segundo passo é levar o paciente a selecionar de seu mundo o tema de seu trabalho. Aprender criativamente é antes de tudo aprender pela própria iniciativa. Cabe ao terapeuta ocupacional oferecer atividades que proporcionem o desenvolvimento da criatividade, dinamizando as potencialidades individuais, favorecendo a originalidade, a apreciação do novo, a invenção, a expressão individual, a curiosidade, a sensibilidade aos problemas, a receptividade a ideias novas, a percepção sensorial e a autodireção. Leva-lo a dizer o que ele quer dizer e não o que os outros querem que ele diga. Não fazer objetos e trabalhos para agradar ou presentear alguém, mas descobrir o que lhe agrada e valoriza, tomando-o como tema de seu trabalho, desenvolvendo assim sua autovalorização. O

terceiro passo é levá-lo à descoberta de sua linguagem própria e do processo que vai empregar. O terapeuta ocupacional deve propiciar ao paciente o experimento de vários tipos de linguagem e na área em que ele se sentir melhor, trabalhará mais à vontade; deve proporcionar várias técnicas, adequadas às capacidades do paciente, explicações a respeito do uso de instrumentais e fases de execução. Por fim, o terapeuta ocupacional deve orientar o paciente, no sentido de autocrítica e da crítica de seu trabalho, é a metalinguagem.

JORGE, (1990), em sua obra *O Objeto e a Especificidade da Terapia Ocupacional*, diz que a principal importância da Terapia Ocupacional reside no fato de se oferecerem ao paciente oportunidades de intervir na realidade externa, segundo sua intenção, vontade e liberdade. De sua intervenção, o paciente obterá o objeto por meio do qual adquirirá consciência, a partir do que pensa de si; e daquilo que ele pensa, faz um objeto conceitual e/ou concreto que expõe à própria crítica e à de terceiros.

Acredita que as atividades livres e criativas complementam os conceitos com o real externo, sendo formativas e não somente, mas, também, expressivas. O processo de trabalho na obra e a observação do produto, leva o indivíduo a tomar consciência de partes de si próprio, que ele mesmo desconhecia. A expressão pode corresponder a solidão, intuição e imaginação, necessários para concretizar no mundo externo os objetos do mundo interno. Uma vez pronta a obra, o paciente a observa com olhos críticos e o pensamento se resgata pela reflexão. A ocupação, não só precede a fala, como é a forma mais ativa que o paciente tem de estar em grupo. Estas atividades lhe oferecem representações sensíveis dos conteúdos de seu espírito, tanto os mais elevados quanto os mais baixos. Comparando a arte à terapia ocupacional, diz que a primeira busca o universal, a segunda o particular e ambas buscam a liberdade das possibilidades humanas adormecidas, expressando-as, tornando-as atuantes e modificadoras. Compreende a catarse realizada pelo paciente, como recurso inicial necessário para que ele empreenda as ações de seu

pensamento reflexivo e compreensivo e não somente purgação e alívio, como fim em si mesma. Considera que a terapia ocupacional pode ser entendida como um conjunto de atividades livres e criativas que estimulam a ação do paciente sobre o mundo externo, transformando-o e a si também, entendendo o fazer terapêutico como sendo um modo crítico-laborativo das relações humanas.

BENETTON (1991), comenta que a partir de seus estudos acredita num trabalho com material expressivo ou material projetivo, em que exista a função diagnóstica; entretanto, ao longo da terapia, como um processo de pesquisa para o diagnóstico e que o mais comum é que se utilize essas observações para compor, com os demais participantes do processo terapêutico, a hipótese diagnóstica, tanto na instituição, como fora dela. Diz que não pode compreender como um terapeuta ocupacional pode exercer sua função sem saber fazer, porque o caráter de ensino aprendizagem é tradicionalmente o primeiro elemento para a construção do corpo técnico da terapia ocupacional. Só quando se sabe fazer é que se conhece a dinâmica própria do processo de realização de uma dada atividade.

Nesta abordagem, a relação interpessoal entre terapeuta e paciente é muito valorizada. As atividades expressivas, como desenho, pintura, escultura etc., caracterizam-se pela reprodução voluntária ou não, de elementos do mundo interno, na realidade externa. Com isso, além de proporcionar a observação de fenômenos transicionais, permitem que tanto os conteúdos expressos, como o processo de realização dessas atividades, possam ser usados como elementos componentes da área intermediária de experiência. A proposta de associar um desenho a outro, para possibilitar a significação, é um exemplo de trabalho com o conteúdo da zona intermediária. Não é comum que outros tipos de atividades, como as ditas estruturadas, do gênero confecção de atividades artesanais, manufaturadas, trabalhos de oficina e marcenaria etc. sejam também objeto de estudo dentro dos fenômenos transicionais. Fenômenos transicionais são aqueles que se estabelecem entre o mundo interno

e o mundo externo do indivíduo, ou seja, entre sua realidade psíquica e a realidade concreta.

CASTRO (1990), em seu artigo intitulado Processos criativos e Terapia Ocupacional, descreve uma forma de entendimento da terapia ocupacional que supõe o uso da atividade a partir do processo criativo, buscando promover o contato entre os aspectos subjetivos e objetivos da realidade do indivíduo abrindo-se, a partir daí, espaço para o aparecimento de formas de expressão mais integradoras de sua personalidade. O fazer do indivíduo reflete o seu ordenar íntimo; formar, neste sentido, significa fazer, experimentar, o desmanchar e refazer, num movimento dialético entre homem e matéria. Em suas tentativas de estruturar e dominar a matéria, o homem reconhece a sua estrutura e se reestrutura: à medida que se identifica com uma matéria interfere nesta, é também por ela modificado. A realização de atividades terapêuticas permite a expressão de sentimentos e emoções, fornece dados importantes acerca da história dos afetos do indivíduo, seus gostos, desgostos e conflitos, aquilo enfim, que não consegue dizer. Nas impressões que o homem tem das coisas, o primeiro passo é o sentir, seguido da elaboração racional desses mesmos sentimentos. A Terapia Ocupacional se utiliza, entre outras, das atividades expressivas ou artísticas. Tais atividades são uma tentativa de apresentação dos sentimentos, quando a linguagem não é capaz de fazê-la, visto que a arte é sempre a criação de uma forma. As formas nas quais a arte se apresenta constitui maneira de se exprimir os sentimentos. Ela concretiza os sentimentos numa forma, de maneira que se pode percebê-los. As formas de arte não são propriamente símbolos convencionais. O sentido expresso reside na obra de arte ou na atividade expressiva e não fora.

Todo aquele que procura se comunicar por meio das formas de arte, seja artista ou usuário de terapia ocupacional, não se expressa por meio de um significado conceitual, mas mostrando os sentimentos por meio de formas harmônicas, concretizando nelas aquilo que é inexprimível pela linguagem conceitual. O desenvolvimento da pessoa se dá dentro de um

contexto social, a partir dos meios e dos propósitos da sociedade. Criatividade se exerce nessas possibilidades culturais e delas recolhe as formas concretas expressivas. Os processos criativos são processos construtivos globais, pois desenvolvem a personalidade toda, o modo da pessoa diferenciar-se; é integrar significados e transmiti-los. Ao criar, procuramos nos aprofundar no conhecimento das coisas e do mundo. O homem criador não está exclusivamente exprimindo seus próprios sentimentos, mas projetando nela (a criação), tudo aquilo que percebe como próprio dos homens de sua época e lugar; em outras palavras, do seu contexto cultural e que afetou, direta ou indiretamente, a sua experiência pessoal. É na integração do consciente, do sensível e do cultural que se baseiam os comportamentos criativos do homem: o potencial consciente e sensível de cada um se realiza sempre e unicamente dentro de formas culturais. O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, econômicos e sociais do grupo em que ele nasce e cresce. A criação nunca é apenas uma questão individual, mas não deixa de ser uma questão do indivíduo. O contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e, ainda as valorizações.

2.4 Outras investigações

Os críticos de arte têm se mostrado surpreendentemente atentos aos fenômenos da produção plástica das pessoas com transtornos mentais.

Uma outra linha de estudos desenvolveu-se fora da área da Psiquiatria, num movimento liderado por Jean Dubuffet, que inclui a arte de habitantes dos hospitais psiquiátricos, presidiários, solitários etc. Com o objetivo de reunir e proteger as obras dessas pessoas, Jean Dubuffet fundou na década de quarenta a companhia da Arte Bruta, que é definida por ele como sendo uma operação artística inteiramente pura, bruta,

reinventada em todas as suas fases pelo autor, a partir somente de seus próprios impulsos.

No Brasil, este tipo de arte foi denominada de Arte Virgem e Leon Degaud, crítico de arte francês, primeiro diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo, afirmou a existência de valores estéticos nas obras de arte de esquizofrênicos. Escolheu, pessoalmente, as pinturas e esculturas que considerou, do ponto de vista da qualidade artística, adequadas para uma exposição naquele museu. Foram selecionados nove trabalhos de artistas esquizofrênicos, do hospital Pedro II.

No presente trabalho, o enfoque não é na figura daquele a quem se chama gênio, que se caracteriza por sua maneira especial de manifestar-se; um tal espírito, superiormente dotado, marcado pelo fato de que, por plenas que sejam sua liberdade e a clareza de sua vida, é determinado e conduzido em tudo pelo inconsciente, que possui visões que brotam, sem que se saiba de onde vieram; é impelido a agir e a criar, sem saber para que fim; dominado por um impulso que o leva ao devir e ao desenvolvimento, ele mesmo não sabe o porquê.

Não é a razão que define o gênio, e sim o berço íntimo das ideias, aquela região subterrânea que nos habita e que foi batizada pelos românticos de inconsciente. Esta zona obscura segundo os românticos, é que deve ser explorada, pois ela é a zona original, raiz coincidente com o divino, verdade última e ponto de partida de homem, introduzindo-se assim, a crença à qual todo o romantismo permaneceu fiel, de que a irracionalidade é uma força positiva: o caos constrói, compõe.

Discordando da visão acima, como Buoro, entende-se aqui, a pintura como criação, como reflexão e transformação do mundo subjetivo e objetivo, resultado de uma produção conjunta entre “a mão, o olho e o espírito”. Uma reflexão e não uma reprodução como diz o prof. J. FRAYZE PEREIRA (1995) em sua obra *Olho d’Água Arte e Loucura em Exposição*. A pintura reapresenta o mundo, o indivíduo e a sociedade, segundo uma forma particular e subjetiva, de tal maneira que incorpora os conteúdos da consciência coletiva.

A preocupação é com a participação no processo artístico do homem comum que, além do mais, é também doente mental.

Neste sentido, a hipótese é a de que a arte, para estas pessoas que não são dotadas de nenhuma genialidade, pode ser fator de grande ajuda, de crescimento pessoal, cultural, integração psicossocio-ocupacional, enfim, importantíssimo recurso terapêutico.

Segundo FRAYZE PEREIRA (1995), Dubuffet não vê nenhuma razão para criar um departamento especial para incluir as obras de pacientes psiquiátricos.

Relata que todas as relações que manteve com esses, convenceram-no de que os mecanismos da criação artística são, em suas mãos, os mesmos que os de qualquer outra pessoa considerada normal.

Acrescenta-se a isto, que as dificuldades encontradas, na expressão artística dos pacientes psiquiátricos, também são as mesmas que as das pessoas consideradas normais.

Segundo FRAYZE PEREIRA (1995), a questão da loucura, desde a antiguidade, está vinculada magicamente à inspiração. Esta tendência foi reforçada num momento histórico importante e singular, que se refere aos últimos anos do século XIX e começo do século XX, quando se desenvolve toda uma poética que desemboca na valorização do desenho infantil e da atividade gráfica dos alienados. Resultado extremo de uma poética da evasão, esta valorização, ao lado do interesse pela arte arcaica, pelo exotismo das culturas primitivas e pelas formas puras da escultura negra, correspondia a uma tendência dos artistas de vanguarda a se afastarem a qualquer preço dos cânones e convencionalismos de uma cultura que viam como comprometida.

Ao fim do século XIX, a arte dos doentes mentais representava não só o mundo perdido da infância, mas também a utopia da experimentação estética. E nas primeiras décadas do século XX, quando o expressionismo alemão se voltou para o exótico, à descoberta da arte africana correspondeu a descoberta dos loucos realizada por escritores e poetas tão diversos [...]. Tal descoberta foi precipitada pela necessidade de definir a vanguarda como antítese da ordem estabelecida. Após um isolamento que durou séculos, os

insanos passaram a ser acolhidos pelos artistas que neles e em suas produções viam a confirmação do mito da loucura dentro de sua imagem de um mundo ideal. O esquizofrênico tomava-se mais um artifício para os artistas que já se serviam do exotismo das culturas primitivas para a formulação de uma crítica da sociedade [...]. e os expressionistas alemães viam na imagem do doente mental a retificação de sua própria definição do artista em oposição consciente às estruturas socialmente consolidadas. (FRAYZE PEREIRA, 1995, p.113).

No contexto da arte-educação, talvez um paralelo possa ser estabelecido com a Escola Nova, onde se pretendia uma educação livre, sem as formulações clássicas vigentes até então.

Segundo Otavio Paz, citado por FRAYZE PEREIRA (1995), na época clássica foram denunciados os extravios a que conduzia a crença na inspiração. Seu verdadeiro nome era preguiça, descuido, amor pela improvisação, facilidade. Delírio e inspiração se transformaram em sinônimos de loucura e enfermidade. O ato poético era trabalho e disciplina.

A retomada de uma perspectiva romântica para pensar questões do presente tem sido reconhecida. Pode ser observada no âmbito da psicanálise e mais amplamente, como contestação da racionalidade moderna, na crítica do cotidiano e da sociedade disciplinar. Por outro lado, um fato a ser observado é que artistas esquizofrênicos, das primeiras décadas do século XX, ou mesmo da segunda metade para cá, começam a aparecer como clássicos.

2.5 Em busca de um novo eixo metodológico

Retomando aqui as construções teóricas dos terapeutas ocupacionais, serão feitas algumas considerações.

O que fica claro a respeito da abordagem de Medeiros, é que a mesma é essencialmente centrada na pessoa do paciente, identificando-se fortemente no que diz respeito a questão da atividade artística, com a concepção da Escola Nova, em termos de Educação, onde o indivíduo é o

ponto central, bem com o que vem de dentro dele. O conceito é fortemente ligado a autoexpressão.

Jorge inclui a crítica de terceiros a obra do paciente e ressalta a importância da ação deste no mundo externo, transformando-o e acreditando que ele, o mundo externo, também poderá transformá-lo. Com relação à questão das atividades, as referências são sempre de atividades livres e criativas, desenvolvidas pelo paciente sem a interferência do terapeuta, que só intervém no processo de reflexão.

Benetton fala em mundo interno, realidade externa, zona intermediária de experiência e da importância de o terapeuta ocupacional conhecer a técnica da atividade, pois compreende que o caráter de ensino e aprendizagem seria o primeiro elemento para a construção do corpo técnico da Terapia Ocupacional.

Castro aborda um momento dialético entre homem e matéria. Comenta que os processos criativos são processos construtivos globais, comunicam e transmitem significados, integrando-os. Acrescenta elementos importantes relativos a padrões culturais, históricos, econômicos e sociais. Sobre a questão das atividades, supõe seu uso, a partir dos processos criativos e que o contato entre aspectos subjetivos e objetivos levarão ao aparecimento de formas.

Consideram-se a importância e a riqueza de todas estas abordagens mas, talvez pela insistente estimulação a que fomos submetidos de que não existiam receitas, entendidas com a falta de um corpo teórico/ técnica, compreensível naquele momento vivido pela profissão, ficou a forte marca de que deve-se encontrar a própria maneira de se fazer terapia ocupacional.

A intenção deste trabalho é refletir sobre esta forma de tratamento: a terapia ocupacional, bem como buscar conhecimentos nos fundamentos do ensino da arte, para correlações e formulações, rumo a uma nova proposição, cujo método de instrução inclui e coloca em lugar de destaque o processo de ensino-aprendizagem.

Esta proposição, viabiliza que a Terapia Ocupacional, seja utilizada a serviço da reabilitação ou reinserção psicossocial, de forma a expandir sua ação em direção à comunidade, bem como nas abordagens preventivas, pois não é só a produção da arte, com seu respectivo produto que se considera, mas a participação do paciente/cliente nos quatro papéis do círculo artístico.

O termo método de instrução, é muito utilizado em Terapia Ocupacional, como sinônimo do termo ensino, talvez com o objetivo de caracterizar e diferenciar o contexto terapêutico.

Torna-se importante aqui, lembrar que a experiência prática do pesquisador, conforme já foi informado na introdução, abrange os três níveis de prevenção.

O conceito de reinserção ou reabilitação psicossocial, amplia o conceito de Terapia Ocupacional e segundo BENETTON (1996) na obra organizada por Ana PITTA, denominada Reabilitação Psicossocial no Brasil, “priorizar o social em Reabilitação Psicossocial implica em sair de Centros de Reabilitação, de Hospitais e de Oficinas abrigadas, para criar espaços de intervenção na própria comunidade”.

Deve-se considerar também a influência de algumas correntes médico-psicológicas da atualidade, no processo terapêutico ocupacional e, em especial, no trabalho com a utilização da atividade artística. Tais correntes consideram que o indivíduo, para tratar-se e curar-se, depende de um exaustivo trabalho interior, de autoconhecimento e modificações internas em sua forma de funcionamento, o que em nosso entendimento equivale a dizer: aprendizagem.

Capítulo 3

Correlações entre práticas no ensino da arte e as práticas em terapia ocupacional

Neste capítulo, busca-se fazer algumas ligações entre o que vem acontecendo no ensino da arte no Brasil nas últimas décadas e que influências e correlações isto tem para com as práticas na Terapia Ocupacional.

Utiliza-se, muitas vezes, os termos: o aluno, a criança; pois refere-se a trabalhos relacionados ao ensino da arte, que geralmente são direcionados para a criança, porém a correlação que se estabelece com a Terapia Ocupacional é com pacientes em geral, sendo que a pesquisa de campo foi desenvolvida com adolescentes e adultos com algum comprometimento em sua vida ocupacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, número 9.394 (1996), enfatiza a arte e a cultura em todos os níveis de conhecimento, aponta a importância da compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que fundamenta a sociedade, alertando para a importância do desenvolvimento cultural dos alunos. Considera, portanto, que a arte é geradora de conhecimento e desenvolvimento cultural.

O ensino da arte, assim como a prática da terapia ocupacional, tem seu desenvolvimento pautado por várias fases, que são naturalmente influenciadas pelo pensamento filosófico, científico e cultural da época.

3.1 A influência do positivismo

No século XIX, o ensino da arte era visto como adorno. Ela era considerada elitizada, privilégio de alguns. Já no século XX, sob a influência dos cursos de magistério, com os enfoques metodológicos vigentes na época, a relevância era dada às técnicas, desenhos prontos, comemorativos, decorativos etc. os programas tinham como objetivo estimular o intelecto, a memória, a coordenação motora. Os exercícios priorizavam a repetição e a cópia. Fica clara a influência positivista, principalmente numa postura que induzia ao ato de treinar habilidades, repetir e valorizar a técnica pela técnica.

O primeiro modelo utilizado no Brasil em Terapia ocupacional, na década de sessenta, foi justamente o modelo positivista. A fim de tornar científica a Terapia Ocupacional, deviam-se concentrar os esforços no desenvolvimento de uma tecnologia mais exata: movimento de cientificismo e tecnologização no atendimento à saúde, com objetivos de reconhecimento da profissão.

Neste modelo, o profissional deveria fazer uma avaliação com o máximo possível de dados quantitativos e prescrever uma atividade, criteriosamente, analisada, prevendo como esta poderia acontecer e todas as variáveis, para atender às necessidades daquele cliente. Na sequência, a avaliação tinha que comprovar que aquela atividade funcionou e o paciente precisava estar melhor quantitativamente. Alívio dos sintomas e sinais eram considerados como cura. A ideologia tecnocrática de que a tecnologia tudo resolve estava em plena difusão.

Esse tipo de atenção à saúde. Marcado pelo viés funcionalista e reducionista, propiciava o aparecimento de práticas que valorizavam o técnico, em detrimento do indivíduo. A partir de uma base objetiva, palpável e mensurável, procurava-se separar o certo do errado, o normal do patológico, de modo a restaurar o equilíbrio das coisas.

Como conceituação ideal a este modelo, Jussara M PINTO (1990), em sua tese de mestrado *As correntes metodológicas em Terapia Ocupa-*

cional no estado de São Paulo sugere a definição de Terapia Ocupacional de WILLARD & SPACKMAN: “Terapia Ocupacional é a arte e a ciência de dirigir a resposta do homem para atividades selecionadas para promover e manter a saúde, prevenir deficiências, avaliar comportamento e tratar ou treinar pacientes com disfunção física ou psicossocial.”

Comenta a autora que o objeto de atenção é o ato humano específico que tira a doença ou aproxima o indivíduo do padrão de normal e saudável. A atividade executada pode ser comparada a um remédio, cuja prescrição cabe ao terapeuta ocupacional, detentor do conhecimento do que é normal ou patológico e de atividades que podem tanto adoecer, quanto curar. É preciso conhecer bem os padrões de normal e patológico. É preciso medir, avaliar.

Predomina a utilização de atividades construtivas, em que o paciente constrói algo, seguindo um modelo previamente determinado e cujo o produto é avaliado dentro dos padrões culturais. Jogos educativos, brincadeiras pedagógicas, são exemplos das atividades utilizadas. Em termos de atividades artísticas, utiliza-se pintura a dedo ou com pincel, com o objetivo de aumentar a amplitude do movimento, ou de exercitar o conhecimento e a nomenclatura das cores.

Persiste o máximo da especialização, da compartimentalização do indivíduo e o tratamento das partes doentes das pessoas.

Esta fase da Terapia Ocupacional, pode ser comparada com a primeira fase descrita no ensino da arte, a do ensino tradicional.

3.2 A influência do humanismo

Com a Escola Nova houve no ensino da arte, uma ruptura de valores, especialmente no que se refere aos métodos rígidos e repetitivos da Escola Tradicional. Os interesses nessa fase, eram voltados aos aspectos lúdicos e integradores da arte, como meio auxiliar no processo ensino-aprendizagem. A psicologia teve grande influência neste período, pois o desenvolvimento psicológico e biológico, centrava-se na autorrealização.

O método era fundamentado nos trabalhos em grupo, socialização, pesquisa; nas conhecidas técnicas de aulas experimentais (aprender fazendo).

Neste enfoque destacam-se John Dewey, Viktor Lowenfeld, e Herbert READ (1978), como autores principais. A livre expressão, como conceito central da metodologia de arte-educação, levou a crer que o fundamental seria a expressão do mundo interior e que, portanto, a arte não poderia ser ensinada. O maior objetivo da arte na escola, nessa corrente centrou-se na promoção de experiências terapêuticas e não especificamente no encaminhamento de questões artísticas e estéticas.

De uma proposta rígida de cópia e modelos prontos para colorir, passou-se a uma proposta que priorizava a livre expressão. Os professores, que antes assumiam uma postura autoritária, passaram ao papel de orientadores, estimulando as crianças no desenvolvimento de suas atividades. Ao professor cabia a tarefa de oferecer um número considerável de materiais para possibilitar a experimentação das crianças, bem como de estar atento ao comportamento delas, no sentido de detectar questões emocionais que pudessem interferir no seu desenvolvimento global. Dessa forma, o que importava realmente era a experiência em si, o processo do fazer, o prazer no contato com o material, na expressão verdadeira de seu eu interior.

Silva, citado por PILOTTO (1997, p.59), fala de alguns equívocos que foram provocados pelos extremos da livre expressão.

O maior deles parece-me consistir na concepção de que o conteúdo existe e pronto, acabado no interior, na psique das pessoas e que a expressão não é nada mais do que a exteriorização do mesmo. Tratar-se-ia apenas de tornar visível através da palavra, do gesto, da cor (...) aquilo que estava oculto na alma. A fonte de expressão seria totalmente interior e a sua exteriorização não provocaria mudança significativa, não alteraria o conteúdo anterior à expressão, a não ser aquela provocada pelo material expressivo: argila, papel, tinta, movimento, som (...). aquilo que é exterior é considerado apenas invólucro do conteúdo interno, como algo capaz de dar forma ao que já preexiste à concretização objetiva.

Percebe-se que essa concepção marcou fortemente a Terapia Ocupacional predominando até os dias atuais, no que diz respeito a atividades artísticas, melhor denominadas nessa abordagem de atividades expressivas.

Evidentemente, é preciso reconhecer a importância do movimento da Escola Nova e todas as suas manifestações paralelas, inclusive suas influências na Terapia Ocupacional. Porém, essa tendência foi, de certa forma, conduzida para o *laissez-faire* (deixar fazer), anulando a função mediadora do conhecimento, que cabia e cabe ao professor e, no caso da terapia ocupacional, ao terapeuta.

O ensino da arte, nesse sentido, caracterizou-se pelo apego ao espontaneísmo ou pela ideia de que era preciso preservar a criança e, no caso da Terapia Ocupacional o paciente, do contato com a obra do artista, por se acreditar que tal atitude poderia levá-los a copiar mecanicamente a obra observada.

Este modelo, segundo alguns autores, predominou na Terapia Ocupacional na década de setenta, sendo uma forma de tratamento centrado no cliente, acreditando que muitas das dificuldades que as pessoas possuem, seriam superadas por intermédio de uma maior liberdade pessoal.

Surgiram propostas de diversos teóricos de que um maior entendimento de si próprio, enquanto sujeito atuante, levaria a uma melhor adaptação pessoal e social, delineando-se, assim, uma tentativa de tratar o indivíduo como um todo. Busca-se a libertação do homem individualmente; uma ampliação dos serviços de saúde para além do reabilitador e curativo; isto é, com a intenção de prevenir as doenças.

O termo humanismo, neste contexto, designa o movimento de recuperação da centralidade do homem no universo, ou seja, a valorização do ser humano dentro do mundo dos objetos.

“A ruptura com a filosofia positivista, através da existência da subjetividade e singularidade do homem, foi acompanhada de um novo entendimento de organização social. Não se partilhava mais da ordem natural do homem, como

dizia Comte. Passou-se a admitir uma ordem e um sistema social construídos pelos homens e passível de ser alterado por eles [...]” PINTO (1990, p.42).

O homem se dá conta que só pode ser alguma coisa se os outros reconhecem como tal.

A conceituação de Terapia Ocupacional que mais se aproxima desta linha segundo PINTO (1990, p.46) é a de HOPKINS & SMITH, que diz o seguinte:

A Terapia Ocupacional é a arte e a ciência de dirigir a participação do homem em tarefas selecionadas para restaurar, reforçar e aumentar a performance, facilitar a aprendizagem daquelas habilidades e funções essenciais para adaptação e produtividade, diminuição e correção patológica, e para promover e manter a saúde. Seu interesse fundamental é a capacidade, através da duração da vida, para executar com satisfação para si e para os outros aquelas tarefas e papéis essenciais para a vida produtiva e para o domínio de si e do meio.

Nesta corrente, a atividade é um dos elementos terapêuticos e não o único, valoriza-se mais o processo vivido pelos sujeitos do que o produto final. Ao invés de receitas definidas de atividades, o terapeuta investe nas próprias opções e tendências do paciente. A avaliação é contínua, por meio da observação constante; o profissional utiliza muito de suas próprias referências de vida e os aspectos culturais passam a ser considerados. É valorizado o processo de autoconhecimento e novas aprendizagens do cliente. “O primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo o homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência” SARTRE, citado por PINTO (1990).

As características dizem mais respeito ao processo, do que ao material que será utilizado ou do que ao objeto que virá a ser construído.

Neste período aparece a importância do grupo e os atendimentos passam a ser grupais. O respeito pelos interesses do cliente e seu próprio bem estar deveriam ser considerados, mesmo que isso acabasse por não facilitar sua entrada no mercado de trabalho formal.

Abandona-se a noção de sadio e doente, para considerar-se as diferentes maneiras de se viver. O ser humano é livre para assumir suas diferenças.

Este modelo de Terapia Ocupacional identifica-se, literalmente, com o movimento da Escola Nova em termos de ensino da arte, apresentando muitos pontos em comum.

3.3 A influência do materialismo histórico

Atualmente, as novas concepções filosóficas, que fundamentam as práticas pedagógicas e educacionais, consideram o ensino da arte não apenas como expressão, mas também como conhecimento e cultura, apontando para a necessidade da contextualização histórica, ecológica, social, cultural e do aprendizado da gramática visual, sonora, corporal, durante o processo de alfabetização.

Desprezar o mundo visual das obras de arte ou das reproduções artísticas, é, no mínimo, negar a oportunidade da criança e do paciente conhecerem os bens culturais da humanidade.

Fica evidente a importância de se compreender o contexto como um todo, levando em conta não só as características internas, mas, principalmente, a realidade externa. Isto, para a Terapia Ocupacional, está de acordo com as proposições atuais de reabilitação psicossocial e inserção dos pacientes/clientes na sociedade.

CASTORINA ET AL (1997), na área da educação, expressando ideias de Vigotski diz que o percurso do indivíduo se dá na relação cultural, onde os fatos e as situações exteriores mediarão as transformações pelas quais passará que reage de forma diferente ao meio externo (cultural) que participa, ao mesmo tempo em que responde aos estímulos internos e externos, ideias estas que apresentam muitos pontos em comum com as ideias de Winnicott, na área terapêutica e que aplicam-se de forma oportuna, neste trabalho, à terapia ocupacional.

O entendimento que se tem acerca do encaminhamento do ensino da arte hoje, é resultado de um processo histórico-cultural que vem se desenvolvendo simultaneamente com as questões gerais da educação. (PILOTTO, 1997).

Este modelo é influenciado pelos pressupostos teóricos marxistas que entendem o homem como um produto social. O homem, além de sua natureza biológica, nasce em contexto social determinado e convive com outros homens dentro de uma cultura específica. Há um predomínio da organização social sobre o homem-natureza e o homem-cultura. O trabalho tem um caráter humanizador do próprio homem, que só se manifesta como ser humano, à medida em que exterioriza e objetiva as suas forças no trabalho material. Reapropriando-se dos objetos de seu trabalho, ele reafirma suas faculdades. É com o trabalho que o homem desenvolve sua consciência e as capacidades técnicas e espirituais.

Uma conceituação que caracteriza a Terapia Ocupacional nesta corrente é a seguinte:

A Terapia Ocupacional é uma prática de saúde que se utiliza prioritariamente do trabalho socialmente contratado para possibilitar às pessoas se transformarem em cidadãos. É através da pesquisa, engajamento e crítica dos trabalhos concretos da sociedade que as pessoas podem desvendar as determinações sociais existentes. Com isto, os indivíduos conscientizam-se da opressão a que estão submetidos enquanto classe social e testam meios de resistência e transformação da situação doente. (PINTO, 1990, p.75).

Ser cidadão significa saber-se possuidor de direitos civis e políticos, por exemplo, direito ao trabalho produtivo, à moradia, a ir e vir, à saúde etc. é saber que os direitos sociais devem ser respeitados e exercidos, que os direitos foram obtidos a partir de lutas anteriores, e que o avanço da melhoria das condições de vida passa pela associação e luta com as pessoas de seu tempo, isto é, pela assunção da função de ator e autor da história. Mas isso não se dá abstratamente, antes acontece concomitante à alteração das circunstâncias vividas, dentre as quais o trabalho contratual na sociedade deve ser privilegiado.

O trabalho produtivo deve ser transformado de modo a ser possibilidade de autorrealização e autoatualização pelo homem.

O conceito de saúde como produção de vida diz que se trata de produzir materialmente a vida, de forma a ter saúde, a não ficar doente. Trata-se, em suma, de perceber o cliente: a existência-sofrimento do sujeito em relação ao corpo social. NICCÁCIO (1989).

Um dos pontos polêmicos em relação a esta abordagem, diz respeito à combinação da função técnica com o papel político.

Esta orientação materialista histórica, rompe com as outras, no que diz respeito à independência dos problemas individuais de saúde.

Ao atender o indivíduo enquanto ser histórico, determinado pela época classe e local em que vive, pressupõe que seu acontecimento clínico (a doença), como outros fatos da vida, também seja determinado socialmente. Portanto, não basta atuar com o indivíduo como se ele fosse singular no mundo. É necessário uma postura de crítica da organização social vigente que provoca, agudiza ou cronifica o problema sentido como individual.

A prática da terapia ocupacional, enquanto parte da organização social, pode ser de mantenedor, reformista ou transformador. Rompe-se com a postura neutra frente ao cliente e sua problemática.

O trabalho produtivo não é a contrapartida da aceitação de uma dominação, mas o desenvolvimento das condições materiais de uma libertação coletiva.

Para a Terapia Ocupacional, esse é o modelo que se preocupa com a integração psicossocial do paciente, como membro do sistema social.

Comparado ao Ensino da Arte, talvez este modelo esteja correlacionado com a postura pedagógica Crítico Social dos Conteúdos ou Histórico Crítica que define o sócio interacionismo.

3.4 Comentários gerais acerca dos três modelos

Propostas curriculares do Ministério da Educação na década de oitenta, faziam orientações que levavam a crer que o ponto culminante do ensino da arte, nesse contexto, estava muito mais ligado à recreação, no seu sentido de recriar, fundamentados nos pontos de vista de Lowenfeld. As atividades criadoras, nesta perspectiva, permitem que a criança perceba cores, formas, volumes, texturas, etc., que manuseie materiais, criando suas produções espontaneamente. É por meio da experiência sonora, corporal e visual que a criança se sente satisfeita, alegre e segura, pela realização original de algo seu.

Essa forma de tratar a criatividade está calcada nos ideais da Escola Nova, que enfatiza a experimentação, a pesquisa com os materiais e os exercícios perceptivos. Uma característica forte foi a separação, na escola, entre processo e produto, o que até nos dias de hoje é, na maioria das vezes é questão não resolvida. O processo era considerado como ação, o ato de fazer, juntamente com emoção, percepção, sentimentos, questionamentos. Já a produção tinha conotação de produto acabado, que era sempre algo bom, inquestionável [...] (PILOTTO, 1997, p. 62).

A citação acima lembra um outro ponto importantíssimo, que diz respeito à negação do produto final.

No caderno de atendimento ao Pré-Escolar, citado por PILOTTO (1997) encontra-se a seguinte citação: “Muitas vezes você não achará ‘bonito’ o resultado do trabalho infantil: isto não tem qualquer importância, desde que criança esteja utilizando suas potencialidades criadoras; o resultado não interessa nessa idade, e sim o processo de trabalhar livremente”.

Na Terapia Ocupacional, ouve-se exatamente isto aplicado ao adulto. É possível perceber claramente aqui, o grau de insignificância atribuído à capacidade crítica do indivíduo com relação ao resultado do seu trabalho, como se ele não a tivesse ou não fosse ser submetido a ela por

outros, sejam familiares ou não. Nos referimos aqui especialmente ao indivíduo adulto.

Sobre esta questão, no aspecto terapêutico, entende-se neste trabalho que, se o material é expressivo-projetivo, é confidencial, e deve permanecer protegido. Cada situação deverá ser avaliada conjuntamente por terapeuta e paciente, e por fim decidido se deve ou não, compartilhar com o social; dependendo dos objetivos que podem ser: diagnóstico, tratamento e fortalecimento de ego ou inserção social.

Em outros tipos de terapia, como por exemplo as psicoterapias, os conteúdos dos clientes não são compartilhados com a família ou a sociedade, e nem o paciente é encorajado a fazê-lo. Pelo contrário, seus conteúdos são discutidos num ambiente absolutamente reservado, num processo de fortalecimento do indivíduo, para que ele possa relacionar-se consigo mesmo num primeiro momento e posteriormente com a sociedade, de maneira mais satisfatória possível.

No caso da reintegração social, o produto deve estar de acordo com a realidade, apresentando qualidade técnica e estética, pois será compartilhado. Caso contrário, existe o risco de expormos o nosso paciente/cliente a crítica ou sentimentos de pena; pois geralmente este acaba sendo visto como coitado, que mal consegue fazer aquela coisa feia e mal acabada.

Quando a questão é a estranheza causada pelas diversas formas de arte abstrata, o paciente deverá estar apto a argumentar e posicionar-se em relação a questão, e isto será conseguido por meio de um processo de crítica e autocrítica do trabalho, bem como do aprendizado de conceitos de arte.

Segundo Feldman, aprender a linguagem da arte implica desenvolver técnica, crítica e criação. Portanto, desenvolver as dimensões sociais, culturais, criativas, psicológicas, antropológicas e históricas do homem.

Em termos de ensino da arte, hoje esta questão está mais clara: “sabe-se que o produto também faz parte do processo, pois este é analisado, refletido e pode resultar em um novo fato, de forma circular. Portanto, o

produto final, como é chamado, pode ser também o início de um novo processo e assim sucessivamente”. (PILOTTO, 1997, p.62).

Em termos de educação infantil, é importante que pais e professores olhem com atenção as produções artísticas da criança. Esta atenção, no entanto, não significa considerar tudo como pronto, perfeito e acabado, como propunha a vertente da educação que se está analisando.

Atualmente, a questão avaliativa parte do princípio de que é necessário exercitar o ato de avaliar por meio da análise crítica, com comentários construtivos (não necessariamente apenas elogios). Apontar questões para serem repensadas e questionadas leva à condição de constante aprendizado. Perguntas sobre a produção infantil levam a criança a pensar sobre como a sua produção foi construída e por que optou por determinados caminhos, para que possa ampliar a sua compreensão acerca da produção humana. Avaliar significa encontrar caminhos buscar soluções, aprender consigo mesmo e com os outros, começar tudo outra vez e continuar. (PILOTTO, 1997, p. 64)

Também no modelo da Escola Nova, no contexto da arte-educação, fato de relevância, foi a negação do modelo pronto.

Na livre expressão, a criança, por um lado tem liberdade de criação, imaginação e de produção a partir do que sente, do que vê, do que percebe e do que pensa; por outro lado, haverá um momento em que ela ansiará por uma ampliação dos seus conhecimentos espontâneos, necessitando da mediação do professor e de outras referências, além das próprias.

Além da Escola Nova, a influência da abordagem tecnicista, tanto no ensino da arte, como na Terapia Ocupacional, esteve presente de maneira marcante. Isto fica claro nas sugestões para se trocar os materiais e introduzir novas técnicas periodicamente, para se manter o interesse. No ensino da arte, as técnicas deveriam ser repetidas diversas vezes, para que se esgotassem todas as possibilidades que cada tipo de material poderia oferecer. Os encaminhamentos eram sistematizados em técnicas e os conteúdos também se resumiam a ela. A técnica não era o suporte de

uma atividade, mas a própria atividade. Existiam os cadernos, ou as pastas de técnicas de atividades.

Não há nenhuma referência a artistas e obras, aspectos relativos à contextualização de uma obra de arte ou leitura de objeto artístico, nem a aspectos culturais, visitas a museus ou exposições.

No final da década de oitenta, a concepção sociointeracionista, passa a coexistir junto com as demais orientações no ensino da arte.

A integração da psicologia do desenvolvimento, da teoria sócio-histórica e da teoria psicanalítica tornou possível a formulação do ponto de vista escolhido para iluminar os temas [...]. esta escolha não é original, nem foi aleatória: resultou de alguns anos de trabalho, reflexão e pesquisa em educação pré-escolar, que levaram a reconhecer a qualidade da concepção construtivista-interacionista sobre a aprendizagem e a intervenção pedagógica. (caderno do Professor da Pré-Escola, citado em PILOTTO, 1997, p.65).

No ensino, a abordagem contextualista do conteúdo, valoriza a construção do conhecimento individual e coletivo, da necessidade de interação entre os indivíduos com o seu meio, com o objeto do saber, com outros indivíduos e consigo próprio. Na escola, ocorre a valorização dos conhecimentos espontâneos ampliados pelo científico. O conhecimento assume papel fundamental, juntamente com a emoção, razão e a sensibilidade. A arte deixa de ser tratada apenas como atividade prática e passa a desempenhar importante função, principalmente no sentido de refletir a prática. Juntas, formam um campo de conhecimentos passíveis de serem transformados.

O enfoque dado ao ensino da arte neste período, enfatiza a temática em sim mesma. Sob a influência de uma postura de ensino contemporânea, a arte foi contemplada no sentido terapêutico, emocional e temático,

Percebe-se que a grande virada foi principalmente a questão externa, o outro, o mundo. Nos estudos, principalmente da década de oitenta, verifica-se que os encaminhamentos metodológicos estavam voltados ao individual, a criança envolta no seu mundo particular, interagindo apenas com ela própria e com as suas experiências interiores. A evolução

vem no sentido de se perceber a importância da interação cultural: o externo interferindo no interno e vice-versa, de forma decisiva na apropriação do conhecimento.

Entretanto, apesar do momento não retratar mais uma concepção exclusivamente espontaneísta, nem tecnicista, as abordagens práticas ainda partiam somente das experiências da criança ou da temática; o que vale também para as áreas terapêuticas.

Exemplos disto são algumas atividades citadas: expressão por meio de linhas, formas, cores, volumes. No desenho, as crianças podiam demonstrar uma percepção aguçada do seu universo social e das relações ali existentes. Elas tinham liberdade em usar cores, linhas e composição. A pintura a dedo era bastante usada, bem como as unhas, mãos, cotovelos e pés, com mistura de cores etc. na modelagem, a participação era ativa, transformando, criando novas formas, experimentando.

Nesse período, foi dado um valor especial à experimentação com o material, com ênfase na conexão entre arte e ciência.

O ensino da Arte na Educação Infantil indica, nos anos oitenta, um momento de ruptura: de um posicionamento mais diretivo e decodificado, direcionando-se para um mais contextualista. Entretanto, não havia ainda uma direção definida, com métodos e conteúdos mais explicitados. Somente na década de noventa, começa-se a ampliar esta visão. PILOTTO (1997).

“As crianças podem desenhar espontaneamente. A intervenção da educadora é necessária para introduzir as técnicas e a história do mundo das artes. Para isso é preciso tornar acessíveis as ferramentas e os suportes que permitem a expressão das crianças. Deve-se ampliar seu repertório mostrando obras de arte”. Abramowicz citado por PILOTTO (1997, p.67).

As abordagens passam a reconhecer a importância do trabalho efetivo com os conteúdos de arte propriamente ditos, como contextualização histórica, leitura da imagem (que envolve aspectos da estética e da crítica) e a produção artística.

Na contextualização histórica, é possível desenvolver a narrativa das informações biográficas sobre os artistas estudados, fazer o recorte de movimentos artísticos, informar sobre os principais artistas do movimento etc. partindo do universo do aluno, é abordada de forma não linear, destacando pontos que podem aumentar a compreensão do passado, do presente e do futuro.

A leitura da imagem é uma das etapas do ensino da arte, na qual realiza-se a observação e interpretação do objeto artístico, apontando os elementos da linguagem visual (linhas, cores, texturas etc.) e apreciando a obra.

Na produção artística, a criança concretiza o fazer, levando em conta as apropriações do seu contexto e do seu conhecimento. A produção não é desvinculada da leitura e da contextualização histórica, pois articula de forma circular todas as vertentes.

Os estudos da década de noventa ganharam novo sentido e significado.

“O objetivo geral dessa nova proposta de ensino de Artes Plásticas na escola é desenvolver no aluno a percepção visual do mundo e da obra de arte, ampliando o seu repertório visual e gráfico, contribuindo para a construção de um olhar crítico no exercício de sua cidadania”. (BUORO, 1996, p. 16).

Questões importantes são apontadas pelos arte-educadores a respeito do ensino formal em arte, no que se refere à especificidade de seus conteúdos (o que ensinar), nos encaminhamentos metodológicos (como e quando ensinar), bem como na reflexão permanente do porquê ensinar arte.

Questões de ordem semelhante, começam aqui a serem apontadas: terapeutas ocupacionais devem ensinar atividades artísticas a seus pacientes/clientes? Como?

3.5 Ampliando espaços

A educação informal é um ponto muito debatido atualmente em arte-educação. Compreende-se que a aprendizagem do objeto artístico (pintura, escultura, música, teatro etc.) se dá também em outros lugares além da sala de aula, como é, dentre outros, o caso do museu. O objetivo deste procedimento é no sentido de aproximar a criança dos bens culturais e mediar, por meio do objeto artístico, o conhecimento.

A educação, numa concepção mais atual, prevê uma ampliação de paradigmas, em função do acelerado progresso dos últimos anos. Além dos modernos meios de comunicação, também deverá ser observado o mundo fora da escola, a propaganda, os audiovisuais, os monumentos, as atividades culturais e os museus. (PILOTTO, 1997).

A Terapia Ocupacional também passou a prever uma ampliação de seus paradigmas e, um dos grandes objetivos desta, é trabalhar com a realidade externa, com as influências da cultura e da sociedade.

Fala-se muito na Terapia Ocupacional em reintegração psicossocial dos indivíduos. Para que se possa fazer isto na prática, houve uma tendência de ampliação dos espaços desta para outros lugares além das instituições psiquiátricas e dos consultórios ou clínicas, como é o caso do museu, das exposições de arte, fábricas e outros.

Francoio, citado por PILOTTO (1997) diz que com o surgimento de uma nova tendência pedagógica histórico-crítica, que entende a escola e a sociedade mantendo relações de reciprocidade e influências mútuas, onde os métodos de ensino buscam ser eficazes, as atividades e iniciativas dos alunos são mediadas pelo professor, onde a consolidação com suportes teóricos e culturais já produzidos e em produção propiciam uma nova compreensão da sociedade, tanto pelos professores quanto pelos alunos.

Os novos paradigmas da educação estão impregnados dos conceitos de cultura e sociedade, e podemos observar que os da Terapia Ocupacio-

nal também o estão. Algumas iniciativas tem procurado colocá-los em prática.

Em termos de arte-educação, a tendência do ensino da arte nos museus, a nível mundial, iniciou-se em torno de 1852. No Brasil, teve início a partir de 1950. Naturalmente, este movimento foi crescendo aos poucos e ganhou mais impulso a partir da década de setenta.

Na área de saúde mental e psiquiatria, o movimento de saída dos pacientes das instituições psiquiátricas, para um maior contato com a sociedade e a cultura, ganhou força a partir do final da década de setenta, com a criação dos núcleos e centros de atenção psicossocial, com o movimento de Reabilitação Psicossocial, que também teve um crescimento gradativo.

Uma das intenções do ensino da arte nos museus, foi a de aproximar as classes populares da arte. Para isto, são utilizadas diversas metodologias de ensino, sendo as principais, a Metodologia Triangular, a Leitura Estética de Parsons e o Método de Feldman.

Entende-se o museu hoje, como um espaço de difusão cultural.

Nesse processo rumo à democratização cultural e artística, o museu e a escola devem trabalhar em conjunto não basta o museu sistematizar programas de alto nível e competência didática dirigidos a escolares, se a escola não os conduzir ao museu. A simples condução ao museu ainda não é o suficiente. É necessário que a escola prepare seus alunos para o contato com a obra de arte no museu, afinal, ‘ensinar a ver’ é hoje um dos principais objetivos da educação escolar, na qual a arte, enfim, ganha status de conteúdo escolar. (FRANZ, 1996).

Neste sentido, o doente mental ou os excluídos de forma geral, também ganham espaço. Talvez, a princípio, seja um espaço imaginário, na teoria, para finalmente colocar-se em prática. As instituições, gradativamente começaram a fazer isto, registrando e divulgando.

O processo de terapia ocupacional, tem sido descrito por vários autores, como sendo um espaço dinâmico e articulador. Portanto, desenvolver com o paciente/cliente, além da produção da atividade artís-

tica, o processo de leitura da obra de arte e de contextualização da mesma, como ampliação da compreensão do mundo, amplia a sua capacidade de ver, perceber e sentir, elementos fundamentais da realidade, que contribuirão para a reintegração psicossocio ocupacional do paciente.

3.6 As atividades

A utilização de técnicas terapêuticas desenvolvidas por meio das atividades tem sido motivo de discussões, investigações e controvérsias entre os terapeutas ocupacionais, sendo evidente a insatisfação apresentada pelos mesmos com relação a importantes aspectos deste seu objeto de trabalho.

BENETTON (1994) faz um importante apanhado sobre a literatura e aponta as insatisfações apresentadas por terapeutas do mundo todo; uma delas é de que, em função destas dificuldades apresentadas, alguns profissionais acabam por abandonar as atividades em sua prática, e acrescenta-se que também passam a utilizar este recurso, muitas vezes, de forma estereotipada, ou de maneira a despotencializar seus efeitos, minimizando assim, os resultados da terapia ocupacional.

A autora faz uma afirmação que vem ao encontro do objetivo principal deste trabalho, ela “[...] não tenho dúvidas quanto ao uso ou não de atividades. Tenho como pressuposto que as atividades, todas aquelas que possam ser usadas, limitadas apenas pela situação externa à própria Terapia Ocupacional – devem ser, além de conhecidas, ensinadas para o paciente.”

Sabe-se que cada terapeuta ocupacional desenvolve seus próprios recursos e, um deles, talvez o principal, é a possibilidade de atividades. O pesquisador sempre teve preferência pelas atividades artísticas, porém, nunca deixou de trabalhar com outros tipos de atividades desde que fosse a necessidade do paciente.

BENETTON (1994) reconhece esta preferência por determinadas atividades, quando escreve que cada terapeuta ocupacional, na prática, acaba por compor seu arsenal instrumental particular. Diz ainda que somos melhores em algumas coisas, piores em outras e impossíveis naquilo que acabamos por abandonar. Lembra também que, em determinadas situações terapêuticas, existe algo que nos faz usar mais alguns tipos de materiais do que outros, mesmo que não seja a técnica na qual temos mais habilidades.

A terapia ocupacional utiliza, dentre outros, como um de seus recursos, as atividades artísticas, tema central deste trabalho.

O desenvolvimento de atividades artísticas, parece ser fundamental para o ser humano, e pode-se verificar o que alguns autores pensam sobre o assunto. LUZ (1998) diz que a arte vem inapelavelmente em nossos dias associada a invenção, inovação, criatividade. A experiência artística é vista como experiência fundamental no processo de formação da personalidade. Ganha tanta importância quanto, em outras culturas, a experiência guerreira ou religiosa.

HAUSKA (1987) também descreve que, no mundo moderno, todo ser humano deveria ter como prática, como higiene mental, o desenvolvimento de algum tipo de atividade artística.

O termo: atividades artísticas, tem sido utilizado por Ana Mae BARBOSA e por Maria José BENETTON, quando se trata do ensino da arte em Terapia Ocupacional e em Arte-Educação, porque esta terminologia deixa aberta a questão de ser ou não arte o produto destas atividades.

Há uma discussão no campo da Terapia Ocupacional, a respeito da terminologia tradicionalmente utiliza-se o termo atividades expressivas para desenho, pintura, modelagem e atividades estruturadas para marcenaria, costura, atividades artesanais.

A questão a ser colocada é: como os terapeutas ocupacionais trabalham com as atividades artísticas?

Na introdução, foi escrito um pouco a respeito da experiência pessoal do autor sobre a questão. Agora, será descrito sobre o que se tem observado com os colegas de profissão. A grande maioria encontra dificuldades em conduzir atividades artísticas com seus pacientes. Isto, provavelmente, deve-se ao fato deles próprios não saberem, não dominarem as técnicas desse tipo de atividade, e muitas vezes, não as terem nem mesmo vivenciado. Certamente por serem pouco valorizadas na sociedade de forma geral.

Com relação às atividades artísticas, o método de instrução, geralmente, consiste em dar ao paciente o material e dizer que ele pode fazer o que quiser; dificilmente esses profissionais conhecem bem o material ou alguma técnica em específico. E parecem não sentir falta. Este fato está ligado a determinada concepção do que seja terapia ocupacional.

Aqui, há que se lembrar, naturalmente, a questão das correntes metodológicas em Terapia Ocupacional, bem como a questão do ensino de atividades ou como é chamado mais comumente “método de instrução” de atividades.

A compreensão aqui é de que uma atividade artística pode ser tanto expressiva, quanto estruturada.

Neste trabalho, utiliza-se o termo atividades artísticas, que nomeará tanto as expressivas com as estruturadas no processo de Terapia Ocupacional.

A atividade artística expressiva, tradicionalmente é compreendida em terapia ocupacional da seguinte forma: o terapeuta não deve interferir ou, se isto for necessário, que seja o mínimo possível e com o maior cuidado.

“Aliás, a preocupação em corrigir e ensinar ao paciente, intervir em sua pintura, tem sido a causa do esvaziamento dessa técnica. Já que essa conduta só faz inibir a capacidade criadora do paciente [...]”. (JORGE, 1981, p.52).

O autor, discorda deste posicionamento, por entender que quanto mais recurso técnico o paciente tiver, mais facilidades terá para se expressar.

Considera-se também que há confusão na compreensão do que seja interferir. O terapeuta ocupacional não deve interferir no conteúdo daquilo que o paciente deseja expressar, mas, pode ajudá-lo a expressar-se, por meio de orientações quanto à técnica da expressão, seja ela pintura, escultura etc., e também na sugestão ou proposição do que pode ser mais eficaz terapeuticamente para o mesmo.

Por outro lado, uma atividade artesanal, além de estruturada, sempre terá também, o seu conteúdo expressivo.

Existem alguns mitos na Terapia Ocupacional, que precisam ser compreendidos e eventualmente modificados. Existem novos paradigmas, e faz-se necessária a atualização da filosofia, assim como das técnicas empregadas.

A cópia, na formação em terapia ocupacional, era tripudiada; uma coisa proibida. No entanto, esta técnica requer do paciente, justamente o seu esforço, para ver a realidade externa, tentar reproduzir algo que vê, concretamente. É uma indicação excelente para aquele que tem grande tendência a fantasiar, a manter-se introspectivo e isolado. Percebe-se que, muitas vezes, estes pacientes só estão em contato com o seu interior, com sua realidade interna, desinteressados e com dificuldades de olhar para fora. Mas, por um mito, uma estereotipia, tem-se horror a indicar uma cópia, prefere-se sempre que ele expresse o que está dentro, quando talvez a necessidade seja ver o que está fora de si mesmo. Além disso, há que se considerar que nenhuma cópia, (a não ser em caso de intenção específica) necessita ser réplica do original. Poderá haver imitação, quer seja da cor, do traçado, do estilo etc... mas haverá sempre a visão, o potencial, o referencial do indivíduo que a faz.

O desenvolvimento e a sistematização de métodos, técnicas e procedimentos, em terapia ocupacional, é uma necessidade urgente. Escrever

sobre as que já se tem desenvolvido, está começando a tornar-se uma prática.

Vários autores na Terapia Ocupacional, descrevem sobre a relação triádica paciente-terapeuta-atividade e, a partir daí, o espaço desta é estabelecido como estando entre a realidade externa e a realidade interna do indivíduo. BENETTON (1994,) acrescenta que, para que tenha um sentido tanto terapêutico como psicoeducacional, a intervenção neste espaço entre realidades deve ser constituída num campo onde se reconheça a existência da transferência.

Comenta ainda que, por outro lado, é ilusório pensar na terapia ocupacional apenas como processo de aprendizagem. Neste campo de atividades brotam as ocorrências afetivas que verdadeiramente levaram o indivíduo a procurar ou a se manter em terapia.

“Em primeiro lugar, as atividades vistas como possibilidade de manter a realidade externa, isto é, de ampliar o campo da consciência, assim o são por propiciar o autoconhecimento e, conseqüentemente, o de fazer-se conhecer. Tal proposta abarca o apreender para aprender, incluindo também o caráter afetivo da aprendizagem na terapia ocupacional”. (BENETTON, 1991, p.107).

Há concordância com o posicionamento da autora citada, que diz que o contexto da terapia ocupacional se aproxima mais da relação do professor-aluno do que da relação analista-paciente.

Um dos entraves parece ser o fato dos profissionais terapeutas ocupacionais, terem pouco desenvolvido em sua formação profissional, o papel daquele que ensina. Aliado a isto, estão também as deficiências da graduação, no que diz respeito à formação técnica e estética em atividades artísticas.

Neste aspecto, uma hipótese a ser levantada, é a de que os terapeutas ocupacionais sofrem como categoria, a influência do preconceito, ou da necessidade de se afirmarem como categoria específica: não querem ser confundidos com professores. Portanto, não incorporam o papel daquele que ensina as atividades para os pacientes, como parte do papel de terapeuta ocupacional. Além disso, também sofreram as influências da

Escola nova no ensino da arte, que justificava a neutralidade do professor, dizendo que a arte não poderia ser colocada dentro do aluno, no nosso caso, paciente, e que por isso, não deveria ser ensinada, e sim vir de dentro dele, deixando que este descobrisse por si experimentando.

Ensinar ou não as atividades, e como fazê-lo, é um importante tema para estudos à formação do profissional terapeuta ocupacional e uma discussão com a qual este trabalho pretende colaborar, do ponto de vista da prática com os pacientes.

BENETTON (1994) comenta também este aspecto quando descreve em sua tese de doutorado a respeito da disciplina Laboratório de Análise de Atividades oferecida no curso de especialização criado por ela, deixando bem clara a exigência com suas alunas sobre a qualidade estética dos trabalhos.

Nas concepções do ensino da arte hoje, um dos principais pressupostos é o de que arte é conhecimento e, portanto, tem conteúdo a ser ensinado. Esta visão, estendida à Terapia Ocupacional, possibilita uma revisão na postura dos profissionais que trabalham com as atividades artísticas no tratamento e reabilitação de pacientes.

A relação de ensinar, aprender, construir, inventar, criar, propiciada no fazer partilhado, abre espaço para a concorrência de uma experiência individual prazerosa. BENETTON, (1994).

Vários outros autores citam o termo métodos de instrução em terapia ocupacional, o que leva a crer que também acreditam na necessidade de se “ensinar” a atividade ao paciente.

A vida é feita de aprendizados, e muitas vezes, a adaptação depende do sucesso destes. O adulto é a criança que cresceu, que se desenvolveu, tornou-se independente dos pais, e está engajado de uma ou de outra forma na sociedade. Geralmente é uma pessoa ativa e produtiva, com papéis afetivos, sociais e ocupacionais desenvolvidos. Estas referências dizem respeito ao adulto normal sadio.

Segundo Vigotski, citado por PILOTTO (1997) “Para o adulto, são de grande e determinante importância as funções comportamentais que o

ligam ao meio ambiente e que, por si só, são produtos dessa influência social, cultural, ou seja, suas percepções, suas habilidades e seu intelecto.” [...]

Produzir algo que tenha importância social, tanto para si como para o outro, nos dá sentido de existência. Para o indivíduo adulto, não há dúvidas de que esta afirmação faz sentido. Pode-se encontrar a confirmação disto em WINNICOTT (1975) quando afirma que a sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida e constantemente reconstruída por indivíduos, não havendo, portanto, realização pessoal sem a sociedade, assim como é impossível existir sociedade independentemente dos processos coletivos de crescimento dos indivíduos que a compõem.

É a realidade, porém, que em nossa sociedade existem os excluídos, os discriminados, os doentes, os desviados, os diferentes.

Neste trabalho, este assunto é tratado diretamente. Os estudos de casos ilustrarão isto, indicando o sentido do esforço desenvolvido.

Aqui se fazem necessários alguns esclarecimentos. A Terapia Ocupacional é uma clínica de excluídos e de doentes. BENETTON (1994) afirma que a exclusão social é a problemática de partida para a terapia ocupacional. Mais do que classificado de doente, esse indivíduo é classificado como problema social. Comenta ainda que ele está assim, não só pelo diagnóstico médico, mas, principalmente, pela repercussão social acarretada pelo seu quadro. Não fazer nada, estar trancado, agredir e destruir, mobiliza com tal força o sistema a que pertence, que ninguém próximo fica impune. Ele é um problema concreto, da realidade e do cotidiano social. O que se busca neste momento é uma posição na sociedade, seja ela do próprio paciente ou de quem por ele possa falar. Muitas vezes busca-se, inclusive uma posição de doente, para que não haja exclusão. A terapia ocupacional é então, uma clínica de inclusão social. Diz ainda que, quando se trata nesta clínica, é com a proposição de manutenção ou inserção social.

Os esforços em todos os casos atendidos foram no sentido de buscar uma inclusão social e também um estado de saúde, certamente que para

a manutenção deste indivíduo vinculado à sociedade; e com a melhor qualidade de vida possível.

A prática, principalmente no consultório e também nas instituições, tem demonstrado que a terapia ocupacional, não precisa necessariamente trabalhar apenas com pacientes graves, e que tem muito a fazer pelo estado de saúde e pela qualidade de vida também daqueles que estão doentes de forma menos grave, ou seja, como prevenção.

As palavras de WINNICOTT, (1971, p. 193), expressam de maneira bastante clara este pensamento: “não estamos interessados apenas na saúde, e gostaria que isso fosse verdadeiro quanto à psiquiatria em geral. Interessamo-nos pela riqueza da felicidade que se constrói na saúde e não na falta de saúde psiquiátrica, mesmo quando os genes poderiam levar a criança em direção à realização”.

Sabe-se que, são muitos os fatores ambientais a interferirem no desenvolvimento e na vida dos seres humanos, geralmente prejudicando o seu estado de equilíbrio ou de saúde.

Em geral, a doença é incômoda e vista como causa de sofrimento, fazendo com que o indivíduo procure ajuda, e neste caminho, alguns chegam à terapia ocupacional.

O terapeuta ocupacional, por sua vez, oferecerá sua ajuda, utilizando-se de seus recursos elementares, quais sejam, o seu próprio eu, que inclui sua personalidade, sua maneira de ser no relacionamento; e o seu recurso específico de trabalho que é a atividade.

Bertolote, citado por BENETTON (1994), considera a terapia ocupacional como campo específico e técnico, abrindo espaço para que diferentes profissionais dele se utilizem.

Estudos demonstram que isto já aconteceu. Procedimentos, métodos e técnicas já foram inventados, criados, utilizados, escritos e até sistematizados. Poderíamos considerar esta uma primeira fase da terapia ocupacional. Numa segunda fase, a que vivemos hoje, que tem cinquenta anos de história, a bibliografia vem crescendo, os profissionais escrevem sobre suas experiências, buscam a sistematização de seus métodos.

Capítulo 4

Considerações metodológicas

O interesse do autor por pesquisa é algo presente, desde a graduação, tendo se evidenciado quando escreveu a monografia de conclusão do curso. Naquela época, já pensava em alguns temas que gostaria de investigar. O interesse principalmente por aspectos da clínica, da prática com pacientes em terapia ocupacional era bastante grande.

4.1 Pressupostos na pesquisa qualitativa

Na terapia ocupacional, os fenômenos da relação terapeuta/atividade/paciente são os mais importantes e necessários de serem investigados e estão, por suas características, estreitamente identificados com as ciências humanas e sociais.

Os cientistas que partilham da abordagem qualitativa em pesquisa se opõem, em geral ao pressuposto experimental que defende um padrão único de pesquisa para todas as ciências, calcado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes cientistas se recusam a admitir que as ciências humanas e sociais devam-se conduzir pelo paradigma das ciências da natureza e devam legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar, por técnicas de mensuração, em leis e explicações gerais. Afir-mam, em oposição aos experimentalistas, que as ciências humanas têm sua especificidade – o estudo do comportamento humano e social – que faz delas ciências específicas, com metodologia própria. Consideram ainda, que a adoção de modelos estritamente experimentais conduz a generalizações errôneas [...]. Em oposição ao método experimental, estes cientistas optam pelo método clínico (a descrição do homem em um dado momento, em uma dada cultura) e pelo método histórico-antropológico, que capta os aspectos

específicos dos dados e acontecimentos no contexto em que acontecem.[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.[...]. [...]o sujeito- observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1991. p.79).

4.2 Orientações filosóficas

As orientações filosóficas estão sempre presentes nas pesquisas. A pesquisa qualitativa especificamente, podemos dizer que foi dominada, no começo, pelo positivismo.

Um bom exemplo disso nos chega do campo da antropologia. Alguns antropólogos ainda se esforçavam na interpretação e explicação das realidades culturais que estudavam, buscando leis com validade generalizada.

Na década de setenta no Brasil, ganhou espaço a pesquisa qualitativa, de natureza fenomenológica. Seu desenvolvimento surgiu com forte reação ao enfoque positivista nas ciências sociais. Suas bases teóricas, de tipo idealista, privilegiando a consciência do sujeito e entendendo a realidade social como uma construção humana, permitiram rápido desenrolar de seus princípios que, como os do positivismo, fugiam da crítica social e não buscavam as explicações dos fenômenos em suas raízes históricas.

A fenomenologia considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos. O interacionismo simbólico da escola de Chicago, apoiando-se na fenomenologia, rejeita o modelo de pesquisas quantitativas e os conceitos de causalidade e rigor mensurável das pesquisas experimentais em ciências humanas para investigar o sentido que os autores sociais dão

aos objetos, pessoas e símbolos com os quais constroem o seu mundo social (CHIZZOTTI, 1991,p.80).

O enfoque histórico-estrutural, empregando o método dialético insiste na relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, no processo de conhecimento, assinalando causas e consequências dos problemas, suas contradições, relações e qualidades.

Valoriza a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens. O pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais.

Portanto, a pesquisa qualitativa pode se desenvolver de acordo com três bases teóricas: a estrutural funcionalista, com raízes no positivismo, a fenomenológica e a materialista dialética. O teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico do qual se apoie o pesquisador.

Neste trabalho, há uma identificação maior com as bases fenomenológica e materialista dialética, pois esta pesquisa está centrada na observação, no diálogo e na construção de conhecimento do pesquisador e dos pesquisados envolvidos, sendo o teor do enfoque, qualitativo.

4.3 Delimitação e formulação do problema

O problema, na pesquisa qualitativa, não é definido aprioristicamente, fruto de um distanciamento que o pesquisador se impõe para extrair as leis constantes que o explicam e cuja frequência e regularidade pode-se comprovar pela observação direta e pela verificação experimental (CHIZZOTTI,1991).

Um problema de pesquisa não pode, deste modo, ficar reduzido a uma hipótese previamente aventada, ou a algumas variáveis que serão avaliadas por um modelo teórico preconcebido.

Decorre, antes de tudo, de um processo indutivo que vai sendo definido e delimitado na exploração dos contextos ecológico e social, onde se realiza a pesquisa; da observação reiterada e participante do objeto pesquisado, e dos contatos duradouros com informantes que conhecem esse objeto e emitem juízos sobre eles.

Sua delimitação não resulta de uma afirmação prévia e individual, formulada pelo pesquisador e para a qual recolhe dados comprobatórios. O problema figura-se como um obstáculo, percebido pelos sujeitos de modo parcial e fragmentado, analisado assistemáticamente. A identificação do problema e sua delimitação pressupõem uma imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema. Pressupõem, também, uma participação prática nas experiências e percepções que os sujeitos possuem desses problemas, para descobrir os fenômenos além de suas aparências imediatas. A delimitação é feita, pois, em campo onde a questão inicial é explicitada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa.

Neste trabalho, a delimitação do problema ocorreu a partir da prática clínica terapêutica e pedagógica do pesquisador e das dificuldades encontradas nas mesmas. Sendo que, a questão central se delimitou em torno do ensino/manejo da atividade artística na prática clínica/terapêutica e no ensino em terapia ocupacional.

4.4 O pesquisador

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa, deve despojar-se de preconceitos e predisposições, assumindo atitude aberta a todas as manifestações observadas, sem adiantar explicações nem se conduzir pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos.

Essa compreensão será alcançada com uma conduta participante que partilhe da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos

sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por eles atribuída, ao mundo que os circunda e aos atos que realizam. Essa participação tem que ser efetiva, e não uma situação forjada.

O conhecimento é uma obra coletiva e todos os envolvidos na pesquisa podem identificar criticamente seus problemas e suas necessidades, encontrar alternativas e propor estratégias adequadas de ação. O pesquisador não se transforma em mero relator passivo: sua imersão no cotidiano, a familiaridade com os acontecimentos e a percepção das concepções que embasam práticas e costumes, supõem que os sujeitos da pesquisa têm representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativa coerência em relação à sua experiência. A descrição minuciosa e cuidadosa é muito importante; uma vez que deve captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes em seu contexto. O compromisso vai se adensando, na medida em que são identificados os problemas e necessidades e formuladas as estratégias de superação dessas ou resolvidos os obstáculos que interferem na ação dos sujeitos (CHIZZOTTI,1991).

O pesquisador deve, segundo alguns, experienciar o espaço e o tempo vivido pelos investigados e partilhar de suas experiências, para reconstruir adequadamente o sentido que os atores sociais lhes dão (pesquisa implicada).

Neste trabalho, o interesse maior estava em investigar a própria prática, pois a terapia ocupacional, como uma ciência ou tecnologia, é nova e sua eficiência é observada empiricamente, porém a fundamentação teórica desta prática está por ser construída.

Dra. Eda de Oliveira TASSARA, citada por BENETTON (1994), física e professora do Instituto de Psicologia da USP, membro do corpo editorial da Revista de Terapia Ocupacional da USP, demonstra a necessidade de se estudar a teoria em Terapia Ocupacional partindo da experiência, da realidade da clínica, uma vez que não temos ainda um corpo teórico estabelecido.

Há, pela ótica da Terapia Ocupacional, grande identificação com esta forma de compreender o conhecimento, que supõe que o mesmo é uma obra coletiva e que todos os envolvidos na pesquisa podem identificar criticamente seus problemas e suas necessidades, encontrar alternativas e propor estratégias adequadas de ação.

Existem princípios muito similares na forma de compreender a terapia ocupacional. O paciente deve ser o próprio agente de sua cura. Deve identificar criticamente seus problemas, necessidades e tentar encontrar alternativas e/ou estratégias adequadas de ação, para a resolução dos mesmos, com a ajuda do terapeuta.

4.5 Os participantes da pesquisa

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam, são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.

Os atores sociais seriam autores de um conhecimento que deve ser elevado pela reflexão coletiva ao conhecimento crítico. Como sujeitos da pesquisa, identificam os seus problemas, os analisam, discriminam as prioridades e propõem as ações mais eficazes. As ações de intervenção, na realidade não são, necessariamente, consensuais; devem sempre ser adequadas às possibilidades concretas do contexto, das pessoas e das condições objetivas em que devem ser postas.

Cria-se uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado, que não será desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até seus resultados finais. Esta relação viva e participante é indispensável para se apreender os vínculos entre as pessoas e os objetos, e os significados que são construídos pelos sujeitos. O resultado final não será fruto de um trabalho

meramente individual, mas uma tarefa coletiva, gestada em muitas micro decisões, que a transformam em uma obra coletiva.

A pesquisa qualitativa de fundamentação fenomenológica pode usar recursos aleatórios para fixar a amostra. Procura uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Não é em geral preocupação a quantificação da amostragem. Ao invés da aleatoriedade, pode decidir intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas etc.).

Os pesquisados neste trabalho foram pacientes de três locais: uma instituição pioneira na modernização do tratamento psiquiátrico no Paraná e no Brasil, o consultório particular do pesquisador e um Centro Dia especializado em Dependência Química. Os casos selecionados, o foram, por terem sido acompanhados desde o início, com maiores cuidados no que diz respeito a registro de dados e imagens.

4.6 Os dados

Os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos. (CHIZZOTTI,1991).

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes: do culto e do iletrado, do delinquente e do seu juiz, dos que falam e dos que calam dos normais e

dos anormais. Procura-se compreender a experiência que eles têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram. Estes conceitos manifestos e as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa.

Os dados da pesquisa, quase que falam por si e na medida em que se situam no contexto vivido pelos indivíduos pesquisados e se mostram as imagens produzidas, é possível ao leitor, ter uma ideia clara do que se está querendo mostrar.

Foi feito um recorte, no que diz respeito especificamente ao trabalho com as atividades artísticas, tendo em vista ser este o tema de interesse desta pesquisa, justamente pelo fato da grande importância atribuída a este tipo de atividade em particular. Não se perde de vista, no entanto, que outros tipos de atividades fazem parte do arsenal de trabalho do terapeuta ocupacional.

4.7 Técnicas de coleta de dados

A pesquisa qualitativa privilegia algumas técnicas, tais como a observação participante, história ou relatos de vida, análise de conteúdo, entrevista não diretiva etc., que reúnem um corpo qualitativo de informações que, segundo Habermas, citado por CHIZZOTTI (1991) se baseia na racionalidade comunicacional. A pesquisa qualitativa pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, exclusivo e estandardizado. A pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação. O pesquisador deverá porém, expor e validar os meios e técnicas adotadas, demonstrando a cientificidade dos dados colhidos e dos conhecimentos produzidos.

Os dados são colhidos num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com seus sujeitos. Em geral, a finalida-

de de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa. No desenvolvimento da pesquisa, os dados colhidos em diversas etapas são constantemente analisados e avaliados. Os aspectos novos, particulares, descobertos no processo de análise, são investigados para orientar uma ação que modifique as condições e as circunstâncias indesejadas.

Os instrumentos de coleta de dados são: a observação participante, a entrevista individual e coletiva, a história de vida autobiográfica ou etnobiográfica, as projeções e situações de vida, a análise de conteúdo ou qualquer outro que capte as representações subjetivas dos participantes, favoreça a intervenção dos agentes em sua realidade ou organize a ação coletiva para transformar as condições problemáticas.

A pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas, pelo contrário, a coleta e a análise dos dados não são divisões estanques. As informações que se recolhem, geralmente são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados.

Esta situação apresenta-se porque o pesquisador não inicia seu trabalho orientado por hipóteses levantadas a priori, cuidando de todas as alternativas possíveis, que precisam ser verificadas empiricamente. As hipóteses colocadas podem ser deixadas de lado e surgir outras, no achado de novas informações, que solicitam encontrar outros caminhos. Desta maneira, o pesquisador tem a obrigação, se não quer sofrer frustrações, de estar preparado para mudar suas expectativas frente a seu estudo. O “relatório final” da pesquisa quantitativa naturalmente que existe na pesquisa qualitativa, mas ele se vai constituindo por meio do desenvolvimento de todo o estudo e não é exclusivamente resultado de uma análise última dos dados.

A partir do ingresso no curso de Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Arte-Educação, iniciou-se a documentação da prática de forma mais sistematizada. A observação participante foi o principal instrumento na coleta de dados, tendo como complemento as anotações diárias dos

atendimentos realizados (relatórios). Entrevistas semiestruturadas também foram utilizadas, bem como depoimentos dos envolvidos.

4.8 Estudo de caso

Entre os tipos de pesquisa qualitativa característicos, talvez o Estudo de Caso seja um dos mais relevantes, por ter-se constituído numa expressão importante desta tendência na pesquisa educacional. (TRIVINOS,1987).

O Estudo de Caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos, a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora.

O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isto, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação.

O desenvolvimento do estudo de caso supõe três fases:

a) seleção e delimitação do caso. A seleção e delimitação do caso são decisivas para a análise da situação estudada. O caso deve ser uma referência significativa para merecer a investigação e, por comparações aproximativas, apto para fazer generalização e situações similares ou autorizar inferências em relação ao contexto da situação analisada. A delimitação deve precisar os aspectos e os limites do trabalho a fim de reunir informações sobre um campo específico e fazer análises sobre objetos definidos a partir dos quais se possa compreender uma determinada situação. Quando se toma um conjunto de casos, a coleção deles deve cobrir uma escala de variáveis que explicita diferentes aspectos do problema. b) trabalho de campo. O trabalho de campo visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações. A coleta de informações em campo pode exigir negociações prévias para se aceder os dados que dependem da anuência de hierarquias

rígidas ou da cooperação das pessoas informantes. As informações são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada, filmada que se preste para fundamentar o relatório do caso que será por sua vez, objeto de análise crítica pelos informantes ou por qualquer interessado. c) A organização e redação do relatório. [...] o relatório poderá ter um estilo narrativo, descritivo, analítico, ser ilustrado ou não, filmado, fotografado ou representado. Seu objetivo é apresentar os múltiplos aspectos que envolvem um problema, mostrar sua relevância, situá-lo no contexto em que acontece e indicar as possibilidades de ação para modificá-lo. (CHIZZOTTI, 1991. p.102,103).

A pesquisa qualitativa objetiva, em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados, dos seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios estratégicos de resolvê-los.

As premissas subjacentes deste tipo de pesquisa podem ser resumidas nas seguintes proposições: Primeiro- o conhecimento conduz a uma ação, e a pesquisa pode ser uma oportunidade de formar os pesquisados a fim de que transformem os problemas que enfrentam. Segundo- os pesquisados têm uma capacidade potencial de identificar suas necessidades, formular seus problemas e organizar sua ação. Terceiro- a eficácia deste processo de decisão depende da participação ativa dos envolvidos na descoberta de suas necessidades e na organização adequada dos meios, para modificar as suas situações consideradas insatisfatórias.

O processo de pesquisa qualitativa não obedece a um padrão paradigmático. Há diferentes possibilidades de programar a sua execução. Vale muito o trabalho criativo do pesquisador e dos pesquisados. O resultado converge para um conjunto de micro decisões sistematizadas para validar um conhecimento coletivamente criado a fim de se eleger as estratégias de ação mais adequadas à solução dos problemas.

Pode-se estabelecer algumas etapas de trabalho para se chegar à descoberta das questões prioritárias e à ação mais eficaz para transformar a realidade. Algumas pesquisas descritivas se limitam a revelar os problemas, as avaliativas descrevem os problemas e trabalham os enca-

minhamentos necessários e as interventivas objetivam organizar uma mudança deliberada nas situações indesejadas.

A complexidade do Estudo de Caso está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação, em seu trabalho, ao investigador.

É possível distinguir vários tipos de Estudos de Caso segundo Bogdan citado por TRIVINOS (1987):

1- Estudos de caso Histórico-organizacionais

O interesse do pesquisador recai sobre a vida de uma instituição. A unidade pode ser uma escola, uma universidade, um clube etc.

2- Estudos de Casos Observacionais

A técnica de coleta de informações mais importante para esta categoria típica de pesquisa qualitativa é a observação participante. Aqui não é a organização como um todo que interessa, sim uma parte dela. Exemplo: o trabalho realizado por um professor em uma sala de aula de uma escola.

3- Estudo de Caso denominado História de Vida

Geralmente a técnica utilizada para investigar é a entrevista semiestruturada que se realiza com a pessoa de interesse do pesquisador, que pode ser uma pessoa de relevo social ou uma pessoa de uma vila popular.

4- Outros

Estudo de Caso de uma comunidade, Estudos de Casos denominados Análise Situacional, que referem-se a eventos específicos, que podem ocorrer numa organização, por exemplo uma greve de estudantes, e Micro etnográfico que focaliza aspectos muito específicos de uma reali-

dade maior, exemplo o comportamento dos alunos do jardim de infância, no recreio.

Um aspecto interessante do Estudo de Caso é o de existir a possibilidade de estabelecer comparações entre dois ou mais enfoques específicos, o que dá origem aos Estudos Comparativos de Casos. Este enfoque enriquece a pesquisa qualitativa, especialmente se ele se realiza na perspectiva histórico-estrutural. Em geral, esta linha de investigação segue os passos do método comparativo, descrevendo, explicando e comparando, por justaposição e comparação propriamente dita, os fenômenos.

Sem necessidade de perseguir objetos de natureza comparativa, o pesquisador pode ter a possibilidade de estudar dois ou mais sujeitos, organizações etc. Trata-se de Estudos Multicasos.

Neste trabalho, o Estudo Multicasos foi a modalidade que mais satisfaz às necessidades da investigação que descreve e analisa fenômenos observados em diferentes situações, procurando alinhar os pontos comuns, estabelecendo relações e correlações teóricas entre arte, saúde e doença mental, educação e terapia ocupacional.

Faz-se necessário aqui, distinguir o Estudo de Caso que utiliza o método clínico, que pressupõe uma neutralidade do pesquisador e geralmente está ligado a pesquisas que pretendem comprovar ou negar uma teoria ou hipóteses previamente estabelecidas. Diferente portanto, do tipo de Estudo de Caso que se toma neste trabalho, que utiliza a observação participante e a imersão do investigador na realidade.

Capítulo 5

Estudos de casos

5.1 Caso 1 atividade artística e mudança

Neste item será descrito o caso de uma paciente com diagnóstico de síndrome do pânico que após o tratamento, teve os sintomas remitidos e retomou seu estado de saúde, naturalmente modificados pela experiência. Destaca-se aqui que as experiências tanto da doença como da terapia ocupacional, são encaradas como oportunidades de mudança. Mudança da forma como a pessoa em questão vinha vivendo.

5.1.1 Caracterização da Paciente

a) Dados Pessoais

Nome: MT

Idade: 34 anos

Estado Civil: Solteira

Profissão: Secretária

Escolaridade: Terceiro Grau – Administração de empresas

b) Encaminhamento

Foi encaminhada por sua psiquiatra, após os procedimentos de medicação. Acreditava que a paciente precisava promover mudanças em sua forma de funcionamento.

c) Diagnóstico Médico

Síndrome do Pânico

d) História de Vida

Filha caçula, possui um irmão e uma irmã, ambos casados.

Ela mora ainda com os pais.

e) Queixa principal

Crises de pânico, principalmente durante as noites, quando tinha insônia, taquicardia, sudorese, medo intenso e sensação de morte iminente. Relatou também muito medo de que qualquer pessoa da família morresse, a qualquer momento.

f) História Ocupacional

Trabalhava como secretária há sete anos apesar de possuir curso superior. Este era um fator de insatisfação para ela, pois achava que poderia ter um melhor desempenho profissional.

Permanecia somente em casa, depois das horas de trabalho e não tinha nenhuma iniciativa ou criatividade para outras atividades.

Possuía experiência anterior de pintura em óleo sobre tela, desenvolvida como hobby e abandonada há muitos anos.

g) Entrevista Inicial – Observações

Neste primeiro contato falou de sua queixa principal, de sua história ocupacional, de sua história de vida e de suas crises, de como procurou o tratamento primeiro com a psiquiatra e depois com psicoterapeuta e terapeuta ocupacional.

Falamos sobre a proposta de trabalho em terapia ocupacional por meio da utilização da atividade artística e foi sugerida a atividade de pintura em aquarela para o início do trabalho, o que foi prontamente aceito por ela.

Foi solicitada uma tarefa para ser desenvolvida no intervalo de tempo até a próxima sessão. A tarefa consistia em observar as cores da natureza, técnica conhecida como observação estética da natureza.

5.1.2 Metodologia e Projeto Terapêutico

No presente estudo de caso, a atividade artística sugerida pelo terapeuta ocupacional foi a pintura em aquarela sobre papel molhado. A atividade foi desenvolvida de acordo com a práxis artística apreendida pela metodologia da Terapia Artística e as correlações feitas com a metodologia da terapia ocupacional dentro da compreensão e experiência clínica do pesquisador.

Esta atividade foi proposta em primeiro lugar, porque é uma atividade que o terapeuta ocupacional/pesquisador domina a técnica, já vivenciou esse tipo de atividade e já estudou sobre as potencialidades terapêuticas da mesma e em segundo lugar porque a própria paciente já tinha uma experiência positiva com a pintura, embora com outra técnica (óleo sobre tela).

Pretendeu-se utilizar da observação estética da natureza com o objetivo de fortalecer a ligação da paciente com a realidade.

5.1.3 O Processo terapêutico

Primeira Sessão

Explicou-se que inicialmente seriam desenvolvidos alguns exercícios que possuíam objetivos terapêuticos e que facilitariam uma familiarização com a técnica (aprendizado).

Retomou-se a tarefa solicitada e após os comentários, solicitou-se que ela escolhesse uma das três cores básicas para começar. Ela escolheu a cor amarela.

Esta técnica consiste em trabalhar as cores básicas inicialmente, uma a uma, explorando-se as características e personalidade de cada uma delas, relacionando com os elementos da natureza, onde são encontradas essas cores, e quais os movimentos que são característicos nesses elementos. Também devem ser exploradas as variações de tonalidades possíveis em uma mesma cor com a adição de água, desde o mais escuro até o mais claro, mais transparente.

O material foi oferecido e inicialmente foi feito um momento de preparação para atividade, explorando-se as características dos elementos da natureza onde esta cor é encontrada e os movimentos observados nestes. O trabalho foi desenvolvido por aproximadamente trinta minutos. MT trabalhou concentrada e de maneira cuidadosa.

Ao terminar o trabalho foram apresentadas as observações feitas pelo terapeuta durante a realização da atividade. Três pontos importantes foram observados: 1- a superfície foi pintada de forma sempre igual, com a mesma tonalidade; 2- repetia os mesmos movimentos, criando formas parecidas e 3- em nenhum momento afastou-se do trabalho para uma observação a distância.

Para tornar seu trabalho mais harmônico, ela precisaria conscientizar-se destas dificuldades, buscando uma mudança.

A grande interrogação: será que esse mesmo padrão de comportamento era o que também acontecia em sua vida? Será que sempre repetia os mesmos movimentos de pensamentos, sentimento e ações, sem observá-los? Provavelmente sim, isto era o que seus sintomas mostravam.

Acreditava-se que na medida em que ela empreendesse esforços para mudar este padrão na atividade, isso poderia refletir-se no seu padrão de funcionamento na vida.

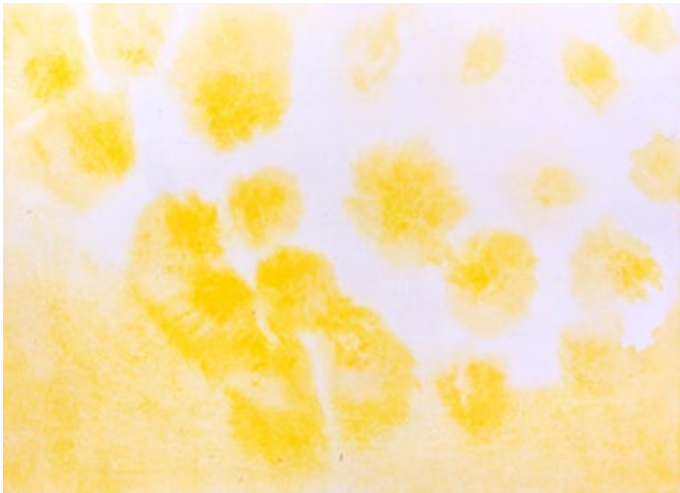


Figura 1 - Amarelo

Segunda Sessão

Uma semana depois, como segunda cor, ela escolheu o azul.

Da mesma forma foram exploradas as características dos elementos da natureza onde esta cor é encontrada e os movimentos característicos.

Desenvolveu o trabalho da mesma forma concentrada e cuidadosa, porém pintou de maneira diferente.

Ficou surpresa ao final, quando pode observar que havia criado um cenário que oferecia inúmeras possibilidades de desenvolvimento, de continuidade.

A seguir, as observações lhe foram apresentadas.

1 - Houve diversificação dos movimentos utilizados nas pinceladas, 2- Houve variação nas tonalidades e 3- Houve distanciamento do trabalho para observar o todo.

A maneira como trabalhou, possibilitou o surgimento de formas variadas, o que criou condições para que coisas acontecessem no cenário da pintura.

Se a premissa inicial fosse verdadeira, a cliente estava indo muito bem, o que indicava boas chances de sucesso.

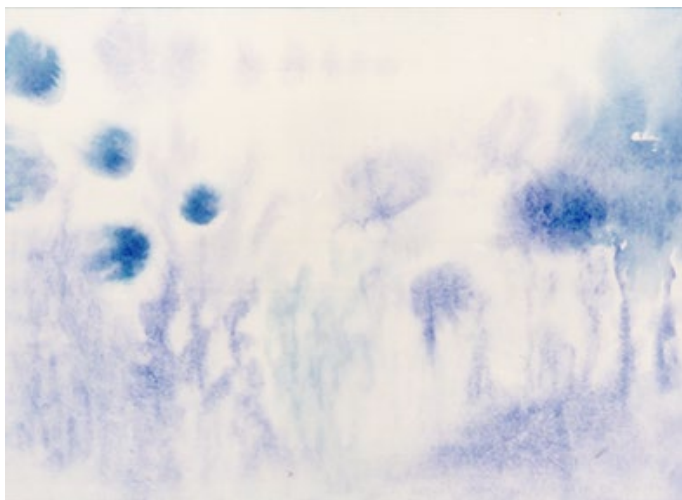


Figura 2 - Azul

Terceira Sessão

Houve um intervalo maior, de 15 dias entre a última sessão e essa.

Relatou no início da sessão que estava preocupada porque havia tido uma crise nesse período.

Nessa sessão a proposta foi trabalhar o relacionamento e a integração entre as duas cores exploradas inicialmente. Cada cor, assim como

cada pessoa, possui uma personalidade própria e para que o trabalho fique harmonioso, é preciso conhecer estas características e saber como lidar com elas.

No trabalho de pintura com essa técnica é preciso começar com a tonalidade mais sutil, depois se a intenção é que as cores fiquem mais escuras, vai-se intensificando aos poucos o pigmento. Ela colocou muito pigmento já de início e escureceu demais as cores. Ficou insatisfeita com o resultado.

No jogo entre luz e sombra, nesse trabalho, predominou o sombrio. Ela disse que na verdade, o trabalho havia ficado parecido com a maneira como estava se sentindo, sombria.

Era preciso fazer algo. Algo que não fosse parar a atividade e conversar sobre o que ela estava sentindo e sim agir, por meio da própria atividade. Aqui está uma das características dessa abordagem, a intervenção por meio da própria atividade.



Figura 3 - Amarelo e Azul

Sugeriu-se que buscasse a luz, removendo o excesso de pigmentos. Foi difícil, mas, aos poucos, ela conseguiu melhorar o trabalho e também o seu estado interior. Pareceu compreender que para buscar a luz é pre-

ciso um certo esforço, limpar o excesso. Isso vale para o trabalho de pintura e também para a vida.

Quarta Sessão

O terapeuta ocupacional sugeriu a repetição do exercício anterior e desta vez, ela tomou medidas preventivas para evitar a sombra, predominando a luz.

Nesse momento, ela quis conversar a respeito de como fazer isso na vida, no relacionamento com as pessoas. Ela também estava em tratamento psicoterapêutico e entendo que o espaço para a terapia por meio da linguagem verbal seria lá. Aqui, isso seria feito por meio da atividade, retomando a técnica, como uma metáfora. O pigmento (cor) deve ser colocado aos poucos, respeitando as características do movimento dos elementos de cada cor, e, se assim desejado aos poucos vai-se intensificando a cor, com acréscimo de pigmento, sem exagerar já no início.

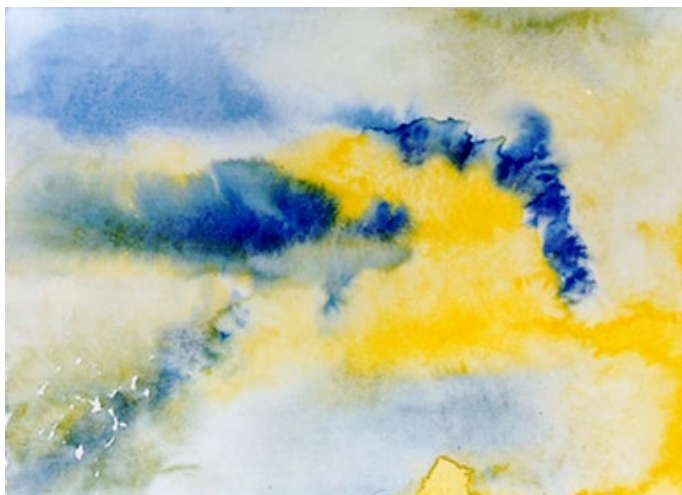


Figura 4 - Amarelo e azul

Ela ficou satisfeita com o resultado da pintura. É possível sentir uma harmonia na interrelação entre as cores.

Quinta Sessão

Foram explorados os elementos da natureza onde esta cor é encontrada e os movimentos característicos nesses elementos.

O vermelho é uma cor que parece ser mais agressiva, impõe-se no cenário da pintura, empurra as outras cores.

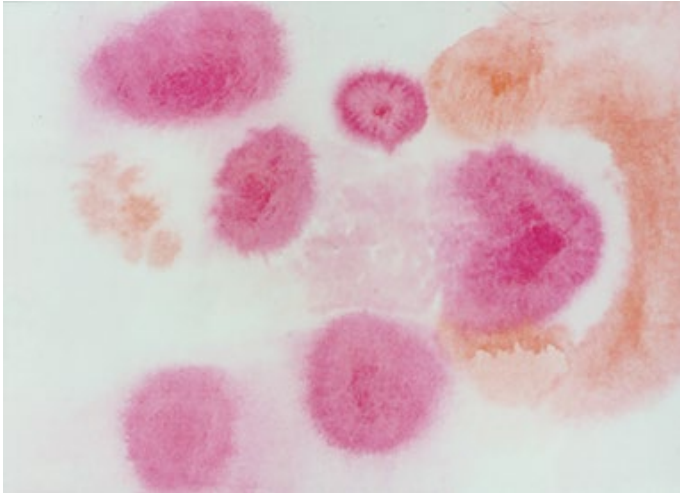


Figura 5 - Vermelho

Sexta sessão

Nessa sessão também foi trabalhado o tema do relacionamento das cores, e como as características do relacionamento entre estas duas são diferentes das características do relacionamento da dupla anterior, apesar de uma das cores ser a mesma (o amarelo).



Figura 6 - Vermelho e amarelo

Sétima sessão

Da mesma forma foi trabalhado o relacionamento da dupla de cores e como muda o contexto, dependendo de qual é a segunda cor a compor a dupla.



Figura 7 - Vermelho e azul

Oitava Sessão

Todas as cores se relacionam. Isso na natureza aparece de forma muito harmoniosa no arco-íris.

Sugeriu-se que tivesse como prática a observação da natureza, onde os elementos, a princípio estão numa relação harmoniosa e de equilíbrio.



Figura 8 – Comunidade das cores

Nona Sessão

Ela relatou que tem observado a natureza no caminho para o trabalho e no intervalo para o almoço, pois trabalha num local afastado da cidade onde há muita natureza.

Percebeu que gosta muito de árvores e resolve pintar uma árvore.

Ao final do trabalho o terapeuta ocupacional apresentou suas observações: 1- o tronco era fino e pequeno para o tamanho da árvore, 2- a árvore não tinha raízes e 3- a copa se expandia exageradamente. A sensação era a de que se ventasse forte, a árvore tombaria.

Metaforicamente pareceu ser um retrato de sua vida interior, seus pensamentos com grandes dimensões, seu pouco contato com a realidade, representado pelo tronco pequeno e a ausência de raízes, sua ligação

frágil com a vida. Isso não foi dito a ela, mas ela percebeu a metáfora e assustada perguntou: você acha que eu estou assim?



Figura 9 – Árvore

Como já descrito anteriormente prioriza-se nesse tipo de abordagem o trabalho por meio da atividade, então sugeri que precisaríamos trabalhar isso na árvore, na pintura.

Décima sessão – Não compareceu e justificou o motivo.

Décima primeira sessão

Retomou o tema árvore e trabalhou exaustivamente seu tronco, suas raízes, o solo onde estava fixada, sua copa, etc.

Paralelamente a isso, relatou seu esforço interior para manter-se ligada à realidade e neutralizar seus pensamentos fantasiosos. Disse que o

exercício lhe serviu como conscientização e procurou elaborar com maior consciência cada ato e cada decisão.

Demonstrou consciência não só no nível racional, mas também emocional. Buscou relacionar-se com as pessoas, procurando compreender suas individualidades.



Figura 10 – Árvore em processo de reelaboração



Figura 11 – Árvore reelaborada

Décima segunda sessão

Era inverno e as árvores estavam desnudas. As vezes parecem mortas, mas antes da próxima estação renascerão.

Seus sentidos passaram a ser mais utilizados, para um vínculo maior com a realidade, um primeiro passo estava se processando.

Agora, um segundo passo na busca do reequilíbrio seria observar e acompanhar os ciclos da natureza, que se repetem sempre, trazendo

alento e segurança às instabilidades da vida, assim como observar-se, conscientizando-se dos seus próprios movimentos e ciclos interiores.



Figura 12 Os ciclos da natureza – o inverno

Décima terceira sessão

MT pode também observar melhor o conjunto, as relações sociais, a comunidade. Além da primavera que estava chegando.

As raízes das árvores se interligam, elas se comunicam, se ajudam mutuamente.



Figura 13 - Conjunto de árvores na primavera

Décima quarta sessão

Pode rever também as relações bi pessoais e a primavera que já havia chegado. Nesta época MT começou a falar de seu relacionamento com um namorado.



Figura 14 - Dupla de árvores

Décima quinta sessão

A sutileza, a fragilidade, a fugacidade das flores. O ser humano também pode “florescer”.



Figura 15 - Flores

Décima sexta sessão



Figura 16 - Urso polar

A possibilidade de reconhecer a própria natureza humana, seus próprios instintos, o que é inicialmente reconhecido nos animais.

Nessa sequência de suas produções, também pode-se observar o desenvolvimento de suas mudanças.

MT pode rever o seu lugar no mundo e como se posicionava neste, como se relacionava com o outro e com os outros, encarar melhor seus sentimentos, instintos e emoções.

Seu processo durou aproximadamente um ano e está longe da terapia ocupacional há aproximadamente um ano e meio. Não voltou a ter crises de pânico. Parece ter conseguido efetivar algumas mudanças em sua estrutura básica de funcionamento, tendo conseguido isso, a partir das mudanças que foi realizando gradativamente em sua forma de agir no processo terapêutico que teve por atividade a pintura.

5.1.4 Comentários e Teorização

A pintura e as imagens em geral, têm uma especial relação para com as forças que partem dos sentimentos. Assim como as cores vivem entre a luz e as sombras, o ser humano vive também entre a alegria e a tristeza, prazer e sofrimento.

Pintando, coloca-se no mundo exterior a imagem que nasceu dentro de si. Essa imagem pode ter se originado de percepções do mundo exterior ou de dentro de si mesmo. Esse processo atua também como contração e expansão das forças anímicas, mundo externo e mundo interno.

Nesta abordagem a atividade além de instrumento de comunicação e diagnóstico, deverá cumprir principalmente o papel de tratamento.

Não se deve dirigir tanto a atenção para o objeto artístico criado, mas para os processos que no homem acompanham a atividade.

A eficácia da atividade, no sentido da aquisição de forças específicas para combater as tendências mórbidas do paciente, depende muito do modo da condução e da execução da mesma. A ordem adequada das

etapas e o conhecimento dos elementos possibilita justamente obter verdadeiros efeitos terapêuticos desde que estes sejam adequadamente manuseados. Isso deve ser feito de modo tão individual quanto os outros fatores do tratamento, se quisermos obter efeitos terapêuticos especiais.

A terapia por meio da atividade artística exerce efeitos que podem influenciar a estrutura básica da alma e sua relação com o corpo.

A tarefa do terapeuta consiste em recolocar em devido funcionamento o intercâmbio entre o pensar, o sentir e o agir.

Se for possível fazer com que o paciente alterne adequadamente entre o contemplar e o agir, a alma poderá novamente respirar entre vida interior e vida no mundo. Assim, a vida interior se enriquece e é continuamente inflamada e corrigida novamente pelo mundo.

A vivência interior é posta para fora com a atividade artística, de tal sorte que esta é como que a projeção exterior da interioridade.

Por outro lado, as orientações e a técnica, a forma mais acertada de desenvolver a atividade, buscando uma maior harmonia na pintura, é uma forma de introjeção do mundo exterior.

Este movimento dialético entre mundo interno e mundo externo, os conteúdos intrapsíquicos e a realidade externa, promove a aproximação de um equilíbrio na estrutura da personalidade.

5.1.5 Depoimento ou reavaliação

Em um período muito difícil de minha vida busquei com as últimas forças que me restavam a minha recuperação. Felizmente não desisti e segui em frente porque queria muito restabelecer o meu equilíbrio, me reestruturar emocionalmente e ter paz em meu coração. Foi neste momento que iniciei um trabalho terapêutico passando a frequentar semanalmente sessões de terapia artística. O desenvolvimento de uma atividade artística ligada a pintura deixou fluir para fora de mim e transformar uma energia até então destrutiva que se não fosse trabalhada rapidamente, certamente me consumiria. A terapia artística foi de fundamental importância para a minha cura. Permitiu desvendar e trabalhar aspectos do meu comportamento que eu desconhecia, ajudou-me a relaxar e criar, reafirmou o meu gosto pela pintura, proporcio-

nou a realização de alguns trabalhos que evidenciaram o meu sucesso terapêutico preenchendo tempos e espaços.

5.2 Caso 2 atividade artística e crescimento

Nesse estudo, será apresentado o caso de L, portadora de um transtorno neurológico grave. O tipo de transtorno apresentado fazia com que perdesse os sentidos caindo em qualquer lugar. Já havia tido quedas graves, nas quais fez fraturas de dentes e de maxilar, portanto dependia da presença constante de outras pessoas e não podia desenvolver nenhuma atividade que oferecesse riscos.

Paralelamente a esse processo, L deu continuidade ao acompanhamento médico-medicamentoso e a psicoterapia, aos quais já vinha se submetendo.

5.2.1 Caracterização da Paciente/Cliente

a) Dados pessoais

Nome: L

Idade: 28 anos

Escolaridade: Segundo grau

Estado civil: casada

Profissão: Não tem

b) Encaminhamento

L chegou ao consultório, indicada por um psicólogo que atendia o marido dela.

c) Diagnóstico Médico

Epilepsia difusa na parte posterior do cérebro, provocando crises de ausência e crises convulsivas do tipo grande mal.

d) História de vida

Seu quadro teve início no período perinatal. Nasceu prematura aos oito meses de gestação. Esteve em sofrimento fetal, nascendo com morte aparente, tendo sido reanimada. Foi difícil para ela e para os pais, mas com persistência de ambas as partes, conseguiu sobreviver.

Foi uma criança de baixo peso e apresentou a primeira crise convulsiva aos dois anos de idade. Passou por muitos exames e a partir dos sete anos foi medicada; suas crises ficaram controladas até aos quinze, apesar de o diagnóstico não ter sido estabelecido, segundo informações da mãe. Em torno dos quinze anos o médico re-

solveu diminuir a medicação e fazer uma tentativa de retirada da mesma, suspeitando que, por ter entrado numa outra faixa etária, suas crises pudessem ter desaparecido. Desde então voltou a tê-las sem condições de controle.

Um ano antes de iniciar a terapia ocupacional, esteve em Londres com seus pais, num grande centro especializado no diagnóstico e tratamento da epilepsia e seu diagnóstico foi finalmente estabelecido, procurou-se então acertar a medicação para que suas crises fossem novamente controladas. A possibilidade de que isso aconteça é em torno de 40%.

e) Queixa principal

Não havia uma queixa propriamente dita, mas um pedido: gostaria de encontrar alguma atividade que pudesse desenvolver com as limitações que tinha.

f) História Ocupacional

Aos 15 anos de idade, além de frequentar a escola, andava de bicicleta e fazia natação.

No momento não podia estar desacompanhada, o que a impossibilitava de sair sozinha e desenvolver atividades que lhe oferecessem algum risco.

Desde que concluiu o segundo grau, não teve outra atividade formal e sentia necessidade disso. Algum hobby, uma ocupação, se possível um trabalho.

g) Comentários sobre a entrevista inicial

A entrevista foi feita com L e com a mãe. O que mais chamou atenção nesse primeiro contato foi o aspecto físico frágil de L, o respeito a ela demonstrado pela mãe e o fato dela ter assumido e manter um casamento.

5.2.2 Metodologia e Projeto Terapêutico

Refletindo sobre como conduziria o trabalho, não houve muitas dúvidas quanto a sugerir uma atividade artística e a pintura em aquarela poderia ser muito adequada, pois possibilita diversos níveis de graduação de dificuldade, desde os exercícios mais simples, passando pelo hobby, podendo ir até a profissionalização. Além disso, não oferece nenhum risco pelo material utilizado, tendo ainda a vantagem da tinta ser inodora e atóxica.

A atividade foi proposta a ela, que aceitou com as ressalvas de que, não sabia desenhar e tinha dificuldades em sua coordenação motora.

Os atendimentos seriam semanais com duração de uma hora e se necessário esse tempo poderia ser aumentado.

5.2.3 O Processo

A fase inicial

Era início do ano. Os exercícios mais simples foram os escolhidos para começar. Foram exploradas primeiro as cores primárias, depois as secundárias, na sequência as terciárias sendo que em paralelo, trabalhávamos a observação estética da natureza. Ao final desse processo, um exercício com todas as cores primárias, que darão origem às secundárias e terciárias num mesmo trabalho.

As imagens dos trabalhos iniciais, simples exercícios, não serão aqui mostrados, pois o objetivo passou a ser, chegar a trabalhos mais elaborados. Esse objetivo foi estabelecido assim que se percebeu o potencial de L. Logo surgiram os elementos básicos para a pintura de paisagens: céu, mar, terra, árvores, flores. Não foi preciso saber desenho e nem ter coordenação motora fina precisa, as formas conseguidas por meio das próprias cores eram suficientes.

A cor traz a forma, não se desenha a paisagem, ela vai surgindo por meio das superfícies criadas. Isso facilitou muito o início, pois fez com que L se entusiasmasse pelos resultados. É uma forma de pintura abstrata e não figurativa, onde os contornos não são precisos, porém, é um tipo de trabalho que pelo seu resultado visual é valorizado.



Figura 1 - Paisagem



Figura 2 - Flores

L interessou-se sobremaneira pelo tema flores. Mais tarde, quando conheci sua casa, e mais profundamente sua história, compreendi melhor. O jardim é um dos mais belos e floridos que eu já vi. Plantado e

cultivado pessoalmente por sua mãe que também escreveu um livro sobre a história de L, chamado: A flor que era triste.



Figura 3. - Vaso de flores

Por sua própria iniciativa L passava horas no jardim, observando as flores e tentando reproduzi-las no papel. Fazia isso de maneira surpreendente, conseguia captar e reproduzir as peculiaridades de cada tipo de flor, de cada tipo de folha

Passou a observar as chamadas na TV sobre anúncios de exposições e programas de arte. Estava informada sobre tudo relativo ao assunto.

Começou a colecionar uma revista semanal, que ensinava desenho e pintura e passava outras tantas horas lendo e fazendo os exercícios recomendados.

Enquanto isso, no encontro semanal que durava agora mais tempo que o habitual devido a seu ritmo mais lento, trabalhou-se a prática artística com afinco. L trazia motivos que encontrava em folhinhas, calendários e revistas que retratavam obras de grandes pintores que chamavam a sua atenção e propunha reproduzi-las.

Às vezes precisava de alguma ajuda nos detalhes mais precisos.

Estava muito animada e satisfeita com os resultados, não faltava em hipótese alguma. Mostrava-se muito organizada, anotava tudo em sua agenda e sempre chegava adiantada.



Figura 4 - Flores

Contava sempre que sua família acompanhava com atenção o seu trabalho, aguardando com expectativa o seu próximo quadro, sendo todos cuidadosamente emoldurados

Algumas vezes, contava também sobre suas crises, e por outras, tinha-as durante as sessões. Gradativamente mostrava-se mais segura e confiante de que era capaz e que podia realizar seus planos e obter prazer. Falava sempre que estava gostando muito da ideia de poder um dia dizer: sou uma pintora.



Figura 5 - Flores



Figura 6 - Girassóis



Figura 7 - Guarapari



Figura 8 - Árvores

Ao final de quase dois anos, ela tinha aproximadamente doze trabalhos. Resolveu então fazer uma exposição, um vernissage. Convidou a mim, a sua psicoterapeuta, seus parentes e amigos mais próximos. A exposição foi um sucesso e L vendeu três quadros.

O evento era também sua despedida da terapia ocupacional e da cidade. Ela estava de mudança com seus pais para Guarapari, ES. Partiam em busca de mais sol e de relações humanas mais aquecidas.

Na última sessão, foi solicitado a L que respondesse a algumas perguntas e ela, prestativa concordou com muito prazer.

5.2.4 Depoimentos e Reavaliações

Entrevista com L

1- O que você achou deste trabalho que nós desenvolvemos juntos durante estes dois anos?

L respondeu que foi muito bom para ela, que teve a oportunidade de perceber que é capaz de fazer coisas que gosta e que elas podem ficar bem feitas.

2- Essa experiência mudou alguma coisa em sua vida? Você se vê de forma diferente hoje?

L respondeu que sim, que mudou muito e que agora estava mais confiante em si e nas suas capacidades.

3- Você acha que as pessoas passaram a vê-la de forma diferente?

Sim, sem dúvida, respondeu ela. Eles agora me enxergam de outra maneira, parece que me respeitam mais, que percebem que, apesar das dificuldades eu também sou capaz de fazer algumas coisas pelas quais eles também podem se interessar.

4- O que você pretende fazer daqui para a frente?

Respondeu que pretende aprender cada vez mais sobre pintura e desta forma, também ganhar cada vez mais confiança em si e em suas capacidades.

Pouco mais de um mês após sua partida L voltou a Curitiba e deixou um depoimento a nosso pedido a respeito de como havia sido para ela todo o processo de terapia ocupacional vivido. Sua mãe também deixou seu depoimento.

Quando solicitada a autorização para utilizar a história e as imagens, elas disseram que sim, sem nenhuma restrição e que inclusive fazem questão que seja divulgada a história e que dessa forma esperam poder ajudar outras pessoas com problemas semelhantes e que também estão à disposição para conversar e ajudar caso alguém se interesse.

Depoimento de L

Meu prazer de encontrar uma profissão colorida.

Meu nome é L, tenho 28 anos. Vou relatar como cheguei à pintura. Por causa da epilepsia, minha vida profissional é bem limitada. Quando vi, não tinha o que fazer em casa, e estava querendo descobrir um caminho, um curso, algo para me ocupar.

Por uma indicação procurei o Professor Milton que é terapeuta ocupacional. Com muita paciência ele foi me mostrando as cores e me fez descobrir a pintura em aquarela. Precisei de dedicação e persistência até conseguir os primeiros resultados. No começo foi difícil, mas depois descobri que tinha jeito para esta arte. Milton foi ensinando e eu fui praticando e as mudanças foram acontecendo tanto nas pinturas quanto na parte psicológica. Fui me sentindo capaz, sonhando com uma profissão. Os meus familiares começaram a acreditar mais em mim. Era um estímulo. Deu logo para eu perceber que valeria a pena o investimento. Fui guardando os quadros, colocando em molduras e depois de dois anos resolvi fazer minha primeira exposição, onde recebi carinho dos meus convidados, vendendo três quadros. Valeu a pena lutar! Hoje tenho a possibilidade de fazer do meu aprendizado um projeto profissional.

Depoimento da Mãe

L está sempre buscando um caminho para seu desenvolvimento e por conta dessa tenacidade encontrou na pintura meta importante para seu desenvolvimento emocional. Confesso que a princípio duvidei que ela fosse capaz de atingir totalmente seu objetivo, dada a dificuldade motora e inabilidade para o desenho. Mas o meu papel de mãe sempre me impeliu a apoiar todos os seus projetos e acompanha-la com energia e carinho. Ao iniciar o processo com o Milton L demonstrou grande interesse em aprender e vagarosamente iniciou o processo que culminou no sucesso que presenciamos na exposição de seus quadros. A dedicação e persistência do Milton fez com que L buscasse cada vez mais com prazer o seu aprendizado. Hoje vejo-a com sua autoestima fortalecida. Conseguiu provar para si mesma, para a família e para os amigos que é capaz. É importante saber que a pintura é para L hoje a possibilidade de uma profissão que irá se desenvolvendo a cada dia. Estou feliz em poder assistir a tal realização.

5.3 Caso 3 grupo de pessoas com transtornos mentais

Neste caso será apresentado o trabalho desenvolvido em um Centro de Atenção Psicossocial CAPS.

Na época do desenvolvimento desse trabalho o programa estava sendo implantado, estando em funcionamento há um ano, portanto em processo de consolidação.

Essa unidade foi a escolhida, por ser o local onde o pesquisador desenvolvia sua prática clínica.

Em se tratando de um CAPS, era imprescindível que fosse feita a articulação do eixo tratamento/reabilitação, sendo, portanto, esta abordagem que será explorada nesse caso.

A Organização Mundial da saúde estabelece que a reabilitação social é um processo de plena restituição dos direitos, vantagens e posições às pessoas, por meio da diminuição ou remoção de barreiras (Bertolote, 1996).

BERTOLOTE (1996) defende a ideia de que a reabilitação não pode ser entendida como a aplicação de uma determinada técnica independente de um contexto cultural, político e organizacional. O conceito de reabilitação psicossocial pode ser a alternativa para a superação da dicotomia entre o sujeito e o contexto. Essa abordagem leva em conta o nível micro da relação terapeuta-paciente, mas considera também o nível macro, onde encontram-se as variáveis políticas e do contexto.

5.3.1. A instituição psiquiátrica e a pessoa com transtorno mental

Esclarece-se que nesse trabalho, embora sendo uma instituição psiquiátrica, trata-se de uma instituição pioneira na reforma psiquiátrica no Paraná e no Brasil.

Nessa instituição sempre procurou-se contemplar o que há de mais atual na assistência psiquiátrica, como por exemplo, a exigência da participação familiar no acompanhamento do tratamento e da reabilitação do

paciente, considerando a internação necessária apenas no período de crise.

5.3.2 O Projeto Terapêutico

O trabalho foi desenvolvido numa abordagem de interdisciplinaridade, sendo a equipe composta por médico psiquiatra, psicólogo, terapeuta ocupacional, assistente social, enfermeira, auxiliar de enfermagem e auxiliar de serviços gerais, e ainda voluntários da comunidade.

A terapia ocupacional trabalha com as atividades relacionadas a arte além dos outros tipos de atividades necessárias e de sua competência, tais como as atividades de automanutenção, as recreativas, culturais e as profissionalizantes nessa abordagem que articula tratamento e reabilitação.

Nas questões de saúde e doença mental, a utilização da arte como recurso, pode variar desde auxílio diagnóstico, instrumento de tratamento a mediador da reintegração ou inclusão psicossocial.

Nesse trabalho, o foco será na articulação do eixo tratamento-reabilitação, como define de maneira brilhante VILLARES (1998, p.193)

A terapia ocupacional pode conquistar um lugar destacado na articulação entre o processo de tratamento e a reabilitação na esquizofrenia. Esse advém, por um lado, do próprio lugar do terapeuta no processo terapêutico, como um intermediário entre o espaço individual da relação terapeuta-paciente e o espaço coletivo das ações sociais. Mas é como articulador de um modelo de reabilitação que vai além da proposta técnica que o terapeuta ocupacional pode contribuir na construção de projetos que viabilizem a integração da clínica ao contexto sociopolítico, transcendendo as intervenções normatizantes geradas no modelo médico baseado na patologia, e portanto, mais voltadas às limitações e perdas do que aos recursos e potenciais.

É sabido que um dos desafios da reabilitação é o desenvolvimento de referenciais teóricos que compreendam as inovações das práticas psiquiátricas mais complexas e articuladas.

De acordo com BERTOLOTE (1996) é uma experiência comum a muitos serviços de assistência psiquiátrica que a reabilitação se desenvolve gradualmente, como um conceito incorporado ao longo da experiência, sendo um fato também, que são escassos os modelos teóricos desenvolvidos em reabilitação psicossocial.

Como parte da elaboração de uma área de conhecimento em reabilitação psicossocial, faz-se necessária a construção de uma linguagem específica nesse campo que seja útil e que contribua para sua identidade.

É nesse sentido, que essa experiência foi desenvolvida.

5.3.3 Caracterização da clientela

São pessoas em sofrimento psíquico, portadoras de transtornos mentais diversos, adultos com a faixa etária variando entre 18 e 65 anos de idade, ambos os sexos, poder aquisitivo variado, predominando classe média baixa pelo fato de ser uma unidade de tratamento do SUS – Sistema Único de Saúde.

O nível de escolaridade é também variado, sendo que a maioria possui o primeiro grau, alguns o segundo e poucos o terceiro grau.

5.3.4 Sobre a abordagem

Participaram desse trabalho cinco alunos da graduação em Educação Artística da UFPR. Pelo fato de ser uma clientela diferente das escolas formais os estudantes participaram das atividades relacionadas a arte, coordenadas e desenvolvidas pelo Serviço de Terapia Ocupacional, durante duas semanas com a finalidade de adaptação e familiarização com a clientela específica, antes do início do trabalho propriamente dito.

Foram escolhidas três obras de arte, e o trabalho com cada uma delas ocorreu em três etapas.

Antes do início do trabalho foi aplicado um questionário.

Na primeira etapa era mostrada uma ilustração da obra, que poderia ser uma gravura, um slide ou uma imagem. Era feita uma leitura estética da obra e em seguida aplicado um questionário inicial.

Na segunda etapa, era feita a contextualização da obra, para que os participantes tomassem conhecimento das características e das intenções do artista.

Na terceira etapa, os participantes utilizaram a obra como referência para o desenvolvimento de um fazer artístico.

Finalizando, era respondido o mesmo questionário do início do processo.

Para a elaboração desse questionário foram utilizados conceitos sobre os níveis de Leitura Estética, segundo Michael PARSONS (1992) e da Proposta triangular da Doutora Ana Mae BARBOSA (1997).

As teorias do desenvolvimento cognitivo, na qual se fundamentou Parsons, afirmam que alcançamos compreensões cada vez mais complexas quando passamos por uma série de etapas ou estágios de desenvolvimento.

Um estágio, é um aglomerado de idéias que nos permite estudar como uma pessoa compreende algo, ou pratica uma ação, em determinado momento de sua vida. São níveis progressivos para fazer interpretações e juízos racionais. PARSONS, (1992).

No primeiro estágio citado por Parsons, a cor é predominante, uma obra pictórica atrairá o observador por suas cores, aparecendo o tema na sequência.

No segundo estágio, o tema é a questão central, desde que seja tratado da maneira mais realista possível, num primeiro momento um realismo esquemático e em seguida um realismo fotográfico.

No terceiro estágio, predomina a expressão, que é concebida como subjetividade. Aspectos da experiência, estado de espírito, significações, emoções e coisas subjetivas.

No quarto estágio, o sentido está nos pormenores da forma e do meio de expressão. Apercebemo-nos de que podemos confrontar as in-

interpretações com a realidade do quadro, e de que os comentários dos outros nos ajudam a fazê-lo.

A interpretação passa a ser uma tentativa para relacionar entre si as diversas formas de ver um quadro, e para sintetizar num todo os seus diversos elementos PARSONS (1988). As obras de arte só podem existir no contexto de um conjunto de significações partilhadas publicamente, por meio das quais as interpretamos. A opinião dos críticos e dos historiadores são tão importantes quanto a obra do próprio artista.

No quinto estágio, o juízo é o aspecto predominante. O juízo estético, na verdade existe em todos os estágios, mas só no quinto é que se converte num objeto de interesse consciente. A essência do quinto estágio, é a busca de fundamentos para as interpretações e juízos, fundamentos que em princípio devem ser acessíveis a todos.

Sobre a proposta triangular, a educadora brasileira, Ana Mae Barbosa, que é sua idealizadora, propõe um ensino/aprendizagem na educação em arte como uma forma de democratização da cultura para todos os estudantes, enfatizando a importância da leitura da imagem como forma crítica de olhar. Este olhar crítico é, por sua vez, fundamentado por meio da contextualização histórica da obra, e finaliza com a produção do trabalho artístico como forma individual de leitura do mundo, de experiência e criatividade.

Essa proposta busca resgatar os conteúdos específicos em arte, ampliando o campo do conhecimento para além dos aspectos práticos e expressivos.

Quanto ao encaminhamento metodológico, na prática, pode-se iniciar o desenvolvimento dessa proposta a partir de qualquer um dos conteúdos dependendo dos objetivos traçados.

A leitura da imagem, ou da obra de arte, é feita pela análise crítica e estética da produção artística, situada historicamente, proporcionando ao aluno a sua apreciação e compreensão, tanto do ponto de vista dos elementos da linguagem visual, quanto do ponto de vista temático, filosófico. Segundo PILLAR e TEIXEIRA (1994) ler uma imagem seria,

então, compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la para apreendê-la como objeto a conhecer. Pode-se ler a mesma imagem a partir da análise gestáltica, semiológica, iconográfica ou estética.

A história da arte, ou a contextualização da obra apresentada, não deve ser abordada de maneira linear. Busca-se contextualizar o artista e sua obra no seu meio sócio cultural, mostrando que a arte não está isolada do cotidiano, da história pessoal. Apesar de ser um produto da fantasia e imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. BARBOSA (1994).

O fazer artístico é o resultado de uma ação consciente que pode se dar por meio das obras estudadas ou de outras formas de criação, a partir da vivência e da leitura crítica da realidade. Fundamenta-se tanto no conhecimento técnico e estético, quanto no conhecimento histórico.

Essas três áreas do conhecimento da Proposta Triangular devem ser trabalhadas em conjunto, garantindo assim a interrelação entre elas.

5.3.5 Desenvolvimento Prático

a) Cândido Portinari – Os Retirantes

Iniciou-se o trabalho com essa obra, porque nessa época, a exposição de réplicas das obras do pintor estava no Memorial de Curitiba, tendo sido realizada uma visita à exposição após o desenvolvimento do trabalho.

Num primeiro momento, foi apresentada a ilustração da obra. Após análise e observação por parte dos participantes, estes responderam ao questionário.

Aqui serão utilizadas as respostas de um ou mais participantes:

1) O que você vê nesse quadro?

- Uma família, sendo obrigada a se mudar, pela falta de comida, miséria e doenças, etc.

2) Do que é que trata este quadro?

- Trata de uma mudança para uma vida melhor, saindo da pobreza.

Verifica-se aqui, uma percepção do tema, com uma unidade, relacionando os elementos, o que denota uma característica do segundo estágio (nível de leitura estética).



Figura 1 Reprodução Autor: Cândido Portinari
Técnica: Óleo sobre tela Dimensão: 1,92 x 1,81
Ano 1944 Local: Museu de Arte Moderna de São Paulo

- 3) Que sentimentos encontra nesse quadro?
- Dá pena das pessoas mais velhas e das crianças.

Nessa resposta, verifica-se também a expressão, análise emotiva, tendo o sentimento como via de acesso, sendo esta uma característica do terceiro estágio.

- 4) Comente sobre as cores, formas e estilo.
- Cores apagadas, pessoas desconcertantes, caricaturas.

Aqui, observa-se a questão da cor e da pluralidade, com enumeração dos elementos da imagem.

5) É um bom quadro?

- Sim. Porque é baseado na família pobre do mundo todo, em meio às guerras, misérias, mudanças.

Aqui observamos características do quarto estágio, da interpretação como processo público.

Após respondido esse questionário, trabalhou-se a contextualização da obra, permeando-se pela biografia do pintor. Trabalhou-se de forma clara o que leva uma pessoa a buscar nas artes plásticas a sua forma de expressão. O que atraía Portinari era o ser humano, a gente simples, a vida diária. O pintor teve uma grande paixão pelo Brasil, procurou denunciar os problemas sociais do nosso país por meio de suas obras.

Além de trabalhar o tema, o conteúdo expressivo, também foi colocado em questão o estilo do artista, esclarecendo-se que esta era sua forma de materializar o seu conteúdo. Se as figuras eram deformadas, era uma questão de preferência estética e não por ignorar as regras do desenho.

Abordou-se a questão do estilo individual e das formas figurativas ou abstratas de representar os objetos da natureza.

Foi mostrado um mapa do Brasil, comentando-se sobre a seca do nordeste. Outras obras do pintor foram mostradas como O café, O algodão, O fumo, e destacadas as diferenças físicas e étnicas dos trabalhadores das diversas regiões.

Os participantes puderam manifestar-se a respeito do tema, expondo seus pontos de vista e questionando os problemas sociais da atualidade, como o problema dos sem-terra, etc.

No encontro seguinte, trabalhamos o fazer artístico sobre a obra. Eles deveriam fazer uma leitura da obra e depois interpretá-lo à sua maneira, por meio da técnica de pintura com tinta acrílica sobre papel canson.

O processo de criação foi muito interessante, porque no início existia certa resistência e a partir do momento em que as cores e as formas vão se ajustando, a liberdade de expressão vai acontecendo e o prazer estético é evidente.

Após o momento de criação, eles responderam pela segunda vez o mesmo questionário, agora com a compreensão e contextualização da obra.

O que se tem a destacar é que a qualidade das respostas não mudou muito, mesmo após a contextualização da obra e do fazer artístico.



Figura 2

Releitura da obra por uma das participantes

Essa participante não queria inicialmente visitar a exposição, sob a alegação de que o pintor só pintava coisas tristes e ela não gostava, mas após a contextualização da obra e certa insistência, cedeu e foi. Seu comentário após a visita foi o seguinte: - Você tinha razão, foi bom eu ter ido, agora estou com outra ideia do Portinari, ele pinta o povo brasileiro e também coisas alegres, valeu mesmo a pena eu ter ido, obrigada por ter insistido.

b) O Rosto de Mae West – Salvador Dali

O objetivo nessa situação foi o de evidenciar as experiências do inconsciente consideradas absurdas, ou seja, uma forma de livre expressão inspirada nos sonhos ou na imaginação.



Figura 3 Título: Retrato de Mae West

Autor: Salvador Dali

Técnica: Armação de madeira com estofa em feltro

Dimensão: 92 x 2,13 x 80 cm. Ano: 1936-37

Local: Borough de Brighton (Sussex) – The Royal Pavilion Art Gallery and Museum.

A partir da obra realizou-se a apreciação e análise inicial, em seguida foi aplicado o questionário.

Na sequência foi feita a contextualização da obra, juntamente com a biografia do autor. Sua personalidade extraordinária e que fugia dos parâmetros normais da época, chamou a atenção dos participantes, que fizeram diversas perguntas. Neste mesmo encontro, desenvolveu-se a prática artística tendo como referência essa obra de Dalí. Selecionou-se

um dos trabalhos para ilustrar esse momento. Depois, todos responderam novamente o questionário.



Figura 4 Retrato de Mae West
Releitura por uma participante

As respostas, em geral abrangeram questões sobre cor, tema, expressão, meio de expressão, forma e estilo.

- 1) O que você vê neste quadro?
 - O rosto de uma mulher.
 - Um rosto feminino.
- 2) Que sentimentos encontra nesse quadro?
 - Sentimentos de alegria, tristeza e abandono.
- 3) Comente sobre as cores, formas e estilo.
 - As cores estão de acordo com o modelo.
 - A forma é complexa e o estilo é surrealista.
 - Estilo exótico, cores fortes e variadas.

Diferentemente do trabalho anterior aqui não se conseguiu um juízo a respeito da obra, tendo sido as respostas referentes a esta questão vagas ou monossilábicas.

c) Mulheres no Jardim – Claude Monet

O objetivo foi o de levar os participantes a refletirem sobre esse estilo de pintura, onde trabalha-se ao ar livre, enfim um estilo diferente do clássico.

Por ocasião do seu desenvolvimento, a exposição de Claude Monet, estava no MASP, em São Paulo e a televisão fazia chamados frequentes. Esse foi um fato muito interessante de ligação dos participantes com a realidade, bem como de valorização da obra de arte e do fazer artístico.

Os procedimentos foram os mesmos. Num primeiro momento, apresentou-se a obra e fez-se uma análise, a partir da observação e do olhar dos participantes.



Figura 5

Título: Mulheres no Jardim

Autor: Claude Monet

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensão: 2,55 x 2,05

Num momento seguinte a obra foi contextualizada e a biografia do autor foi apresentada. Em seguida desenvolveu-se um fazer artístico e, por fim, o questionário foi novamente respondido.

Nas respostas estão presentes elementos dos cinco estágios, de forma geral.

1) O que você vê neste quadro?

- Uma família reunida.

- Um jardim com pessoas.

2) Que sentimentos encontra neste quadro?

Foram citados sentimentos de amor, alegria e ternura.

3) Comente sobre as cores, formas e estilo.

- As cores são claras, as formas perfeitas e o estilo acadêmico, clássico.

Interessante observar que esta resposta está bastante coerente com a realidade, pois sendo este um dos primeiros trabalhos oficiais de Monet, ele ainda não tinha desenvolvido o estilo impressionista, seguia ainda os mestres.



Figura 6
Mulheres no Jardim – Releitura

- 4). É um bom quadro? Porque?
- Não. Porque só mostra a nobreza.
- Sim. Porque mostra uma família feliz.

Nas respostas para essa questão, os diferentes participantes parecem questionar ou concordar com a obra, o que nos sugere um julgamento de valor do estilo e da obra.

Depoimento dos estagiários que participaram do trabalho

De forma geral, consideraram válida a experiência, tendo feito algumas sugestões.

Avaliaram como interessante o fato de ser uma área diferente na educação formal. Sugeriram mais tempo para o desenvolvimento do trabalho, sendo que as sugestões em geral consideraram seis meses um tempo ideal para isto, com a frequência de uma vez por semana.

Como compreensão estética, consideraram também importante o fato de identificar o nível de desenvolvimento estético do participante para poder elaborar a aula seguinte de acordo com as possibilidades identificadas.

5.3.6 Comentários e teorização

A experiência foi bastante válida, tendo a sugerir para uma possível continuidade ou exploração similar o seguinte: que seja desenvolvido um fazer artístico antes da contextualização da obra e outro depois para comparação das imagens; que se tente verificar realmente o nível de leitura estética dos alunos/pacientes antes da exploração histórico cultural da obra.

Percebeu-se nesta experiência um aumento do conhecimento e do contato dos participantes com a realidade e a cultura. Ao mesmo tempo em que passaram a prestar mais atenção em fatos da realidade, como por exemplo a imagem de um quadro conhecido numa revista ou na televisão, passaram a estar mais atentos para figuras similares, na tentativa de identifica-las e fazerem correlações com as que já conheciam.

Passaram a estar inseridos na vida cultural da cidade, incluindo a perspectiva de visitas a museus e galerias de arte como parte do lazer e a terem assuntos atualizados para conversas com a família e amigos, etc.

Começaram a perceber as diferentes possibilidades e estilos de pintura, principalmente na arte moderna onde os padrões tradicionais são modificados e todos tem a sua própria possibilidade de expressão.

Houve a continuidade do trabalho, que já acontecia antes do desenvolvimento desta experiência e logo na sequência ocorreu um concurso nacional. Vários participantes concorreram, escolhendo uma de suas telas pintadas e enviando para a comissão organizadora nacional.

A paciente que pintou os três trabalhos anteriores (de releitura), pintou esta tela a seguir (Figura 7) e inscreveu-se no concurso.

Mais de mil telas foram inscritas e esta foi selecionada entre as cinquenta que foram expostas durante o Congresso Nacional de Psiquiatria daquele ano.

Essa paciente havia ficado aproximadamente 20 anos asilada numa instituição psiquiátrica de Curitiba. Por meio da atividade artística, foi possível rever suas potencialidades, de forma que ela pode sentir-se inserida como pessoa numa participação social e cultural, inclusive com a família, tendo mais assuntos para as conversas do dia-a-dia



Figura 7

As Ninfeias de Monet – Releitura

5.4 Caso 4 adolescentes dependentes de substâncias psicoativas

Nesse estudo de caso, é apresentado o relato de uma experiência que teve a duração de um ano.

Inicialmente é feito um apanhado geral das questões que se consideram de maior importância para esta fase do desenvolvimento humano. A seguir contextualiza-se o local e as condições onde o trabalho aconteceu,

com breve histórico de seu surgimento, descrevendo as principais características da clientela atendida e a operacionalização do trabalho.

Na sequência é abordado o processo de terapia ocupacional com os princípios e técnicas utilizados no contexto específico. Alguns trabalhos desenvolvidos durante o processo ilustram a experiência sendo feita uma localização em um caso, no qual a sincronicidade entre o que se podia oferecer e o momento da busca daquela individualidade, resultou em sucesso.

5.4.1 Considerações teóricas sobre a adolescência

As perguntas cruciais do adolescente são: Quem sou eu? O que eu quero? Do que sou capaz.

A adolescência começa com o despertar da pessoa; conscientemente. Querer ser alguém distinto de qualquer outro. Há uma tendência na direção de um curto circuito do julgamento e da ação, que será tanto mais violenta quanto mais o seu eu pessoal estiver inseguro.

A tarefa do jovem nesta fase é a de aprender a aceitar-se e assim ser capaz de responder perguntas para si, de fazer escolhas e tomar decisões; começar a assumir a própria responsabilidade individual; ter a coragem das próprias convicções, mantendo assim, a tarefa da liberdade interior. Para isto, é necessário um desenvolvimento saudável do eu.

Em geral, distingue-se ainda três passos no desenvolvimento do eu. Primeiro, a consciência do eu, começando por volta do terceiro aniversário; segundo, a experiência do eu, começando no período da escola primária e terceiro, a realização do eu, na adolescência.

Neste último período aumentam as dissonâncias entre as três partes do aparelho psíquico e é necessário um certo tempo para que o id, o ego e o superego estejam aptos a funcionarem outra vez como um conjunto harmonioso D'ANDRÉA (1989).

FREUD, citado por D'ANDRÉA (1989), concebeu para a atividade psíquica uma estrutura a que chamou de aparelho psíquico. Este é composto de três partes: id, ego e superego.

O id é a parte original deste aparelho a partir da qual, posteriormente desenvolvem-se as outras duas. Constitui a porção herdada e que está ligada a constituição. É a totalidade do aparelho psíquico do indivíduo ao nascer e está voltada para a satisfação das necessidades básicas da criança, no começo de sua vida. A atividade do id consiste de impulsos que obedecem ao princípio do prazer, isto é, que busca o prazer e evitam a dor, na medida em que estas sensações são definidas pela própria natureza do organismo.

O ego. Ao defrontar-se com as demandas do meio, a criança precisa gradualmente redirecionar os impulsos do id, de modo que estes sejam satisfeitos dentro de outro princípio que não o do prazer: o princípio da realidade. Isso significa que o indivíduo deve suportar um sofrimento para depois alcançar o prazer e renunciar a um prazer que poderá fazê-lo sofrer mais tarde. No entanto, ambos os princípios visam o mesmo fim: Alcançar a satisfação e evitar a dor. Portanto, pode-se considerar o princípio da realidade como o princípio do prazer modificado pelo desenvolvimento da razão. Assim, o ego tem uma função de autopreservação, pois se houvesse apenas a busca da gratificação imediata, sem levar em conta as consequências da total evitação do sofrimento, o indivíduo sucumbiria. Como intermediário entre o mundo interno (id) e o mundo externo, o ego exerce uma série de funções. Em relação ao primeiro, aprende a controlar as demandas dos impulsos, decidindo se estes devem ser satisfeitos imediatamente mais tarde ou nunca. Em relação ao segundo percebe os estímulos, avaliando sua qualidade e intensidade, a partir de lembranças de experiências passadas. Protege-se dos estímulos percebidos como perigosos, aproveita os estímulos favoráveis e realiza modificações no meio, que possam resultar em benefício da própria pessoa. Em outras palavras, são funções do ego: perceber, lembrar, pensar, planejar e decidir.

O superego. A proporção que se desenvolve a criança descobre que certas demandas do meio persistem sob a forma de normas e regras estabelecidas. Dessa forma, o ego tem que lidar repetidamente com os mesmos não precisará parar os tipos de problemas e aprender a encontrar para estes, soluções socialmente aceitáveis. O indivíduo, entretanto, não precisará parar para pensar cada vez que isso ocorrer. A decisão far-se-á automaticamente pois as regras e normas impostas pelo mundo externo vão se incorporar na estrutura psíquica, constituindo o superego. Este, que popularmente é chamado de consciência, representa a resposta automática, certo ou errado, que surge na pessoa diante das várias situações que exigem uma tomada de posição. Assim, o superego representa a herança sociocultural do indivíduo, enquanto o id representa a herança biológica.

Estas três partes da estrutura psíquica, não podem ser consideradas isoladamente no seu desenvolvimento e funcionamento. Estas são interdependentes.

Este período é influenciado por fatores constitucionais, psicológicos, sociais econômicos e culturais.

O jovem pode tornar-se irritável, nervoso e mal-humorado, sem que ninguém possa auxiliá-lo, a não ser com paciência e compreensão.

Há uma recapitulação dos conflitos e defesas das fases pré-latentes. Esta é a primeira recapitulação de processos psicosssexuais da infância.

Se o adolescente tem problemas não resolvidos de fases anteriores, o resultado da interação entre as dificuldades passadas e atuais pode chegar até a desorganização mental. D'ANDRÈA (1989).

5.4.2 O projeto terapêutico

O programa estava inserido na Secretaria da Criança da Prefeitura Municipal. Esta Secretaria oferece outros programas para adolescentes: Casas-lares e Repúblicas para moradia.

A secretaria de Educação oferece os CEI – Centros de Educação Integral, onde muitos adolescentes podem passar o restante do dia, após o período de escolarização, desenvolvendo atividades sociais, culturais, esportivas, recreativas etc.

Porém, todos estes programas não atendiam a um determinado grupo de adolescentes, que não conseguiam adaptar-se às normas e regras estabelecidas nestes locais.

Então, um grupo de técnicos, composto por terapeuta ocupacional, psicólogos e assistente social, resolveu, a partir da constatação desta necessidade, criar um programa que atendesse justamente este grupo de risco.

Este programa recebeu o nome de PROCAUD – Programa de Atendimento à Criança e Adolescente Usuário de Droga.

Desenvolve-se em parceria com o CONEN- Conselho Nacional de Entorpecentes.

No programa existem três níveis de atenção – prevenção, tratamento e reabilitação.

No nível de tratamento existe o projeto de atendimento ambulatorial, que foi desenvolvido quando se sentiu a necessidade de, além do atendimento individual, uma, duas ou três vezes por semana, um espaço que pudesse oferecer um ambiente protegido para esta clientela.

Foi então criado o Centro Dia, com o objetivo de oferecer atividades que pudessem proporcionar a esses adolescentes, condições para uma reflexão acerca de si e de sua situação atual, possibilitando-lhes uma busca planejada de ações futuras, proporcionando-lhes ainda, um distanciamento das drogas e do ambiente que facilitava o uso; bem como uma experiência de reaproximação gradativa de si mesmo e do outro, sem o uso e intermediação da droga.

Como primeiro passo para isto, é considerado o desejo de cada um para estar neste ambiente, sendo respeitados os interesses e as motivações individuais.

Não se obriga a abstinência, porém o espaço físico do Centro Dia deve ser respeitado como local para tratamento, não sendo permitido o uso de substâncias químicas no ambiente, trabalhando-se a conscientização dos efeitos nocivos das mesmas.

Para BENETTON (1994), na proposta do fazer, terapeutas e atividades colocam-se à disposição para construir desde a recepção no espaço que se interponha entre o dependente de substâncias e a droga. Para abrir este espaço é impossível deixar um dos dois de lado ou simplesmente retirar a droga de cena. É preciso incluir sem excluir.

Procura-se criar, construir, juntamente com cada um, outras formas de se obter prazer, satisfação. Outras formas de relacionamento com o outro e com a vida.

Este Programa constituiu-se numa proposta pública de assistência, baseando-se na gratuidade, preservação do anonimato e no caráter espontâneo e voluntário da demanda, para uma população tida como grupo de risco para o consumo de drogas.

Organização do trabalho

O início das atividades ocorria as 9 horas, com a chegada dos usuários e o café da manhã, logo após, das 10 às 12 horas ocorria um módulo de atividades seguido do horário de almoço das 12 às 14 horas e mais um módulo de atividades das 14 as 16 horas, seguido do lanche e encerramento das atividades do dia.

Eram cinco módulos de atividades diferentes, que aconteciam duas vezes por semana, coordenados por profissionais de diferentes formações. Ambientalismo, coordenado por um engenheiro florestal; som, ritmo e movimento coordenado por uma musicoterapeuta; atividades artísticas, coordenado por um terapeuta ocupacional, um módulo operativo centrado na tarefa, coordenado por um psicólogo e um módulo abrangendo uma programação variada, coordenado por um educador social.

Abordagem a partir da subjetividade

Este tipo de abordagem é o que caracteriza este trabalho, o que lhe dá uma marca própria.

Geralmente em outras instituições, trabalhos com este mesmo tipo de problemática são desenvolvidos e a abordagem gira em torno da proibição e de normas rígidas.

Aqui, a abordagem se dá em torno do desejo e das possibilidades que o indivíduo tem de mudar sua realidade a partir do seu interior.

Não se tenta apagar o sujeito, mas fazer com que ele apareça com suas dificuldades e problemas na relação com o outro, com o mundo.

Não é tarefa fácil. Muitas vezes, depara-se com a impotência de toda a equipe quando já investiu bastante, já ofereceu o melhor de si no atendimento de um paciente e ainda assim não consegue ajuda-lo. O sentimento de impotência é real e a única coisa a fazer é admitir, aceitando também a limitação e o momento do outro.

5.4.3 A Clientela

Grupo de seis adolescentes de 12 a 21 anos com as seguintes características:

- a) dependentes de substâncias psicoativas (maconha, cocaína, craque, solventes, álcool) com tabagismo associado e participantes de um círculo usuário fornecedor na vila, no bairro ou no centro da cidade.
- b) geralmente apresentavam vivências de situações traumáticas na infância, tais como abandono por um ou ambos os pais, adoção complicada, pais dependentes de substâncias químicas, agressões físicas graves (às vezes com sequelas), abusos sexuais, etc.
- c) situação de rua temporária ou permanente.
- d) baixa inserção e rendimento escolar
- e) possuidores de complicações relativas à sexualidade e identidade sexual.
- f) possuidores de questões com a lei, geralmente relativas a transgressões.
- g) dificuldades para concentrar-se em determinadas tarefas até o término
- h) auto estima rebaixada
- i) sérias dificuldades familiares quando ainda vivem junto das famílias

Segundo Silveira citado por TEDESCO (1995), esses indivíduos se caracterizam por um padrão de uso de drogas em que o elemento dependência assume papel de destaque na relação dual indivíduo-droga. O que distingue em última análise, dependente do usuário é o grau de dependência do produto.

A droga passa a ser para o sujeito, uma solução, uma consequência, não a causa.

Segundo TEDESCO (1995) a dependência passa a ser uma conduta assumida frente a um projeto de vida insustentável, onde a comunicação entre o mundo interno e o mundo externo só se viabiliza por uma distorção das realidades vividas, a uma nova imagem de si mesmo, não mais eu, mas eu-droga. Esta distorção se dá pela alteração das percepções, alterações dos vínculos consequentes de uma postura aditiva.

Cita ainda a mesma autora que esse projeto de artificialização da vida entra em falência quando o paradoxo do uso se acirra, o dependente encontra-se aqui em um momento de crise, quando percebe que continua não podendo viver sem a droga e, paradoxalmente, não pode mais viver com ela.

Para caracterizar a relação que estes indivíduos estabelecem com o ambiente WINNICOTT, citado por TEDESCO (1995), descreve o processo de maturação dizendo que o indivíduo visto como unidade autônoma não é, na realidade, independente do ambiente, ainda que existam maneiras pelas quais o indivíduo maduro possa se sentir livre e independente, ficando feliz por possuir uma identidade pessoal.

5.4.4 Especificamente sobre a terapia ocupacional

Foram identificados alguns princípios que serviram como norteadores da conduta durante o processo, sendo eles:

- a) as atividades podem ser facilitadoras para a inclusão em um novo ambiente,
- b) o fazer como uma evolução natural do processo criador (as mãos e a mente transformando uma matéria) como que ampliando relações de troca no mundo

- c) a constituição de um social onde as relações de troca pelo fazer possam gradualmente se estabelecer frente a potência criadora não mais dual. O termo potência criadora dual, refere-se aqui à capacidade de relacionar-se apenas com um outro de cada vez, manifestando dificuldades para interagir em grupo e com atividades,
- d) possibilidade de expressão e comunicação do não falado,
- e) oportunidade de sentir-se capaz de produzir algo que o identifique e diferencie.

Desenvolvimento prático

As atividades desenvolvidas foram organizadas da seguinte forma:

a) Atividades de auto cuidado

Percebia-se que se escondiam por detrás da aparência desalinhada. Muitas vezes estavam sujos e mesmo cheirando mal. Não havia sentido propor outras atividades sem antes cuidar disso.

A partir da valorização das características individuais de cada um e de discussões com o grupo, sugeriu-se atividades como saídas para cortar os cabelos, utilizando recursos da comunidade, como a escola de cabeleireiro do Sesc; preparação de uma caixa para os pertences de uso pessoal, facilitando a escovação de dentes e de cabelos, utilização de desodorante e melhor apresentação pessoal com o vestuário.

b) Preparo e comemoração dos aniversários

Essa atividade foi desenvolvida em conjunto com a Musicoterapeuta e foi uma experiência muito interessante.

A maioria deles nunca havia tido uma festa de comemoração de aniversário e todo o processo, desde o preparo até a realização da festa possibilitava grandes oportunidades de discussão acerca da história de vida de cada um.

Simbolicamente, comemorar o aniversário, é comemorar o próprio nascimento, o início da própria existência.

c) Atividades artísticas – escultura e pintura.

Dentre os diversos tipos de atividades que poderiam ser escolhidas em termos de terapia ocupacional, optou-se pelas atividades artísticas plásticas (escultura e pintura); por considerar-se que os benefícios para este tipo de clientela seriam maiores.

A aceitação da proposta pelos participantes foi boa e o trabalho foi desenvolvido duas vezes por semana durante duas horas cada encontro.

A orientação para o trabalho foi grupal e geralmente o número de participantes foi de cinco ou seis adolescentes, sendo que o trabalho grupal propriamente dito com as atividades foi considerado inviável por

causa das diferenças no nível de comprometimento e no envolvimento pessoal de cada um.

Isso fez com que a opção fosse pelo desenvolvimento do grupo de atividades onde cada um desenvolve o seu trabalho, porém com um único tipo de atividade.

Utilizou-se a técnica denominada pelo pesquisador de criação espontânea, a partir de formas básicas ou metamorfose, de orientação na terapia artística.

A técnica consiste em solicitar que cada um construa uma forma básica (esfera, cubo ou triângulo) a partir de uma porção de argila oferecida. A instrução é que cada um busque concretizar as formas que vão surgindo espontaneamente a partir da forma básica, tendo em vista um trabalho satisfatório para si procurando novas soluções, persistindo sempre um pouco mais do que imagina ser o seu limite.

A argila é um catalisador de energias, ajudando a criar forma, estabelecendo limites na matéria, que muitas vezes parece ser o que lhes faltou, justamente a estruturação que o dependente precisa, além dos aspectos primitivos do material.

Surgiram muitas e impressionantes imagens.

M

Dezesseis anos, estive envolvido em assaltos a mão armada em ônibus e estava sob tutela judicial.

Não tem a visão de um dos olhos, devido a ferimento causado por uma agressão de sua mãe adotiva quando ainda era muito pequeno.

Mostrava-se sempre muito irritado, mas parecia precisar que alguém o apoiasse.



Figura 1 - Os sentidos



Figura 2 Autorretrato

A

A mãe abandonou-o juntamente com um irmão, para ir viver com um novo companheiro. Ele foi deixado junto com o irmão com uma tia que já tinha cinco filhos e não tinha marido. As crianças precisavam ar-

ranjar dinheiro para comer, então tinham que sair para as ruas para cuidar de carros e pedir dinheiro.

Passaram a conviver em bandos nas ruas e a cheirar cola. Seu irmão a quem havia se ligado muito afetivamente por ser a única pessoa mais próxima com quem podia contar, foi morto por um outro adolescente do bando com um tiro, o que foi assistido por ele. Tinha muita consciência do que havia acontecido e muita revolta por toda sua história de vida. Recentemente havia voltado a morar com a mãe.



Figura 3 - Um homem forte

A ideia foi representar um corpo masculino, forte e musculoso. Talvez como gostaria e precisava sentir-se.



Figura 4 - O lobo mau

Nestes dois trabalhos, demonstrou toda sua fragilidade e medo, buscando a fortaleza, em oposição ao seu grande sentimento de impotência e os sentimentos de ameaça de sua integridade, demonstrado pela figura do lobo que ameaça. Talvez tenha se sentido assim ameaçado devido a sua triste história.

T

Quinze anos, sexo feminino. Seu pai, alcoolista crônico e ela não o considera como pai, demonstrando muita revolta por sua mãe nunca ter se separado dele. Prostitui-se para conseguir droga. Usa craque e cocaína. Raramente falta apesar de passar o dia sonolenta por não ter dormido a noite.

Seu trabalho foi uma escultura abstrata, sem forma definida e sem cor. A vida sem forma definida e sem alegria.



Figura 5 - Abstrato

A

Dezenove anos, estudos interrompidos há dois anos no primeiro ano do segundo grau. Mora com a família. Usuário de maconha e cocaína há mais ou menos cinco anos. Foi apresentado ao uso de drogas pelos irmãos mais velhos e amigos. Não conseguia sair deste círculo. Faz psicoterapia individual há três anos.

Havia dúvidas sobre seu diagnóstico, pois apresentava certa cisão com a realidade.

Aderiu muito bem ao tratamento, sendo extremamente assíduo e responsável. Frequentava o centro dia há seis meses.

Sentia prazer em fazer esculturas. Possuidor de grande sensibilidade estética, o que lhe foi sendo apontado, sempre que possível.

Depois de seis meses de tratamento no Centro dia, resolveu voltar para a escola. Já se sentia seguro, considerando-se capaz de desempenhar as atividades escolares e de dizer não aos convites para uso de drogas.

Pensava também em conseguir um trabalho. Conseguiu com a ajuda do pai, fato de que se orgulha muito. O pai é vendedor de pastilhas. Visitou o atelier de um artista alemão que faz mosaicos e vitrais para igrejas e conversando com o mesmo, conseguiu um trabalho para o filho.

Deixou uma grande escultura inacabada. Seis meses depois, procurou o terapeuta para continuar o trabalho com as esculturas.

Pensa em fazer escola de Belas Artes quando terminar o segundo grau. Já está há um ano nesse trabalho.

Seu Depoimento

- Mesmo que eu não ganhasse nenhum dinheiro ainda assim eu queria fazer esse trabalho, só pela oportunidade de aprender e conviver com aquelas pessoas.



Figura 6 - Busto de mulher alada

A possibilidade de ter podido fazer suas próprias escolhas, tendo sido apoiado nestas, proporcionou-lhe um fortalecimento gradativo do eu.

Continua com os atendimentos individuais com sua terapeuta e agora está mais satisfeito e feliz com o estilo de vida que tem.

Esse processo parece ter sido verdadeiro e produtivo.

Essa escultura possibilitou-lhe a percepção de sua sensibilidade e habilidade artística, bem como a descoberta do prazer que podia sentir naquele tipo de trabalho.

A figura da mulher como possibilidade de se completar e de obter prazer. As asas poderiam representar a possibilidade do divino, do sonho, talvez uma vida com prazer sem a droga.

Sua segunda escultura era um enorme bloco de argila que ele modelou e esculpiu cuidadosamente. Apresentava uma enorme variedade de formas, com grandiosa riqueza de possibilidades. Talvez seus projetos e perspectivas futuras.

5.5 Análise das categorias selecionadas a partir dos casos estudados

Neste item será feita a análise das principais categorias identificadas nos Estudos de Casos, procurando correlacionar aspectos práticos com aspectos teóricos desenvolvidos por alguns autores, de acordo com o posicionamento do pesquisador. Foram selecionadas algumas categorias que apesar de, a princípio não fazerem parte do projeto inicial, apareceram como elementos importantes no decorrer do trabalho. Evidentemente todas essas categorias não serão aprofundadas, mas serão feitas as considerações a respeito, sendo que a categoria mais desenvolvida será sobre a que mais diz respeito a esse trabalho: a atividade artística.

5.5.1 Exclusão

Esta categoria envolve todos os indivíduos dos casos apresentados. Trata-se da exclusão social, que já aconteceu, está acontecendo ou está por acontecer.

Segundo FAUCAULT (1984) estas exclusões podem ser de diferentes tipos de acordo com as culturas: separação geográfica como nas socieda-

des indonésias onde o homem diferente vive só, às vezes a alguns quilômetros do povoado; separação física, como nas nossas sociedades que praticam o internamento ou simplesmente separação virtual, apenas visível do exterior. Aquela onde o indivíduo está geográfica e fisicamente próximo, mas está emocional e moralmente isolado pelo grupo.

A questão da exclusão acontece por vários fatores e de várias formas e aspectos. Um certo número de operações prévias que se baseiam em recordes do espaço social, segundo suas linhas da valorização e da exclusão.

Esta, a exclusão, é uma questão genérica que vem permeada por várias questões específicas que serão enumeradas a seguir.

O primeiro e mais fundamental ponto que aparece nos Estudos de Casos, levando estes indivíduos à exclusão é a questão da incapacidade em que se encontram para tomar parte no processo produtivo da sociedade, sua impossibilidade de desenvolver uma atividade prática que seja satisfatória para ambos.

Isto faz com que se desenvolva um sentimento de menos valia em relação a si próprio e também pelo grupo social a que se sente pertencente. O indivíduo passa a ser aquele desocupado, que não produz nada, que não contribui para a renda familiar e que não tem nenhum status trazido pela sua função produtiva na sociedade.

5.5.2 Ociosidade

Michel FOULCAULT (1984) nos fala que no mundo burguês, um vício maior, o pecado por excelência acabou por ser definido: a ociosidade.

Essa característica agrupou originalmente todos aqueles que residiam nas casas de internamento. Foi a incapacidade em que se encontravam de tomar parte na produção, na circulação ou no acúmulo das riquezas, seja por sua culpa ou acidentalmente.

O autor cita ainda que nos hospitais, como nas workhouses na Inglaterra naquela época, reinava o trabalho forçado. Fiava-se, tecia-se,

fabricavam-se objetos diversos que eram lançados a preço baixo no mercado para que o lucro permitisse a instituição funcionar. Mas o trabalho tinha também um papel de sanções e de controle moral.

Esta perspectiva acima identifica-se com o trabalho alienante segundo a teoria marxista citada por Vasquez.

5.5.3 O trabalho e a atividade significativa

A abordagem de terapia ocupacional com a qual se tem trabalhado nesse estudo identifica-se com o oposto ao trabalho alienado e faz com que seja possível a percepção de uma outra categoria de análise comum nesses casos estudados. O trabalho como ou a atividade significativa como instrumento de libertação. Está relacionado na terapia ocupacional com a percepção de que o homem fazendo se faz, transformando a natureza se transforma a si próprio.

O trabalho, portanto, não é apenas criação de objetos úteis que satisfaçam determinada necessidade humana, mas também o ato de objetivação e plasmação de finalidades, idéias ou sentimentos humanos num objeto material concreto, sensível. Nesta capacidade do homem de materializar suas forças essenciais, de produzir objetos materiais que expressam sua essência, reside a possibilidade de criar objetos, como as obras de arte, que elevam a um grau superior a capacidade de expressão e a afirmação do homem explicitada nos objetos do trabalho. (VAZQUEZ, 1987, p.69).

Esta capacidade do trabalho explicitada pelo homem nos objetos, tem o poder de elevar a um grau superior a sua capacidade de expressão e de afirmação.

Este aspecto foi exemplificado nos Estudos de Casos e será lembrado aqui.

L, quando depois de quase dois anos de trabalho, sente-se fortalecida o suficiente para mostrar as obras que produziu numa exposição, recebe as pessoas em sua casa e tem suas capacidades reconhecidas por elas.

A, que resolve trabalhar num atelier de artes e diz que faria isto, mesmo que fosse para não receber nenhum dinheiro, porque o que estava aprendendo ali e a oportunidade de convivência com as pessoas era o mais importante. Depois resolve prestar vestibular para a Escola de Belas Artes, numa demonstração de que encontrou um rumo para o seu caminho, o que poderá trazer-lhe reconhecimento social e um lugar a ser ocupado no mundo.

MT, que para de ter crises de pânico, e assume uma atitude mais reflexiva e ativa diante de sua própria vida, como que retomando o controle da mesma, podendo direcioná-la conscientemente e de acordo com suas expectativas e desejos.

Os usuários do CAPS, quando participam de um concurso nacional de arte que os inclui, ou sentem que seu trabalho não está nada a dever aos de uma exposição do museu de imagens do inconsciente, que passam a entender um pouco de arte, a ter um assunto a mais para conversarem com as pessoas e a estarem atentos para a vida cultural da cidade.

A atividade prática se constitui sempre em atividade vital à existência. Desta forma, o desenvolvimento da consciência das necessidades humanas, da atividade prática, da interação social e da atividade criadora, tem uma relação indissolúvel. O trabalho, a criação como atividade significativa é a expressão e a condição fundamental da liberdade humana e seu sentido encontra-se na sua relação com as necessidades do homem. Desta maneira, a atividade prática é resultante das necessidades humanas (naturais ou criadas) e neste sentido é essencial (VAZQUEZ, 1987).

Trabalhar, portanto, numa atividade significativa é humanizar a natureza, tanto a interna, como a externa. Os produtos do trabalho são úteis e, ademais, expressam forças essenciais humanas, evidentemente desde que este trabalho seja de natureza criadora, não alienante.

5.5.4 Arte e Atividade Artística

Compreende-se aqui, atividade Artística, englobando o conceito de Atividade criadora.

O trabalho humano, na atualidade, para a maioria das pessoas, está ligado à necessidade de assegurar sua subsistência física. Geralmente é um trabalho imposto, forçado pelas necessidades, exterior ao indivíduo que já não satisfaz sua ânsia interior, especificamente humana de afirmar-se no mundo objetivo.

A atividade artística, tende a realizar precisamente esta afirmação da essência frustrada no trabalho alienado e que, mesmo quando o trabalho humano tem um caráter positivo para o trabalhador, aparece ilimitada pelas exigências de sua utilidade material.

O trabalho artístico pode responder fundamentalmente à busca de uma utilidade material sem negar o que constitui a verdadeira finalidade de sua atividade: expressar as forças essenciais do ser humano.

Daí que o artista não possa produzir respondendo a uma exigência exterior, convertendo sua atividade numa que lhe seja estranha, imposta de fora, já que, neste caso, não satisfaz sua carência interior de explicitar sua riqueza humana, sua atividade deixa de ser um fim para converter-se num meio. Só quando o artista cria livremente, respondendo a uma tendência interior pode encaminhar sua atividade para a verdadeira finalidade da arte: afirmar a essência humana num objeto concreto-sensível. Criar livremente, aqui inclui a capacidade de dominar aspectos técnicos para esta criação. Esta reflexão aplica-se também às pessoas que não são consideradas artistas.

Dado que a arte revela o princípio criador que, sob forma limitada, já encontramos no trabalho, o desenvolvimento universal da personalidade exige que todo homem, como ser criador, seja de certo modo um homem-artista, isto é, um homem situado numa atitude criadora diante do mundo e das coisas. Por esta razão, a arte como atividade excepcional, exercida por uma minoria de indivíduos excepcionalmente dotados, ape-

sar dos valores estéticos e humanos que possa legar, contribuir para manter a mutilação da personalidade, pois esta se conserva afastada de uma esfera, como a criação, que lhe é vital. A concentração do talento artístico num número reduzido de indivíduos mantém o princípio da divisão do trabalho, com todos os seus males, numa esfera que, por essência, deve ser universal: a esfera da criação. (VAZQUES, 1978).

As idéias acima podem esclarecer também, o porquê de se optar por trabalhar preferencialmente com atividades artísticas.

Com relação aos aspectos terapêuticos, o exercício da capacidade criadora, por meio de atividades artísticas, parece um dos principais pontos a ser ressaltado.

O homem deve ter desenvolvido o sentido correspondente a fim de que os objetos, os acontecimentos e os valores tenham um sentido para ele. Para o homem que não tem os sentidos de tal modo desenvolvidos, os outros homens, as coisas e os produtos carecem de um sentido real. [...] Portanto, um homem com sentidos desenvolvidos possui um sentido também para tudo quanto é humano, ao passo que um homem com sentidos não desenvolvidos é fechado diante do mundo e o percebe não universal e totalmente, com sensibilidade e intensidade, mas de modo universal e superficial, apenas do ponto de vista do seu próprio mundo, o que é uma fatia universal e fetichizada da realidade. (KOSIC, citado por SCHLICHTA, 1998. p.72).

Segundo estes pressupostos, a atividade prática se constitui sempre em atividade vital à existência. O desenvolvimento da consciência, das necessidades humanas, da atividade prática, da interação social e da atividade criadora, tem uma relação indissolúvel

A criatividade como categoria inserida nas atividades criadoras, apresenta segundo a equipe de LOWENFELD, da Pennsylvania State University, nos Estados Unidos, oito aspectos próprios: Sensibilidade a problemas, fluência, flexibilidade, originalidade, habilidade para redefinir e para rearranjar, análise, síntese e coerência de organização.

A mente criadora busca a aventura e não teme o risco de liberdade, contrária a uma educação de forte conteúdo científico que leva ao desen-

volvimento apenas do pensamento convergente, ampliando a lógica e o sentido prático imediato. O pensamento divergente deve ser estimulado, o que leva o indivíduo a desenvolver sua capacidade de flexibilização e adaptação.

Capítulo 6

Ensino-aprendizagem das atividades expressivas, criativas e artísticas na formação de terapeutas ocupacionais

Iniciei minha prática docente em Terapia Ocupacional em 1983 com dois anos de formado e o mesmo tempo de prática clínica, e cursando uma especialização em Terapia Ocupacional Dinâmica, focada na Saúde Mental. Havia tido uma experiência em iniciação à docência como monitor da disciplina Recursos Terapêuticos, como era chamada na época, que foi o que me despertou e motivou para a carreira docente.

Fui contratado na Universidade Tuiuti do Paraná para ministrar três disciplinas: Terapia Ocupacional em Saúde Mental, Atividades e Recursos Terapêuticos e Supervisão de estágio em Saúde Mental. Me mantive fiel a essas três disciplinas durante toda a minha carreira como docente e pesquisador, embora tenha ministrado também outras disciplinas ocasionalmente.

Nesse trabalho o foco é para a disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos, que possui diferentes denominações em cada Instituição de Ensino. Na Universidade Federal do Paraná, esta disciplina já teve diferentes formatações. Vou descrever aqui a formatação do projeto pedagógico atual 2020. O que era inicialmente uma disciplina, foi dividida em várias, sendo elas: Atividades da Vida Diária e Atividades Instrumentais da Vida Diária, Atividades de Trabalho, Atividades de Lazer e Atividades Expressivas e Criativas e foi nessa última que permaneci.

A disciplina denominada Atividades expressivas e criativas conta com três docentes e subdivide-se em três módulos: Atividades corporais, Atividades narrativas visuais, orais e escritas e Atividades expressivas e

plásticas. Foi neste último módulo que mantive minha prática docente. A disciplina tem uma carga horária de 60 horas semestrais, divididas em quinze semanas letivas e cada módulo oferece um máximo de 15 vagas, por ter uma característica eminentemente prática. Os estudantes permanecem cinco semanas em cada módulo e depois rodíziam. É uma disciplina de Laboratório ministrada no segundo semestre do curso.

A ementa da disciplina é composta pelo seguinte texto: Estudos da corporeidade, afetividade, expressividade, linguagens e criação estética. Vivências e experiências de atividades. Reflexão sobre si mesmo e a atividade no raciocínio clínico-profissional.

O programa do Módulo é composto de três unidades descritas a seguir.

Unidade I - Desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva. Nessa unidade é estudado o Ser humano e sua necessidade de expressão e criação.

Unidade II - Teorias, Metodologias e abordagens da Utilização da Arte em Terapia Ocupacional. Nessa unidade são estudados os principais autores e suas Teorias: Nisse da Silveira, Rui Chamone Jorge, Maria José Benetton, Eliane Dias Castro, Milton Carlos Mariotti, Birgitta Gunarsson, dentre outros.

Unidade III - Vivências e Análises de Atividades expressivas plásticas

Nessa unidade são desenvolvidas vivências de Desenho, Pintura e Modelagem/escultura.

O que considero mais importante aqui e que descrevo a seguir é a metodologia desenvolvida.

Trata-se do ensino-aprendizagem de conteúdos a respeito das atividades expressivas, criativas e artísticas para o contexto da terapia ocupacional, sendo um laboratório de aulas eminentemente práticas. Vários questionamentos surgiram no início sobre como ensinar por meio da própria atividade, por meio da vivência dessas, a compreensão do potencial terapêutico das mesmas, diferenciando, no entanto, de um processo terapêutico. O objetivo aqui não é tratar, mas ensinar, possibilitar, por meio dessas vivências a compreensão do potencial terapêutico.

Naturalmente, recorri aos meus conhecimentos da Pedagogia Waldorf, baseada na integração do pensar com o corpo e os sentimentos.

A primeira parte da aula era sempre destinada a aspectos expositivos, apresentação de seminários. Na segunda parte da aula eram desenvolvidas as atividades e realizada sua análise e correlações com a teoria.

Para um maior envolvimento dos estudantes, a primeira unidade que estuda o desenvolvimento da capacidade criadora foi estruturada de maneira que o grupo deveria estudar os estágios do desenvolvimento da capacidade criadora desenvolvido por Lowenfeld (1970), que são seis: a fase das garatujas (2 a 4 anos), a pré-esquemática (4 a 7 anos), a esquemática (7 a 9 anos), a idade da turma (9 a 12 anos), a Pseudonaturalista (12 a 14 anos) e o período da decisão (14 a 17 anos), dividindo-se de acordo com a proximidade que os estudantes tinham de crianças e adolescentes que se encontravam naquela fase. Poderiam ser filhos, irmãos, primos, vizinhos, etc. Eles deveriam coletar desenhos dessas crianças e adolescentes que quisessem contribuir e correlacionar as características desses desenhos com o texto descrito pelo autor.

Na primeira aula, os próprios estudantes faziam um desenho livre e ficavam bastante sensibilizados com atividade, pois a maioria não desenvolvia esse tipo de atividade há muito tempo. A grande maioria tinha muitas críticas em relação a seus desenhos, diziam que não sabiam desenhar, que seu desenho era muito infantil, que era muito difícil desenhar algo livre. Nessa altura da aula, trabalhávamos as questões culturais relativas a esse tipo de atividade, que não é estimulada em nossa sociedade, especialmente a partir do segundo grau e que ao contrário todo reforço social vai na direção de utilizar o tempo para a preparação para o vestibular. Era reforçada a importância do processo e não do produto. A maioria fazia correlações e apresentavam lembranças de momentos de vida e eram convidados para pesquisarem até a próxima aula os símbolos, significados dos elementos contidos em seus desenhos, assim como o simbolismo das cores.

Todos se envolviam muito com essa atividade, porque entravam em contato com as crianças e adolescentes com os quais tinham contato e ficavam muito curiosos para compreenderem os desenhos dos mesmos, correlacionando com os pensamentos e conceitos desenvolvidos pelo autor base, mas indo além e pesquisando outros autores.

A partir da segunda aula a atividade artística, expressiva, criativa desenvolvida era a pintura com tinta aquarela em papel molhado. Uma técnica muito utilizada nas escolas Waldorf. Nessa técnica a pintura é realizada com as cores básicas inicialmente, uma a uma. Cada cor é relacionada com os elementos da natureza e os movimentos característicos desses elementos. Por exemplo o azul, é encontrado onde na natureza? Na água, no céu. E quais são os movimentos característicos? geralmente a resposta é que são movimentos ondulados, esvoaçados. Considerando que a pintura é a combinação de cor (pigmento) e movimento (realizado por meio do pincel), o papel deverá ser pintado com a cor e o movimento, sem buscar forma nesse momento. Depois do papel seco, é feito um exercício de observação e na linha de raciocínio do “desenhando com o lado direito do cérebro”, onde é possível olhar para o trabalho e encontrar formas, que poderão ser reforçadas com a mesma tinta aquarela, caminhando para uma técnica de pintura em camadas, ou com um giz pastel seco ou mesmo com lápis de cor. A primeira parte do trabalho é extremamente relaxante para a maioria e a segunda parte é muito gratificante encontrar e reforçar formas, elas já estão lá, não é preciso produzi-las e nem saber técnicas de desenho para isso.

Isso é trabalhado com cada cor, depois a mistura das duplas de cores, que dão origem às cores secundárias, depois as cores terciárias e por fim uma composição com todas as cores.

Depois trabalhamos também com a argila, observando os estímulos senso perceptivos e as possibilidades de evolução para a forma.

Paralelamente a cada aula os aspectos teóricos vão sendo desenvolvidos, com os seminários sobre as teorias e práticas dos Terapeutas

ocupacionais que escreveram e desenvolveram pesquisas sobre o assunto.

Se faz necessário aqui o trabalho para que os estudantes compreendam o valor, o lugar e a importância desse tipo de atividade e a desmistificação do artista gênio. É preciso reconstruir com esses estudantes em primeiro lugar a valorização desse tipo de atividade, tanto socialmente, como para o auto desenvolvimento deles mesmos como futuros terapeutas ocupacionais e pessoas, como também para a utilização desse tipo de atividade como recurso diagnóstico e terapêutico.

Mas o processo de ensino aprendizagem é complexo. Stoltz e Weger (1995), descreveram o conceito do “pensar vivenciado”. O aprendizado não é visto dentro de uma visão reducionista, intelectualista e conteudista, mas sim a partir de uma visão ampliada, um aprendizado que integra o pensar, o sentir e o querer. Os mesmos autores citando Gauthier (1999) afirmam que conhecer requer vivência, envolvimento! que além da razão, é possível acessar o conhecimento por meio do diálogo sensível, emocional e intuitivo.

Stoltz, Weger e Veiga (2017) também destacam o importante aspecto a ser observado, o de que, além da aprendizagem do conteúdo a educação superior também pode contribuir para a auto transformação. O estudante e as pessoas em geral continuam seu desenvolvimento como ser humano e a vivência de atividades artísticas, expressivas e criativas são excelente ferramenta para possibilitar esse desenvolvimento.

O processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento nesse módulo da disciplina é curto, rápido, mas intenso e capaz de gerar mudanças, transformações e aprendizado efetivos.

Considerações finais

A construção de novos conceitos sobre a utilização de atividades expressivas, criativas e artísticas em terapia ocupacional

Deve-se considerar que, como todas as terapêuticas, a terapia ocupacional situada num espaço e num tempo cultural, que são dinâmicos, passa por constantes transformações. Esta noção parece necessária para os terapeutas ocupacionais de forma geral. É importante conhecer os fundamentos do início da profissão e estar atento para seus desenvolvimentos.

Uma das maneiras facilitadoras para atualizar e acompanhar este movimento, é por meio da educação, que procura construir e adequar seus referenciais teóricos de maneira rápida e ágil. Qual é o perfil de ser humano e de profissional que a sociedade espera nos dias de hoje? Perguntas como estas, são feitas pelos profissionais da Educação diariamente, e o que é mais interessante, são respondidas e já colocadas em prática.

A criatividade, associada à busca de soluções novas, a iniciativa em tomar decisões adequadas na hora certa, à flexibilidade de posição para assumir ritmos variados de trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) prevê como finalidades, a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamentos posteriores. (BRASIL, 1996; GROSS, 1998).

Criatividade aliada ao conhecimento é um meio de ampliação das competências e habilidades, de desenvolvimento da capacidade do indiví-

duo de saber fazer, saber buscar informações, saber produzir resultados, saber manejar equipamentos, saber se adaptar a novas funções, necessidade de superar um comportamento fundado na repetição de tarefas rotineiras.

Ser competente frente às transformações tecnológicas, no contexto atual, é um comportamento que está num novo ingrediente: a subjetividade.

A criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, são aspectos estimulados para facilitar a constituição de identidades capazes de suportarem a inquietação, conviverem com o incerto, o imprevisível e o diferente.

A leveza, a delicadeza e a sutileza, estimulam a compreensão não apenas do explicado, mas também, e principalmente, do inusitado; são mais contemporâneas de uma era em que a informação caminha pelo vácuo, de um tempo no qual o conhecimento no microcircuito do computador vai se impondo sobre o valor da força física, presentes nas já antigas estruturas mecânicas.

Frente à valorização destes aspectos, os artistas, educadores e também os terapeutas ocupacionais têm respondido de modo otimista, deduzindo que a ênfase na criatividade e nas atividades artísticas correspondem à verdadeira essência da arte, ou seja, possibilitar ao homem a ampliação dos sentidos. Nesta perspectiva permitindo-lhe atuar e afirmar-se tanto em seu redor como em seu saber.

Esta frase revela um dos objetivos primordiais da terapia ocupacional, que o indivíduo possa afirmar-se em seu ser, como também em seu saber, mas principalmente em seu fazer, ou por meio dele.

A ação humana não ocorre, única e simplesmente, por necessidade de sobrevivência, mas porque o homem tem necessidade de afirmar-se como ser humano. Mediante o trabalho criador, forma especificamente humana de atuar sobre a realidade, humanizando-a, o homem age sobre sua vida, elevando-se e transformando-se, portanto, humanizando-se.

Os teóricos que escrevem sobre operários nas fábricas, nos dizem que a capacidade de elaboração intelectual da própria experiência foi retirada do trabalhador pela desqualificação imposta pela heterogestão. Este mesmo postulado pode ser aplicado às pessoas com transtornos mentais, que por longo tempo, estiveram tutelados pelas instituições, por seus familiares e limitados pela própria patologia.

E justamente neste sentido, que a atividade artística poderá contribuir para o tratamento, habilitação ou reabilitação do paciente porque, juntamente com o domínio das habilidades requeridas pela sociedade, ele vai desenvolvendo sua consciência, percebendo-se como um ser histórico, como alguém que faz parte de uma classe à qual tem sido negado o acesso a vários direitos, dentre eles a arte e cidadania.

Uma proposta de terapia ocupacional, por meio da arte, ou de atividades artísticas, para ir além de uma prática superada, precisa se constituir de um conjunto de ações político-estético-educativas que vá além de uma ação reduzida aos objetivos de sensibilizar e desenvolver habilidades, com a utilização de experiências artísticas.

A atividade artística na saúde, por meio da compreensão mais clara do papel da arte na sociedade e na vida do paciente/cliente e também dos profissionais, traz suas condições de afirmação e de negação, dependendo da forma de utilização. Afirma sua positividade na medida em que amplia o espaço de acesso à arte, por meio do contato direto com diferentes linguagens artísticas e a cultura; e de outro lado, contraditoriamente, à medida que reduz o papel dessas atividades a exercício e aquisição de habilidades, para apenas tornar o paciente/cliente apto a realizar suas tarefas, de acordo com a divisão do trabalho, ou um mero ajustamento social.

O acesso à arte, ao mesmo tempo, amplia as condições do paciente/cliente e profissional, tornando-os protagonistas, aqueles que produzem e criam, como num processo dialético, novas condições materiais e ideológicas, a fim de romper as estruturas que os impedem de

transformar uma realidade social e individual, muitas vezes opressiva e excludente.

Neste trabalho, a visão de terapia ocupacional, está em acordo também com a perspectiva dialética do ensino da arte, no sentido de que está particularmente centrada na concepção de arte como uma ação que envolve o indivíduo enquanto sujeito e o conhecimento artístico como uma experiência, um ato que torna o homem mais humano, inclusive na ciência.

A arte é real e uma atividade do homem e para o homem; sua tarefa não se reduz a desenvolvimento de determinadas qualidades no sujeito. O acesso à arte, por meio da produção ou da apropriação da produção artística, permite aos homens ampliar sua consciência sobre a realidade humano-social, da qual fazem parte. Nesta compreensão, a arte é enfatizada como atividade criadora, numa perspectiva da prática artística que não se reduz a contemplação e ao desenvolvimento da criatividade e de habilidades. Vê-se, dentro das contradições inerentes a estas atividades, um novo horizonte, uma nova tarefa à arte na formação humana e no tratamento e reinserção social daqueles que estavam excluídos.

Este projeto oportuniza aos diferentes sujeitos a formação dos sentidos e a satisfação de uma necessidade efetivamente estética. O trabalho está também na articulação da atividade artística com um conjunto de outras ações, que extrapole os aspectos exclusivamente técnicos de treinamento de padrões de comportamento, socialmente aceitos e elaborados segundo os interesses exclusivamente sociais e econômicos. Embora os aspectos técnicos, sobre o manejo das atividades, sejam também muito importantes.

O grande desafio na implementação deste projeto, artístico-cultural-terapêutico e de formação profissional, está na necessidade de romper com a indiferença e a alienação do próprio paciente/cliente, por vezes dos profissionais, do homem de forma geral, para possibilitar a mudança da situação de exclusão, o que exige, não só o trabalho direto com o paciente/cliente e profissional, mas também envolvendo a sociedade.

O trabalho criador torna-se assim, uma estratégia, uma visão estética e ética, construída historicamente; uma concepção de mundo, sendo uma das condições culturais necessárias, à classe dos excluídos e dos excludores, na luta por uma nova sociedade, ou por novos espaços nela.

Reafirma-se a perspectiva qualitativamente distinta, superadora do conceito de que a arte é uma atividade reservada somente aos gênios. A arte é uma atividade, ao mesmo tempo conectada com a experiência individual e coletiva.

A necessidade de compreender a arte como uma atividade vital, construída no processo histórico da humanidade, nos permite formular a finalidade da atividade artística na formação profissional, humana, bem como nos processos de tratamento, inserção e reinserção social: contribuir para a satisfação da necessidade humana de expressão, afirmação e interação com a realidade.

As atividades artísticas, na escola, na fábrica, no hospital, no consultório ou em outros setores da vida social, são importantes não apenas como meras experiências, não somente porque possibilita a ampliação do tempo e do espaço de contato com a arte; mas porque responde também à necessidade de autoafirmação humana, quando permite aos diferentes sujeitos experienciarem a arte, não mais como objeto de museu, exposta a uma curiosidade indiferente, mas como via de humanização, de direito e de fato.

Estas atividades permitem que o indivíduo amplie sua sensibilidade em relação a si mesmo e aos outros.

O simples contato com a arte ou a experiência artística não realiza um efetivo acesso. A experiência é necessária, embora não suficiente para efetivar o domínio, portanto, é ponto de partida, não ponto de chegada.

Questões propostas são respondidas de maneiras diferentes por cada pesquisador, porque é necessário considerar a sua formação, que pode ter sido em diferentes escolas, em épocas distintas e com histórias de vida diversas.

Acredita-se que a maioria das questões levantadas inicialmente tenha sido respondida no decorrer do trabalho.

Por meio do desenvolvimento das atividades artísticas num processo de terapia ocupacional, é possível ao indivíduo mudar sua forma de funcionamento, transformar-se, desenvolver-se e assim, conseqüentemente, mudar sua própria vida, assim como isso é igualmente possível aos profissionais que trabalham com essa clientela e ao ser humano de forma geral.

O ensino-aprendizagem da atividade, quando incluído no processo de terapia ocupacional, enriquece sobremaneira os resultados. Como incluí-lo no desenvolvimento da terapia ocupacional, depende, conforme já citado anteriormente, da formação pessoal de cada terapeuta ocupacional.

Considera-se que, na medida em que houver uma melhor sistematização e inclusão deste conteúdo, ou melhor, desta filosofia, na própria graduação, os resultados poderão ser mais eficazes na formação dos profissionais e por conseqüência na assistência prestada à população de forma geral.

Evidentemente, que esta é também, uma forma particular de ver e de compreender essa questão na terapia ocupacional.

Reafirmando conceitos já conhecidos, pode-se dizer que a atividade possui a capacidade de modificar o homem, desde que seja bem aplicada, bem conduzida, e principalmente para isto, bem conhecida, vivenciada para que se possa explorar ao máximo as suas potencialidades, o seu manejo e o desenvolvimento humano que pode ser decorrente desse processo.

Utilizou-se a forma Terapia Ocupacional, para referência à profissão e terapia ocupacional, para referência à metodologia e técnica, pois concordando com BENETTON, é motivo de grande confusão, o fato do nome da profissão, ser empregado também para definir as técnicas e metodologias utilizadas.

A arte terapia, terapia artística e terapias expressivas, são técnicas, que não só podem, como devem ser utilizadas Terapia Ocupacional, para o que, o terapeuta ocupacional precisa conhecê-las e dominá-las, o que amplia o seu arsenal de recursos.

Considera-se também que as próprias técnicas e metodologias da terapia ocupacional precisam ser estimuladas em seu desenvolvimento, sistematizadas, registradas e divulgadas.

Essas especialidades emergentes anteriormente citadas, são resultado de uma tendência em que o conhecimento precisa ser altamente especializado, apesar de algumas diferenças de opinião e tentativas de reversão deste entendimento. Portanto, um alerta à categoria é o fato de ser necessário um aprofundamento dos conhecimentos sobre o assunto, se é que se deseja trabalhar de forma eficaz com este recurso, pois o mesmo tem se tornado cada vez mais complexo e mais apreciado por outras categorias profissionais.

Lembra-se ainda uma vez mais que, neste trabalho, foi feito um recorte para aprofundamento e estudo de um dos aspectos que compõe o processo de terapia ocupacional: a atividade, e mais especificamente, a atividade artística, expressiva, criativa. Isto não significa que os outros aspectos foram esquecidos ou negligenciados, ao contrário, seus valores são reconhecidos e respeitados igualmente.

Referências

- ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas, uma pesquisa de referencias teórico-práticos. São Paulo. 1993. Tese (Doutorado em Psicologia clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- ARRUDA, Elso. Terapêutica ocupacional psiquiátrica. Rio de Janeiro: s.e.1962.
- BENETTON, M.J. Trilhas associativas. Ampliando recursos na clínica da psicose. São Paulo: lemos,1991.
- _____. A terapia ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental. Campinas, 1994. Tese (Doutorado em Saúde Mental), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: *Perspectiva*, 1994.
- _____. (Org.) Leitura no subsolo. São Paulo: Cortez,1997.
- BERTOLOTE J.M. Em busca de uma identidade para a reabilitação psicossocial. Em: A. Pitta(org.), Reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- BRASIL, Lei n.9394 de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, n. 248, p.27833-27841, 23 dez.1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação, Parecer 622/822.
- BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1996.
- CARVALHO, Maria Margarida M.J. de. A arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy It, 1995.

CASTORINA, José; FERREIRO, Emília; LERNER, Délia et AL. PIAGET-WIGOTSKY: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1997.

CASTRO, Eliane Dias de e SILVA, Reinaldo J. Gomes. Processos Criativos e Terapia Ocupacional. Revista de Terapia Ocupacional. Revista de Terapia Ocupacional. USP, São Paulo, 1(2),1990.

CERQUEIRA, Luiz. Pela reabilitação em psiquiatria (da praxiterapia a comunidade terapêutica). São Paulo: s/e,1973.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: [s.n.],1991.

COTRIM, Gilberto, Educação para uma escola democrática: história e filosofia da educação. São Paulo: Saraiva, 1987.

D'ANDREA, Flávio Fortes - Desenvolvimentos da personalidade, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

FOUCAULT, Michel. Doença mental e psicologia. 2 ed. Trad. Lilian Rose Shalder. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FRANZ, Teresinha. Revelando o museu Victor Meirelles rumo á descoberta do seu potencial pedagógico e à educação em artes visuais em Florianópolis. Curitiba,1996. Dissertação (Mestrado em Educação- Linha de Pesquisa Arte Educação, Universidade Federal do Paraná.

FRAYZE PEREIRA, João A. Olho d'agua: arte e loucura em exposição. São Paulo: Escuta, 1995.

GARDNER, Howard. As artes e o desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIOVANNONI, Natalice de Jesus Rodriguez, interferência da aplicação de um programa de artes plásticas no desenvolvimento integral de pré-escolares. Curitiba, 1984. Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

_____, Arte e Educação. Curitiba,1997. (Artigo não publicado),

GROSS I, Ester; LDB, Lei de Diretrizes e bases da educação Lei 9.394/86. Rio de Janeiro: D.P&A editora, 1998.

HAUSKA, Margaret. Terapia artística. São Paulo: Antroposófica, 1987. VI.2 Natureza e tarefa da pintura terapêutica.

_____. Terapia artística. São Paulo: Antroposófica, 1987. Vol. 3. Contribuições para uma atuação terapêutica.

HEIDE, Paul Von der. Terapia artística. São Paulo: Antroposófica, 1987. Vol. I. Introdução aos fundamentos da pintura terapêutica.

JASPERS, K. Psicopatologia geral. Psicologia compreensiva, explicativa e Fenomenologia. São Paulo, Rio de Janeiro: Atheneu, 8ª Ed. s.d.

JORGE, Rui Chamone. Chance para uma esquizofrênica. Belo Horizonte: I. Oficial,1981.

_____. O objeto e a especificidade da terapia ocupacional. Belo Horizonte: GESTO, 1990.

LOWENFELD, V; BRITAIN, W.L., Desenvolvimento da capacidade criadora, São Paulo: Mestre Jou,1970

LUZ, Rogerio; LINS, Maria Ivone Accioly. D.W. WINNICOTT experiência clínica& experiência estética. Rio de Janeiro: Revinter. 1998

MEDEIROS, Maria Heloisa. Métodos de instrução para atividades expressivas. Apostila Mimeografada, disciplina Terapia Ocupacional Geral I Puc, Campinas,1979.

NICCÁCIO, M.F.de S O processo de transformação da saúde mental em Santos: desconstrução de saberes, instituições e cultura. Dissertação de Mestrado. Unicamp. 1989

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes,1986.

_____. Universos da arte. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Campus,1996.

PARSONS, Michael J. Compreender a arte. Lisboa: Presença,1992.

- PILOTTO, Sílvia Sel D. O Ensino da arte na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação- Linha de Pesquisa Arte Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. (1997). Curitiba.
- PINTO, Jussara. As correntes metodológicas em terapia ocupacional no Estado de São Paulo (1970-1985). São Carlos, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.
- PITTA, Ana (Org.). Reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo Hucitec, 1996.
- READ, Herbert. O sentido da arte. 6ª Ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- SCHLICHTA, Consuelo A.B. Duarte. Arte Educação; o trabalho criador e o conhecimento artístico como fundamentos do ensino da arte. Curitiba, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação- Linha de Pesquisa Arte Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.
- SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. 4 ed. Brasília: Alhambra, 1981.
- STOLTZ T. WEGER U. o pensar vivenciado na formação de professores. Educar em revista, Curitiba, Brasil, abr/jun 2015 n 56,67-83
- STOLTZ T. WEGER U. VEIGA M. Higher Education as Self – Transformation Psychology Research, February 2017, vol 7. N2, 104-11
- TEDESCO, Solange- A Prática da terapeuta ocupacional em farmacodependência – brincando na roda de fogo- revista do Centro de Estudos de terapia ocupacional. São Paulo. V.I, n.1, 1995.
- TRIVINOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VILLARES, Cecília C. Terapia ocupacional na esquizofrenia. Em: O desafio da esquizofrenia. Shirakawa Itiro; Mari, Jair J; Chaves, Ana Cristina/ São Paulo: Lemos Editorial, 1998.
- VAZQUEZ, Adolfo Sanches. Filosofia da Práxis. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.
- WINNICOTT, D.W. O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago. 1971

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org